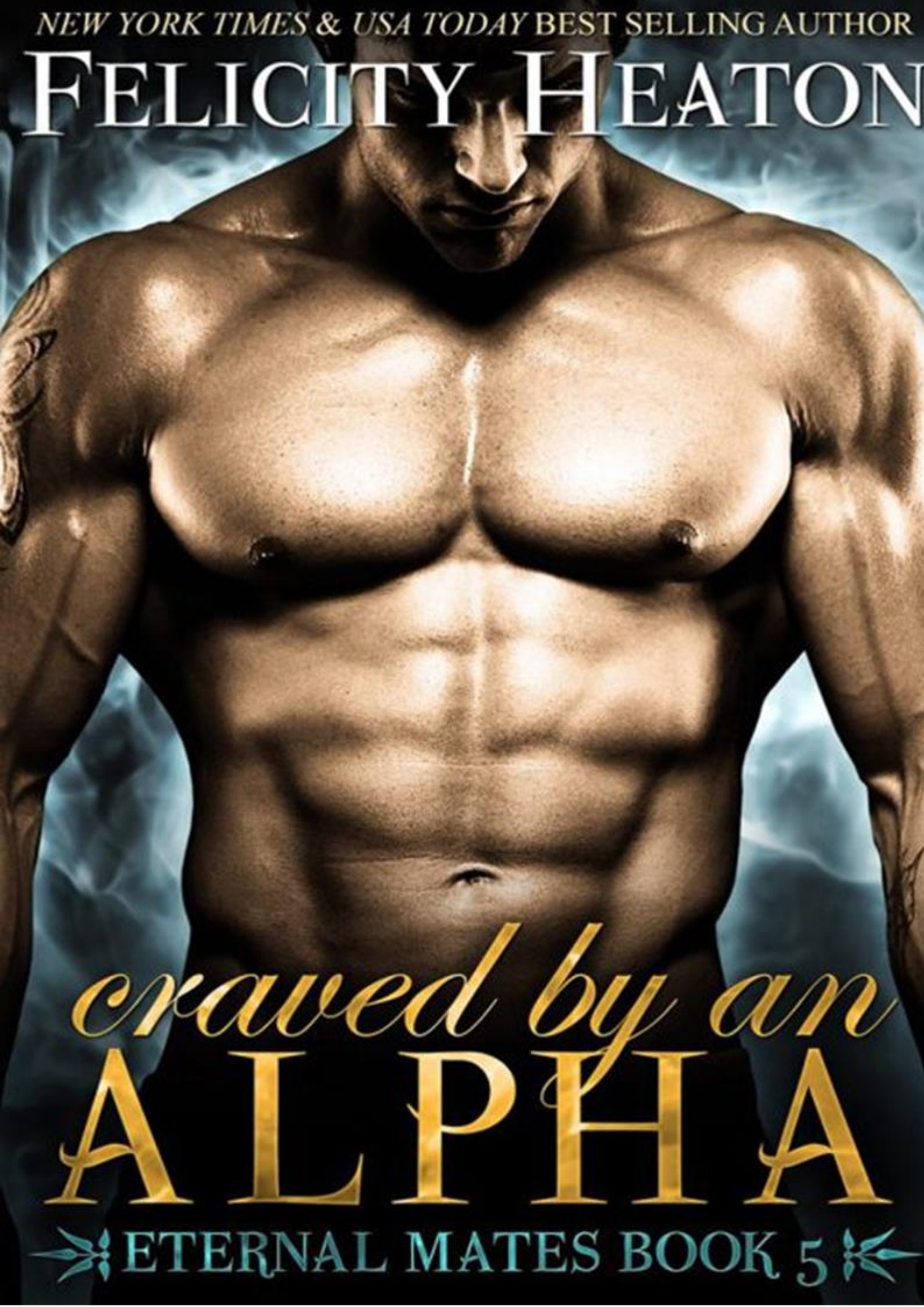

NEW YORK TIMES & USA TODAY BEST SELLING AUTHOR
FELICITY HEATON
CRAVED BY AN
ALPHA
ETERNAL MATES BOOK 5



EXCLUSIVE STARS BOOKS

ETERNAL MATES











Tendo virado as costas para seu orgulho de leopardo da neve, Cavanaugh tem contado os dias até que esteja livre de um papel que nunca desejou um que o separasse de sua fêmea predestinada e ficasse entre ele e o futuro que ele anseia com ela.

Apenas alguns dias da noite, ele finalmente estará livre para estar com a beleza de baixo escalão que roubou seu coração, ela volta para sua vida e ameaça destruir tudo em que ele trabalhou nos cinco longos anos em que estiveram separados.

Eloise viajou pelos continentes em busca do macho que já foi seu melhor amigo e muito mais para ela, mas agora era o verdadeiro alfa de seu orgulho. Desesperada para cumprir uma promessa a seus parentes para salvá-los do tirano que ele deixou no comando, ela convence Cavanaugh a retornar ao seu orgulho, mas enquanto eles viajam para o Butão, as dúvidas florescem e sentimentos antigos ressurgem, rasgando-a entre o dever e seus desejos mais profundos e sonhos impossíveis.

Eloise será capaz de resistir à necessidade ardente que nela e se lembrar de seu lugar no orgulho? E pode Cavanaugh encontrar uma maneira de salvar seus parentes e reivindicar o futuro que anseia com a mulher que ama?

CAPITULO UM

Cavanaugh olhou para o relógio. As luzes coloridas acima do bar do Submundo brilhavam no rosto de vidro no ritmo da música, mas não o impediam de ver o que ele queria. Já era meia-noite. Quatro anos e trezentos e cinquenta e sete dias haviam se passado. Em oito dias, com o nascer da lua cheia, ele seria um homem sem status.

Ele não podia esperar.

Era como se esse momento tivesse chegado muito tempo, como se ele estivesse esperando uma eternidade para passar. A política do orgulho e toda a besteira que acompanhava o território deixariam de existir.

Ele estaria livre.

Cavanaugh encostou o traseiro no canto do bar negro, afastando-se da área iluminada para a esquerda, onde Sherry estava flertando com outro grupo de jovens fae enquanto servia bebidas, enrolando o rabo de cavalo loiro em seus dedos e Kyter estava pisando como se estivesse mastigando uma vespa. Difícil. O grande shifter de pêlo ruivo estava de mau humor desde que sua nova companheira, Iolanthe, retornara à sua terra natal do reino dos elfos para dar a notícia aos pais. Aparentemente, Kyter queria ir com ela, e Iolanthe sabiamente decidira ir sozinha. Cavanaugh a ouviu mencionar algo sobre como ele ameaçou matar os pais dela.

Ele suspirou e revirou os ombros para aliviar a dor que crescia neles, nascida de uma sessão de treino que durou mais de meio dia. Quanto mais perto ele chegava do dia que ele estava esperando, mais tenso ele se tornava e o único lançamento que encontrara estava desencadeando o inferno na academia que Kyter montara na parte de trás da boate que Cavanaugh chamava de lar.

Seu chefe havia sugerido encontrar uma fêmea para satisfazer suas necessidades, mas Cavanaugh não estava interessado nas mulheres que

freqüentavam o clube ou em sua atenção. Ele provavelmente poderia ter a sua escolha, mas havia apenas uma mulher que ele queria neste mundo.

Sua companheira predestinada.

Apalpou o bolso direito da calça preta, sentindo a carteira ali, seus pensamentos com a fotografia desbotada que continha. A imagem estava gravada em sua memória, queimada ali por incontáveis horas passadas em sua cama em seu pequeno apartamento nos fundos do submundo, segurando a velha foto acima dele e olhando para ela.

Incontáveis horas cheias de arrependimento.

Incontáveis horas em que ele se perguntou como as coisas poderiam ter sido diferentes.

Ele estava tentando fazer a diferença acontecer. Ele estava tentando mudar os caminhos que de alguma forma acabaram pisando e os trouxe de volta.

Os métodos que ele escolheu não tinham sido os melhores, mas ele não podia mudar as coisas agora. Ele fizera sua escolha e vivera com ela, através da luta que quase levara sua vida à dor de perceber o erro que cometera ao fim de cinco anos de separação que havia quebrado parte dele.

Essa parte dele tinha sido fraturada antes de ele colocar em movimento a série de eventos que o trouxeram para o submundo.

Tinha sido uma fonte constante de dor desde aquela noite fatídica na aldeia de seu orgulho e ele estava fazendo o melhor para conter o fluxo, sentindo-se como se estivesse tentando conter um tsunami com as próprias mãos. Todas as noites, desde então, ele havia remendado seu coração o melhor que podia e lutado pela força para continuar andando para frente, com os olhos fixos no futuro que queria, determinado a fazer acontecer.

Determinado a transformar todos os erros que ele cometera, e a dor e a solidão que ele suportara, em algo glorioso.

Ter sua companheira em seus braços.

Uma comoção perto da entrada da casa noturna à sua esquerda chamou sua atenção e a de Kyter também. Cavanaugh olhou para além do homem de cabelos cor de areia, tentando ver o que estava acontecendo. A multidão era muito grossa, o clube pulando hoje à noite, tornando impossível pegar qualquer coisa que não fosse um lampejo de um capuz cinza e uma mochila. Parecia que alguém havia rolado para o lugar errado.

Eles estavam vestidos para uma maldita expedição, não uma boate onde a maioria dos clientes usava pouco e se exercitava na pista de dança, e nas alcovas sombrias.

Uma fêmea o acenou, acenando com a mão como se ele fosse um escravo e ela poderia ordená-lo ao redor. Cavanaugh lançou-lhe um olhar negro, mas ela insistiu, mostrando-lhe um sorriso que fez sentir frio por dentro.

Ninguém poderia sorrir como pôde.

Seu sorriso iluminou o mundo.

Isso fez com que até o mais frio de seu coração se aquecesse.

O sorriso que ela usava na foto na carteira, os braços em volta do pescoço e a bochecha rosada pressionada contra a dele. Ela se atirara em seus braços quando sua mãe se ofereceu para tirar uma foto deles para testar a câmera que ele comprara para ela como um presente de sua última viagem pela montanha até a cidade grande mais próxima. Ele tinha ficado fora por uma semana e deuses que sentira falta de Eloise naquela época.

Deuses tinha sentido sua falta desde que fugira da vila há cinco anos, seu orgulho em farrapos, mas resolveu queimar em seu coração.

Esperava que ele pudesse ser capaz de esculpir o futuro que ele queria, escapando do que ele nasceu e forçado a aceitar.

Ele estava prestes a desistir e servir a fêmea ainda freneticamente tentando chamar sua atenção quando o trekker encapuzado se aproximou.

Seu olhar se concentrou nele sobre as cabeças dos clientes que ocupavam o bar movimentado.

Era uma mulher. Altura média. Um pouco magra mesmo com o casaco grosso. Ela tropeçou em um grupo de cinco demônios do sexo masculino perto da borda da pista de dança à sua esquerda e acenou com as mãos pequenas ao redor, mostrando cicatrizes que circulavam seus pulsos.

Quando um dos corpulentos homens demônios empurrou levemente seu ombro, mal a tocando, ela cambaleou para trás e quase caiu, mas se recuperou. O que havia de errado com ela?

Ela era um sem-teto, drogada ou talvez bêbada?

Ela estava instável em seus pés enquanto se afastava dos demônios, indo na direção de Cavanaugh, em direção a um grupo de grossas colunas negras que se erguiam dos dois lados da pista de dança para apoiar o teto alto do clube. Os demônios a seguiram, trocando olhares e sorrisos maliciosos que fizeram com que Cavanaugh se perguntasse como era a fêmea. Seu capuz obscurecia seu rosto, escondendo-o dele, mas ele adivinhou que ela era bonita porque os demônios pareciam querer festejar com ela.

Ela acenou com as mãos novamente enquanto se movia diretamente na frente de Cavanaugh, claramente tentando deter os machos, e ele sentiu o cansaço saindo dela. Não bêbada ou com drogada. Ela tropeçou porque estava fraca.

Seus olhos cinza escuros começaram a se alargar.

Ele podia sentir o cansaço dela?

Seu cheiro o atingiu com força, derrubando-o um passo atrás, e ele teve que agarrar a borda do topo preto da bar na frente dele para se firmar. Ele olhou para ela, incapaz de tirar os olhos dela, a cabeça e o coração cambaleando.

Não poderia ser.

Os demônios jogaram suas carrancas negras quando ela mostrou algo. Um pequeno quadrado de papel.

O mais alto do grupo apontou para o bar.

Ela virou.

O coração de Cavanaugh parou.

Cabelos ondulados escuros derramados debaixo do capuz, as luzes do clube tocando sobre a metade inferior de seu rosto, transformando sua pele pálida em cores diferentes enquanto ela procurava o comprimento do bar.

Ele cavou suas garras emergentes no topo do bar de madeira para se ancorar, segurando-se como uma necessidade feroz de ir para ela puxando através dele e lutando contra as ondas de descrença que caiam sobre ele.

Seu coração disse que ela não era nada mais que uma fantasia. Ela era uma invenção de sua imaginação extenuada causada por pensar muito nela, planejando como ele iria fazer as coisas para ela uma vez que ele estivesse livre de seu status e voltasse para a aldeia, e como ele iria quebrá-la para ela que ela era sua fêmea predestinada. Ela não poderia estar aqui. Não era possível.

Sua cabeça e cada instinto que ele possuía diziam que era ela. Ela era real.

E ela era tão bonita quanto ele se lembrava, com seus lábios macios em forma de coração que o faziam ansiar para beijá-la, seu nariz de botão e seus olhos marcantes emoldurados por longos cílios escuros.

Olhando para ela agora, ele não podia acreditar que ele tinha conseguido viver tanto tempo sem vê-la ou cheirar seu cheiro, mas a visão dela fez o curto tempo que eles estavam separados se sentir mais como uma eternidade do que nunca.

Respirou com força, segurando o topo do bar enquanto esperava por ela, com o coração apertado enquanto ele silenciosamente desejava que ela

o notasse, ao mesmo tempo que ele temia. Ele sabia que ela ficaria zangada com ele por deixar o orgulho e deixá-la, e que fazê-la entender suas razões seria difícil. Ele não esperava que ela o perdoasse imediatamente, mas ele estava disposto a trabalhar para reconquistá-la.

Ela era tudo o que importava para ele.

Ele não dava a mínima para sua posição ou o orgulho. Havia apenas uma razão pela qual ele se arrependeu de deixar a aldeia. Havia apenas uma razão pela qual o matara para sair.

Isso o matou para deixá-la.

Mas ela estava aqui agora. Ela estava de pé a poucos metros dele, de volta ao seu alcance, mas ainda além disso, ao mesmo tempo.

Ele amaldiçoou os deuses.

Eles haviam lhe dado tanto seu sonho mais louco quanto seu pior pesadelo. Oito dias. Por que não poderiam ter trazido Eloise para ele em oito dias, quando ele estava livre para ficar com ela?

Esperar aqueles oito dias seria uma tortura, mas ele suportaria isso. Ele lutaria contra todos os instintos que exigissem que ele reivindicasse sua companheira, porque ela merecia ser querida e valorizada. Ela merecia saber que ele a amava e o que eles tinham era real.

Ela merecia ter uma escolha e não se sentir obrigada a ficar com ele porque ele era seu alfa e as regras de orgulho ditavam que ela deveria se entregar a ele se ele expressasse interesse por ela.

Não era o relacionamento que ele queria para eles. Ele precisava saber que ela estava com ele por escolha, não por causa de sua posição.

Ele precisava que ela soubesse que ele a respeitava, a amava e que ela era a única mulher para ele.

Ele não queria outra.

Em oito dias, isso seria possível. Ele estaria livre para ser seu companheiro.

Agora, as leis de sua espécie ditavam que ela só poderia ser sua amante.

Ele nunca faria tal coisa com sua Eloise. Ele nunca a desonraria dessa maneira ou a trataria como se fosse sua inferior. Por mais que o matasse, ele a esperaria.

Ele esperaria para sempre se isso fosse o que demorasse.

Outro dos demônios, um bonito macho de cabelos escuros, colocou a mão no ombro dela e a puxou de volta para encará-lo, um sorriso sedutor curvando seus lábios.

O cheiro acre de medo manchava seu doce aroma.

Cavanaugh rosnou e reagiu por instinto. Ele pressionou uma mão no topo do bar e fechou-a facilmente. Os fregueses do outro lado ofegaram e correram para fora de seu caminho, e ele pousou silenciosamente em seus pés. Ele empurrou através da multidão, não se importando com quantas fadas ou demônios ele irritou quando ele foi direto para ela e para o macho que ousou assustá-la.

Ele empurrou o último dos clientes para fora do caminho e colocou a mão no braço dela um pouco depois. Um raio zumbiu ao longo de seus ossos, incendiando-o e detonando a bomba que era seu temperamento. Ele rosnou através de suas presas emergentes quando ele a puxou para trás, arrancando um suspiro dela, e se colocou entre ela e os demônios.

Ele bateu a outra palma contra o peito largo do demônio, empurrando-o para os quatro atrás dele. O demônio rosnou para ele, uma coroa de fogo em torno de sua íris avisando a Cavanaugh que ele estava prestes a mudar, seus chifres a ponto de emergir e revelar o que ele era para os humanos à sua volta.

Cavanaugh rosnou de volta para ele, o clube se iluminou quando seus olhos começaram a se transformar, tornando-se prateado. Seu sangue pulsava e todos os instintos que possuía rugiam para proteger Eloise. Ele lutou contra a feroz necessidade de mudar, lutando contra a forma de leopardo da neve que se contorcia sob sua pele, agitado por sua fome de rasgar o macho demônio em pedaços com suas garras.

O demônio endireitou-se a toda a sua estatura, quase cinco centímetros mais alto que o de um metro e oitenta e seis de Cavanaugh, e o encarou. Cavanaugh não se mexeu. Ele segurou o olhar do macho, que também se iluminou, começando a brilhar em vermelho. Um dos amigos do macho murmurou alguma coisa e tocou seu ombro, e o macho desviou o olhar de Cavanaugh, olhando para o bar.

Cavanaugh podia sentir Kyter ali, observando o que estava acontecendo. Seu backup silencioso.

Ele apreciava o apoio de seu chefe, especialmente quando os demônios lhe lançavam um último olhar antes de desaparecer no meio da multidão. Ele permaneceu imóvel, observando-os ir, respirando com dificuldade para se firmar e acalmar sua necessidade de mudar. Ele estaria fora de seu emprego e de sua casa, se seu chefe tivesse que explicar às autoridades locais como um leopardo das neves tinha aparecido de repente no Anjos da Noite.

Quando os demônios masculinos se moveram para as bordas de seus sentidos, Cavanaugh percebeu sua mão e o braço delicado que ela segurava. Ele tomou consciência dela onde ela estava atrás dele, tremendo, e não só por causa do medo. Havia fadiga lá também e outra coisa.

A mesma razão que ele estava tremendo por dentro?

Ele havia imaginado esse momento mil vezes ou mais. Não tinha saído exatamente como ele planejara e chegara cedo demais, mas a vida adorava brincar com ele e ele encontrava uma maneira de rolar com ele.

Ele respirou fundo, segurou e lentamente se virou para encará-la.

Ela ergueu os olhos para ele, suas profundezas marrons douradas atingindo-o com força. Ele sempre os amara, conseguira encará-los durante horas enquanto ela falava com ele, ria e sorria. Eles expressavam todos os seus sentimentos.

Hoje à noite eles o faziam sentir frio por dentro.

Eles estavam assombrados.

Sua dor estava clara neles.

Ela baixou os olhos e ele franziu o cenho ao ver como ela se segurava, com o braço livre encostado no peito. Defensiva. Receosa.

As cicatrizes em seus pulsos chamaram sua atenção novamente e ele foi tocá-las, mas ela recuou um passo, colocando o braço livre além de seu alcance. Ele abaixou a mão, não querendo assustá-la ou fazê-la se sentir desconfortável. Ele queria fazer o oposto. Ele queria confortá-la.

A multidão do clube se aproximou novamente, empurrando-o. A música batendo, machucando seus ouvidos e irritando-o. Ele lutou contra a profunda necessidade de mostrar suas presas para as pessoas ao redor deles para afastá-los de Eloise para remover um pouco do medo dela. Ele queria vencer tudo. Seus instintos primitivos mais profundos exigiam que ele a levasse a algum lugar seguro para que isso acontecesse. Em algum lugar ela não sentiria mais medo. Em algum lugar mais silencioso onde eles poderiam conversar.

Em algum lugar eles poderiam estar sozinhos.

Ele puxou-a com ele através da multidão, empurrando todo mundo fora de seu caminho novamente enquanto ele se dirigia para o bar.

— Alguém cobre meu tempo? — Ele gritou por cima do barulho quando chegou ao final do bar.

Kyter assentiu, perdendo seu ar sombrio por um segundo, um olhar em seus olhos dourados quando ele os jogou para Eloise e os prendeu de volta em Cavanaugh. Ele responderia às perguntas do shifter jaguar mais

tarde. Agora, ele precisava saber o que aconteceu com Eloise para trazê-la até aqui, tão longe de casa.

Ela veio por ele? Ou ela veio por um motivo diferente?

Seu coração disse para deixá-lo ser ele, mas ele não ousou esperar que ele fosse a razão pela qual ela estava aqui.

Ele a puxou para a esquerda, para um canto sombrio do clube, e para a porta na parede preta que levava aos fundos. Ele digitou o código no painel prateado, girou a maçaneta e abriu a pesada porta. Foi só então que ele libertou Eloise.

Ele segurou a porta para ela. Ela passou lentamente por ele, sua mochila mudando com cada passo cauteloso que ela dava no grande espaço calorosamente iluminado que funcionava como um enorme corredor, com portas pontuando a parede à direita que levava ao ginásio, sala de jogos e escritórios, e uma escada de metal contra a parede à sua esquerda levava aos apartamentos para o pessoal. Quando ela estava longe da porta, ele entrou e deixou que se fechasse atrás dele. Bateu, o som ecoando em torno do amplo quarto pálido.

Eloise pulou e se virou para encará-lo. O capuz cinza de seu casaco caiu para trás com o movimento, revelando-a para ele.

— Desculpe. — ele murmurou e ela baixou os olhos para os pés novamente.

Cavanaugh silenciosamente amaldiçoou-a. Quando ele imaginou sua reunião, ela não tinha sido tão dócil. Ela tinha sido a mulher que ele conhecia há uma década, antes que a merda fosse para o sul. Ela tinha sido tão bonita e radiante como naquela época também, seus olhos brilhantes e não assombrados, sua pele pálida e clara, não marcada em torno de seus pulsos e escura sob seus olhos.

A visão dela e de seu comportamento agarrou-o, enchendo-o com uma necessidade sombria de descobrir o que lhe acontecera e agir contra qualquer um que pudesse tê-la prejudicado.

Ele sacudiu com aquela necessidade, uma tempestade se formando em seu coração, uma perigosa tempestade que precisava de um alvo alguém que ele poderia fazer sofrer como Eloise claramente tinha.

Um alvo diferente de si mesmo.

Neste momento, ele só podia colocar a culpa em seus próprios ombros e isso o rasgou em pedaços, rasgando seu coração em pedaços e enchendo sua mente com palavras venenosas, aquelas que picaram e o fizeram sangrar.

Eloise nunca iria perdoá-lo.

Eloise nunca seria dele.

CAPITULO DOIS

Cavanaugh dominou seu medo e o levou de volta à submissão, limpando a cabeça das palavras sombrias que o insultavam e firmando seu coração, assegurando-se de que tudo não estava perdido. Eloise estava aqui com ele. Ela veio para ele. Ele precisava se concentrar em cuidar dela e descobrir o que havia acontecido com ela para levá-la a Londres, um mundo distante de sua aldeia nas montanhas do Butão.

— O que você está fazendo longe do orgulho? — Ele se aventurou um passo em direção a ela e ficou grato quando ela não se afastou para manter a distância entre eles. Ele precisava estar perto dela. Ele precisava da realidade para poder acreditar que ela estava aqui com ele, de pé na luminosa sala dos fundos do Submundo, e ele estava falando com ela pela primeira vez desde que assumira o papel de alfa uma década atrás, prestes a ouvir sua doce voz novamente. — O que aconteceu com você? — Ele estendeu a mão e gentilmente pegou seu pulso, levantando-o entre eles e atraindo-a para ele. Ele esfregou levemente o polegar sobre as cicatrizes, marcas que pareciam ter sido feitas por cordas. Quem fez isso com ela? Quem quer que fosse, Cavanaugh iria encontrá-los e despedaçá-los. Ele ia fazê-los sofrer como ela. Um rosnado retumbou em seu peito e se enrolou em sua garganta, nascida de uma fome escura e consumidora para vingá-la.

Ela se soltou e escondeu os braços atrás das costas.

— Maldição, Eloise. — ele latiu e ela abaixou a cabeça, virando o rosto para longe dele.

As ondas castanhas ricas de seus longos cabelos caíram para esconder seu rosto, mas não esconderam como seus ombros tremiam sob o casaco sujo. Ele controlou sua frustração. Ele podia sentir sua luta, podia sentir o cheiro nas mudanças sutis em seu perfume. Estava demorando muito para ela ficar em silêncio quando se sentiu obrigada a obedecer às regras de sua espécie e a respondê-lo.

Por que ela não respondia? Ele precisava saber o que havia acontecido com ela. Encheu-o completamente, um desejo incessante que ele não podia abalar, nascido de sua profunda conexão com ela. Ele temia que ele enlouquecesse ou perdesse o controle se ela insistisse em permanecer em silêncio e se recusasse a lhe contar o que havia acontecido com ela.

Ele ficaria louco se ela se recusasse a olhar para ele ou lhe desse o prazer de ouvir a voz dela também. Ela não podia ver isso?

Ele cerrou os punhos ao seu lado para impedir-se de agarrar seus ombros delgados e fazê-la olhar para ele, e olhou para ela, vendo como ela estava diferente agora. Sentia falta da mulher que o enfrentara inúmeras vezes e o colocara em seu lugar. Aquela mulher parecia ter desaparecido naquela noite fatídica quando ele a reconheceu como sua fêmea predestinada, mas não teve a chance de contar a ela. Ela havia sido arrancada de suas mãos quando ele foi forçado a tomar seu lugar no orgulho pela morte de seu pai, pegando seu manto.

Como alfa.

Cavanaugh sentiu como se a tivesse perdido e seu coração se partiu. Ela se afastou dele, sempre saindo quando as mulheres de status dentro do orgulho se aproximaram dele, mesmo quando ele ansiava que ela ficasse.

Ele tinha doído para ela olhar para ele e sorrir, e deixá-lo saber que ela estava bem.

Ele não queria a atenção das fêmeas. Ele queria a dela. Ele os queria, como deveriam, juntos.

Ele a desejara.

Ainda ansiava por ela.

— Por quê você está aqui? — Ele sussurrou, ainda dolorido para ela olhar para ele e sorrir, e deixá-lo saber que ela estava bem.

Ele doía para ouvir a voz dela novamente e ouvi-la dizer que ela tinha vindo atrás dele. Ele precisava que ela o tirasse de sua miséria. Ele precisava que ela lhe dissesse que nada havia mudado entre eles, apesar de tudo o que havia acontecido e que havia uma chance para ele. Ele precisava disso como nunca precisara de nada antes, como se fosse tão vital quanto o ar em seus pulmões ou uma batida no peito. Ela tinha poder sobre ele como nenhum outro o fez. Nem mesmo o homem que chegara perto de derrotá-lo podia lutar com ela.

Ela tinha o poder de esmagá-lo, matá-lo.

E ela fez isso com apenas um punhado de palavras.

— Por favor, volte para o orgulho. — Aquelas palavras atingiram seu coração já dolorido como adagas, cada uma enviando uma dor ardente para fora do centro do peito.

Ela não veio para ele porque queria estar com ele. Ele tinha sido um tolo para permitir que seu coração o convencesse de que ela tinha tido a coragem que ele não tinha e veio esperar os dias com ele até que pudessem estar juntos novamente.

Ela estava aqui em negócios de orgulho.

— Você veio até aqui para me perguntar isso? — Ele franziu a testa para ela, seu tom de voz plano e vazio como ele sentia por dentro quando tudo se encaixava. Nada havia mudado. Cinco anos de inferno seguidos de cinco anos de tortura, e eles ainda tinham um muro entre eles, uma barreira que parecia impenetrável. Ele queria derrubá-lo, mas era intangível, construído de tradições e regras que remontavam a milênios, leis que estavam tão arraigadas nelas que não podiam se libertar e eram escravas para elas. — Eu deixei o orgulho, Eloise. Não tenho interesse em voltar a isso. Não tenho motivos para voltar lá. O orgulho não precisa de mim. Tem um alfa.

— O orgulho precisa de você. — Ela levantou a cabeça uma fração e ele pensou que ela poderia olhá-lo nos olhos e colocar um pouco de fogo atrás de suas palavras, mas ela permaneceu mansa e educada.

A maneira como uma mulher de seu status deveria falar com seu alfa.

Ele rosnou e se aproximou dela, e ela recuou, tornando-se mais submissa enquanto envolvia seus braços em volta de si mesma.

— O orgulho não precisa de mim. — Ele parou de dizer que ela fez, e ele precisava dela. Ele estendeu a mão para agarrar o braço dela, mas ela se encolheu, parando-o em suas trilhas. Ele suavizou e olhou para ela, vendo uma fêmea machucada, não a forte e confiante que tinha sido uma década atrás. A fúria o preencheu, queimando ferozmente em suas veias, inundando-o com a necessidade de saber o que havia acontecido com ela. Essa necessidade ardia em seu coração, exigindo que ele perguntasse a ela e a fizesse responder dessa vez. — O que diabos aconteceu com você, Eloise? Quem fez isto para voce? — Ela engoliu em seco e finalmente olhou para ele, bem em seus olhos, mas ainda se recusou a dizer a ele. — O orgulho precisa de você. Você é o macho mais forte e nosso alfa. Por favor. Volte comigo.

— Eu te disse. Não estou interessado em retornar. — Ele queria estender a mão e alisar sua mão ao longo da curva suave de sua mandíbula para manter seus olhos castanho-dourados sobre ele, mas ele não tinha o coração quando ela parecia como se estivesse tomando seu grande esforço para não abaixar seu olhar. novamente.

— Eu viajei dois anos para encontrar você... para trazer você de volta ao orgulho. — Ele desejou que ela tivesse parado na primeira parte, onde ela só viajou dois anos para encontrá-lo.

A dor em seus olhos aumentou, seu medo era uma coisa palpável agora que pairava no ar entre eles, e isso o obrigava a ouvir. O que aconteceu no orgulho? A preocupação por sua aldeia cresceu em seu coração, mas a preocupação por Eloise ofuscou-a, puxando o foco de seus pensamentos de volta para ela.

Ela deve ter procurado por ele através do Butão, Índia e Europa, sem dúvida mostrando sua fotografia para qualquer fae ou demônio que ela tenha

encontrado. Que coisa terrível aconteceu para levá-la a um ato tão desesperado e perigoso?

Ela ganhou suas cicatrizes durante sua busca por ele? Algum dos fae ou demônios a capturaram e a seguraram por algum motivo nefasto?

Ele rosnou novamente, incapaz de contê-lo quando ele a imaginou amarrada e com medo. Suas garras cresceram, emergindo enquanto ele pensava em caçar quem a machucou e a rasgou. Ele queria o sangue deles nas mãos. O cheiro do medo de Eloise ficou mais forte e ele respirou fundo para se firmar, não querendo assustá-la com sua raiva.

Cavanaugh a olhou de novo, com autocensura queimando através dele enquanto sua voz corria ao redor de sua cabeça, provocando-o.

Dois anos.

Sua jornada teria sido difícil, e não apenas porque ela nunca havia deixado sua terra natal e não tinha experiência do mundo. Sua posição no orgulho significava que ela tinha muito pouco dinheiro, apenas um pequeno subsídio que ele sabia que ela estava salvando toda a sua vida. Não teria sido suficiente para cobrir luxos como vôos e hotéis ou mesmo restaurantes.

Sua roupa esfarrapada, seu cansaço e quanto peso ela perdera desde a última vez em que a vira, tudo confirmava seus piores temores. Ela passara dois anos vivendo mal, dormindo nas ruas ou em albergues e viajando a pé, pedindo carona ou saltando de trem.

O pensamento de sua pequena mulher vivendo dessa maneira, dia a dia, provavelmente roubando comida e temendo por sua segurança, o cortou até sua alma e teve seu coração queimando com a necessidade de juntá-la em seus braços e de alguma forma tirar todas as experiências terríveis que ela deve ter sofrido.

Foi culpa dele.

Ele se aventurara longe das montanhas e da aldeia do orgulho. Se ele não tivesse saído do Butão, ela poderia facilmente tê-lo encontrado. Ela não teria sido forçada a passar anos viajando e rastreando-o.

Se ele tivesse voltado para ela - não, ele não poderia pensar assim. Ele brigou com ele mesmo na época sobre o assunto e ele tinha jogado em sua mente desde então.

Fora muito perigoso.

Ele havia lutado com Stellan inúmeras vezes e sempre havia levado o macho de volta à submissão.

Exceto a última vez.

Naquela vez ele havia permitido que o macho o derrotasse.

Levou apenas um pensamento passageiro durante a luta, uma fração de segundo em que Cavanaugh percebeu que ele poderia estar livre de sua posição como alfa e poderia mudar o curso de sua vida para melhor, para como ele queria que fosse, usando a regra de cinco anos, se ele perdeu a luta, mas sobreviveu.

Naquele momento, Stellan havia tratado o que teria sido um golpe fatal se o macho não tivesse escorregado no chão gelado. A dor tinha sido tão intensa que cegou Cavanaugh, obrigando-o a voltar da forma de leopardo da neve. Quando ele tinha visto todo o sangue nele e as feridas profundas em seu peito, ele temia que ele não sobrevivesse para reivindicar Eloise e o futuro que ele queria com ela.

Seu lado de leopardo da neve ainda estava parcialmente no controle, confundido com sua mente humana por causa da dor, e respondia àquela profunda necessidade. Ele havia tomado o controle e o forçou a fugir da vila e se aventurar nas montanhas para lamber suas feridas.

Os dias haviam se passado antes que seus instintos animais mais profundos tivessem retrocedido, e ele percebera com consternação o que fizera.

Ele não pretendia perder a luta. Ele não pretendia deixar Eloise para trás. Mas ambas as coisas aconteceram e não havia nada que ele pudesse fazer para mudá-las.

Stellan havia fechado a aldeia e teria o matado se ele tivesse tentado retornar para Eloise.

Cavanaugh esperou quase uma semana para ver se ela poderia sair, se afastando o suficiente dos limites da aldeia para ele alcançá-la. Ela não tinha e ele estava ficando mais fraco, o frio diminuindo sua cura e roubando sua força. Ele foi forçado a descer a montanha.

Uma vez lá, ele chegou à difícil decisão de deixar o Butão e esperar os cinco anos se passarem para que ele pudesse dar a Eloise a vida que ela merecia.

Para lhe dar essa vida, ele precisava se libertar de sua posição.

Então ele se convenceu de que ela estava melhor com o orgulho, a salvo ali até que os cinco anos terminassem e ele pudesse voltar para ela e tentar conquistar seu coração.

Mas a dor em seus olhos assombrados dizia que ele estava errado. Ele a deixou no orgulho e ela pagou por isso de maneiras que ela não queria falar, que tinham quebrado seu espírito. Seus instintos como seu macho predestinado e seu coração pressionaram-no para que ela lhe contasse o que havia acontecido com ela. Ele precisava saber.

— Eloise... — Ele não tinha certeza do que poderia dizer para tornar tudo melhor. Não havia nada que ele pudesse dizer. Ela enfrentara o mundo e todos os perigos imagináveis para encontrá-lo. O que quer que tenha acontecido no orgulho, foi ruim levá-la a sair e procurá-lo. Ele olhou para os pulsos dela novamente e não conseguiu evitar pressioná-la, porque de repente ele sentiu que aquelas cicatrizes não haviam acontecido durante sua jornada e isso o deixou doente de estômago. — O que aconteceu?

— Não importa. Por favor. Você deve retornar ao orgulho.

Isso realmente importava. Ele podia ordenar que ela contasse a ele, mas ele não queria que as coisas fossem assim entre eles. Ela não estava abaixo dele. Ela estava acima dele, merecia ser adorada por ele como seu macho predestinado.

— Por favor volte. O orgulho precisa de você.

Ele não gostou do jeito contido que ela discutiu com ele. Houve um tempo em que ela teria o atingido de brincadeira e dado a ele um pedaço de sua mente. Talvez ela iria em oito dias.

Em oito dias, as coisas poderiam começar a voltar a gostar dele e ele poderia esquecer os últimos cinco anos, e os cinco que vieram antes deles.

Ele poderia convencê-la a esperar? Ele poderia atrasá-la por tempo suficiente para aqueles dias passarem? Deuses, ele desejou que ele pudesse, mesmo quando a borda de aço para seu olhar disse que ele não podia.

Ela tinha uma razão para caçá-lo e pedir-lhe para voltar, e o pedaço de seu coração que ainda se importava com seu orgulho disse para ouvi-la, mesmo quando o resto avisou que terminaria em desgraça por ele. Ele estaria jogando fora os cinco anos que passara vivendo com seus arrependimentos, ansioso pelo dia em que pudesse finalmente corrigir todos os seus erros e fazer algo bom sair deles.

E se ele dissesse a ela que ela era sua fêmea predestinada?

Assim que ele pensou isso, ele empurrou para longe. Ele não podia. Ainda não. Nesse ponto, isso só a machucaria, assim como a teria machucado se ele tivesse contado a ela depois de ter assumido o papel de alfa todos aqueles anos atrás. Eles não poderiam estar juntos como companheiros ainda e isso significava que ele tinha que esperar. Uma vez que ele estava livre de sua posição, ele iria dar a notícia para ela de alguma forma.

Mas para que isso acontecesse, ele precisava ficar longe da aldeia até que os cinco anos terminassem.

— Fique um pouco e conversaremos sobre tudo. Você precisa descansar e comer. Você está cansada e eu posso ver isso. — ele disse e ele jurou que seus olhos tinham disparado fogo nele.

Ela estava em cima dele. Ela sabia que ele estava fora para empata-la.

Seus olhos escureceram.

— Nós não temos tempo. O orgulho não tem tempo. Eu tenho que te levar de volta para a aldeia agora. — ela disse, sua voz ganhando confiança e fogo finalmente. — Eu tenho que voltar.

Parecia que ela estava contando os dias desde que ele saíra como ele.

— Por quê? — Ele franziu a testa para a resolução que queimava em suas palavras. Isso era importante para ela, talvez mais do que ele pensava, e ele começou a sentir que alguma coisa estava terrivelmente errada no orgulho, algo que ele não seria capaz de ignorar, nem mesmo por oito dias. — Eloise... se você realmente quer que eu volte, você precisa me dizer por que você saiu.

— Eu fiz isso porque eu sabia que poderia encontrá-lo... porque eu esperava poder convencê-lo a fazer a coisa certa. — ela retrucou e olhou para ele, raiva enlaçando seu perfume, frustração e decepção que ele podia sentir nela. — Seus parentes estão vivendo em uma ditadura... Stellan é um tirano... muitos de nós foram mortos e o resto de nós... — Sua voz se desvaneceu e ela colocou os braços ao redor de si mesma, abaixou a cabeça e apertou as mangas de seu casaco cinza, juntando o material em seus punhos trêmulos.

— Sinto muito. Eu não deveria ter falado com você assim. — ela sussurrou.

Ele não se arrependeu. Ela lhe dera esperança de que a mulher que ele conhecia há uma década ainda existisse dentro dela e que ele pudesse ter aquela mulher em sua vida. Tudo poderia voltar a como tinha sido.

Mas não podia ao mesmo tempo.

O pensamento de seu orgulho sendo maltratado, abusado e assassinado se assentou como um bloco de gelo em seu peito. Ele não podia ignorar o que havia acontecido. Ele tinha que fazer algo sobre isso. Antes de se tornar seu alfa, ele era o macho mais forte deles. Eloise sabia disso e havia arriscado sua vida para viajar pelo mundo em busca dele, para trazê-lo de volta ao orgulho e restaurar a paz na aldeia.

Ela queria que ele os libertasse da tirania do macho que ele havia deixado como seu líder. Ele podia ver o quanto era importante para ela e isso tornava ainda mais importante para ele.

Ele faria algo sobre isso, mas ele seria condenado se ele fosse pisar na aldeia até os oito dias acabarem. Uma vez que ele estava livre de seu status, Stellan seria o alfa e ele seria apenas um desafiante para esse título. Ele poderia derrubar Stellan e passar a posição, permanecendo livre das regras do orgulho.

Ele precisava encontrar uma maneira de prendê-la.

Oito dias eram tudo o que restava entre ele e reivindicando a companheira que ele ansiava com todo o seu coração.

Aqueles oito dias de repente pareciam eternos.

Ele teve a terrível sensação de que a mulher que amava estava prestes a ser arrancada de seu aperto novamente.

CAPITULO TRES

Eloise estava em um amplo quarto de paredes pálidas na presença de seu alfa, lutando para se impedir de olhar para ele e beber a visão dele como ela queria. Ela pensara que estaria pronta para ver Cavanaugh de novo quando soubera que ele trabalhava naquela boate no coração de Londres.

Ela estava errada.

Ele era tão bonito quanto ela se lembrava, talvez até mais agora. A linha angular forte da mandíbula cortada emoldurava um rosto com intensos olhos tempestuosos e maçãs do rosto esculpidas, e a boca mais profana que já vira em um homem. Seus lábios sensuais se curvaram maliciosamente sob o nariz reto. A visão dele tinha o coração batendo forte e as palmas das mãos suando, e ela tinha que continuar se lembrando de que ele era o alfa do orgulho deles.

Um macho muito acima dela agora.

Ele tinha sido amigo dela uma vez. O melhor amigo dela.

Ele tinha sido mais do que isso também.

Eles tinham sido próximos por toda a sua vida, e quase oitenta anos nessa amizade, cerca de uma década atrás, eles se tornaram mais que amigos. Ele começou a visitar mais vezes e começou a olhar para ela de forma diferente, com olhos famintos que despertavam a verdadeira profundidade de seus sentimentos por ele.

Ela tinha estado profundamente ciente dele sempre que ele estava ao seu redor, cada olhar roubado e sorriso, cada escova inocente de seus corpos. Ele estava se aproximando de cem, o tempo de maturidade sexual dos shifters leopardo da neve, e ela sabia que estava afetando-o, porque estar perto dele tinha afetado ela. A atraíra para ele e ela não tinha forças para resistir.

Como uma mariposa atraída por uma chama, não terminou bem para ela.

Ela não tinha certeza agora que terminara bem para ele também.

Ela ficou com raiva quando ele partiu, mas ela entendeu a motivação dele para fazê-lo. Ele havia se cansado da luta constante para se agarrar ao orgulho.

Stellan havia retornado três anos ao reinado de Cavanaugh como alfa e constantemente o desafiava. Eles tinham sido golpeados várias vezes, mas Cavanaugh sempre vencera, e as batalhas nunca tinham sido tão prolongadas e brutais quanto a noite em que Stellan expulsara Cavanaugh do orgulho.

Cavanaugh não havia retornado e, apesar de tê-la machucado, ela entendeu por que ele havia permanecido afastado. Ele achava que o orgulho estava em melhores mãos, mas estava errado.

Seu olhar penetrou nela, mas ela manteve os olhos em suas botas gastas.

Elas estavam prestes a desmoronar. Ela sentiu como se pudesse se juntar a elas. Ela estava cansada, profundamente cansada. Tudo o que ela realmente queria era se enrolar em algum lugar e dormir, descansar como ele havia oferecido. Seria bom dormir em algum lugar seguro por uma vez, sem ter que tentar descansar com uma parte dela alerta e pronta para qualquer coisa.

Ela não podia parar agora embora. Ela vinha vasculhando o mundo por dois anos, motivada pela necessidade de encontrá-lo e trazê-lo de volta ao orgulho. Sua promessa a manteve em todas as noites frias, quando ela estava com muito medo de dormir e todos os dias, quando ela estava com tanta fome, queria chorar.

Sua promessa e o pensamento de vê-lo novamente.

No momento em que ela colocou os olhos nele, em pé atrás do bar da boate, a camisa branca e o cabelo prateado e selvagem o fazendo sobressair sob as luzes coloridas, todas as suas forças haviam desaparecido.

Ela se viu à beira do colapso, subitamente consciente de como estava cansada, faminta e fraca.

De repente, dolorosamente, ciente de tudo o que ela passou desde que deixou o orgulho, e tudo o que ela tinha sofrido antes, quando ela estava na aldeia.

Ela queria ceder a ele e cair em seus braços e deixá-lo ser forte por ela, doía com a necessidade de senti-los ao redor dela e respirá-lo, senti-lo contra ela e saber que ele era real. Era realmente Cavanaugh de pé diante dela, olhando para ela com preocupação em seus belos olhos tempestuosos.

Ela precisava dele para abraçá-la e abraçá-la ao mesmo tempo até que ela encontrasse seus pés.

Mas ela não podia.

Ela estava fraca agora e ela não seria capaz de encontrar a força para colocar a distância necessária entre eles novamente.

Ela teve que se conter e negar as profundas necessidades que a atravessavam.

Ela não estava aqui apenas pelo bem dela e tinha que se lembrar disso. As pessoas contavam com ela para trazer Cavanaugh de volta ao orgulho. Ela havia prometido aos outros que ela faria. Ela havia jurado que o conhecia bem o suficiente para encontrá-lo, e ela o conhecia. Eles acreditavam nela, dependendo dela e de Cavanaugh, e ela não falharia, mesmo que parte dela não quisesse que ele voltasse ao papel de alfa.

Ela sentia falta dele.

Ela estava sentindo sua falta há dez anos.

Ela havia pensado em deixar o orgulho para encontrá-lo antes, mas sua mãe estava lá. Suas amigas também. Deixar era uma perspectiva assustadora, até que Stellan começou a abusar de seus direitos e anunciou seus planos. Então, ficar ficou assustadora e sair foi sua única esperança de ajudá-la e salvar-se.

Eloise arriscou um olhar para Cavanaugh. Ele sorriu para ela e ela percebeu que ele era mais bonito agora. Ela não o tinha visto sorrir assim, o calor enchendo seus olhos cinza-escuros por quase uma década. Isso a fez se sentir horrível. Ele encontrou seu sorriso novamente neste lugar, longe de sua terra natal e livre do orgulho e das lutas de ser um alfa.

Aqui ela estava tentando forçá-lo a voltar com ela, quando ele estava perto de estar livre de sua posição.

Suas tentativas de atrasá-la confirmaram suas suspeitas.

As regras do orgulho afirmavam que, se um alfa permanecesse fora dos limites da aldeia por cinco anos, seu papel passaria para outro. Stellan havia desafiado Cavanaugh, derrotado ele, mas não conseguiu matá-lo. Cavanaugh ainda mantinha o status de alfa do orgulho. Stellan só podia se chamar de alfa, e ele assegurou que ninguém ousaria enfrentá-lo matando os três primeiros machos que haviam tentado.

— Você vai voltar comigo?— ela disse, precisando de uma resposta, porque ela estava perdendo um tempo precioso.

Depois de descobrir onde ele estava, ela havia verificado os vôos fora de Londres em um cibercafé. Havia um voo amanhã para Nova Deli que se conectaria com um voo para o Aeroporto Internacional de Paro, no Butão.

Eles precisavam estar nesses vôos.

Ela odiava o que estava fazendo, mas não queria que Cavanaugh lutasse. Ela precisava convencê-lo a ir com ela agora e não permitir que ele a atrasasse. A parte dela que não queria machucá-lo, forçando-o a retornar ao orgulho antes que ele passasse para Stellan, lutava com a parte que não suportava a ideia de vê-lo lutar novamente. Se Stellan se tornasse o alfa,

Cavanaugh teria que lutar e matar Stellan para libertar o orgulho de sua tirania.

Se ela pudesse convencer Cavanaugh a voltar agora, enquanto ele ainda era seu alfa, Stellan teria que desistir porque Cavanaugh teria todo o orgulho do seu lado.

— Eu vou voltar com você. — disse ele e alívio bateu através dela, durando apenas o tempo que levou para ele falar novamente. — Eu tenho algumas coisas que tenho que amarrar aqui e preciso sair para ir. Você pode ficar aqui enquanto eu cuido delas e talvez eu possa te mostrar por Londres? Você sempre quis ver isso.

Sua esperança desapareceu novamente e ela franziu o cenho para as botas, lutando contra a raiva que subia rapidamente dentro dela. Ele estava enrolando ela. Ele pretendia fazê-la esperar até que os cinco anos terminassem e então ele teria que lutar. Seu estômago apertou, agitando enquanto pensava sobre ele trancado em batalha com Stellan, e seu sangue se transformou em gelo, mas queimou como um inferno ao mesmo tempo. Cada instinto que ela possuía, cada sentimento que tinha por ele, exigia que ela continuasse empurrando-o até que ele concordasse em voltar com ela.

— Vai ser como nos velhos tempos. — Essas cinco palavras foram uma tentação que ela achou difícil resistir.

Ela queria que as coisas fossem como nos velhos tempos, mas ela não poderia deixar acontecer às custas do orgulho e de todos esperando por ela.

Para ele.

Ela não podia fazer isso às custas da segurança de Cavanaugh.

O pensamento dele lutando virou seu estômago novamente e ela lutou contra as memórias que a bombardearam, uma reprise sangrenta de sua última batalha contra Stellan.

Ela tinha que fazê-lo ouvi-la e fazê-lo entender o que estava acontecendo, e isso significava que ela tinha que lhe dizer algo que ela

esperava evitar mencionar. Ela não queria machucá-lo dizendo tudo o que estava acontecendo, porque sabia que ele se sentiria responsável, mas não podia mais evitá-lo. Sua única chance de convencê-lo a sair no próximo vôo disponível era dizer as coisas diretamente, não importa o quanto o machucassem.

— Eu vou sem você então. — Ela falou para suas botas no início, mas o fogo que queimava em suas veias se tornou muito quente para ela negar e ela levantou a cabeça e olhou nos olhos dele, porque ela precisava ver suas palavras marcando sua marca e saber que ele salvaria a orgulho. — Cavanaugh… seu orgulho precisa de você… se você não retornar… ele tem feito uso total das regras do orgulho. Quando ele ascende ao papel de alfa, quando você o entrega para ele, ele pretende levar todas as mulheres não-acasaladas do orgulho, estejam elas dispostas ou não.

Seus olhos escuros e tempestuosos lentamente se alargaram e depois se estreitaram, suas sobrancelhas branco-prateadas caindo abaixo delas.

— Incluindo eu. — Ela olhou para longe dele quando ele rosnou, mostrando as presas afiadas, e os centros de suas íris ficaram prateados.

Ela fechou os olhos.

— Se você não me ajudar... não tenho certeza do que vai acontecer comigo ou com os outros. — Suas mãos apertaram seus ombros, seu aperto firme e falando de sua força, e ela queria pisar em seus braços e fazer com que ele a abraçasse novamente, como costumava fazer, antes que seu mundo inteiro desmoronasse ao seu redor.

— Eloise. — ele disse e ela se recusou a olhar para ele.

Ela não podia quando sua mente estava trancada nas coisas que Stellan reservava para ela e as outras fêmeas, coisas que faziam sua pele arrepiar e a fazia querer fazer algo drástico.

Algo terrível.

Tirar a própria vida seria favorável por ter aquele macho vil a tocando e usando seu corpo contra sua vontade.

— Eloise? — A voz profunda de Cavanaugh se curvou ao redor dela, o calor dela perseguindo seus pensamentos sombrios, e ela ficou tensa quando ele tentou atraí-la para seus braços.

Ela não podia.

Não importa o quanto ela queria estar neles.

Ele rosnou, soltou-a e foi embora. Ela abriu os olhos e o seguiu enquanto ele dava passos rápidos pelo chão de concreto, esfregando a mão sobre os pêlos macios de seu cabelo branco prateado. Prata brilhava em seus olhos enquanto ele murmurava para si mesmo, sua agitação clara para ela em seu perfume.

— Por favor, Cavanaugh... tem que ser agora. — Ele parou e olhou para ela, uma miríade de emoções brincando em seus olhos cinzentos, sentimentos que conflitavam e colidiam um com o outro. Ela o estava dilacerando com o que estava perguntando, e se odiava por isso, mas não podia deixar as outras fêmeas e o orgulho se defenderem por si mesmas. Ela nunca quis causar-lhe dor, porque isso a machucou também, a fez doer quando ela viu em seus olhos, mas ela não podia desistir até que ele concordasse e eles estivessem indo para o Butão.

— Espere aqui. — ele disse e caminhou de volta para a porta pela qual eles haviam entrado.

Para onde ele estava indo?

Ela debateu e depois desobedeceu, dobrando seu pedido um pouco para acomodar sua curiosidade. Ela permaneceria na sala, interpretando-a como a que ele mencionara aqui. Ele abriu a porta e ela a pegou antes de fechar e examinou o clube escuro para ele. A música era desagradavelmente alta e as luzes coloridas a cegaram. Ela não conseguia entender como ele poderia trabalhar neste lugar, mas ele parecia gostar disso aqui.

Este lugar havia se tornado sua casa.

Ela o viu diretamente à sua esquerda, conversando com o homem de cabelos arenosos atrás do bar. Eles tinham quase a mesma altura e usavam a mesma camisa branca com as calças, mas o outro homem parecia sombrio. Ele deslizou seus olhos dourados em direção a ela e disse algo para Cavanaugh. Cavanaugh olhou para ela por cima dos ombros largos e bufou.

Ela voltou para o quarto onde deveria estar esperando. O que ele estava fazendo? Obtendo permissão para sair? Parecia estranho que ele tivesse que fazer uma coisa dessas. Ele era um alfa de orgulho, mas aqui ele não era nada mais do que empregado.

Era esse o tipo de vida que ele queria para si mesmo?

Ele sempre pareceu mais feliz durante os anos em que seu pai havia governado e ele tinha poucas responsabilidades. Ele ficara tão feliz com aquela vida tão simples quanto ela.

Ela podia ver o apelo deste lugar para ele. Servindo bebidas as pessoas. Conhecendo pessoas. Trocando histórias. Ele tinha pouca responsabilidade aqui. Era um mundo longe da vila do orgulho e sua vida lá.

Levou-a de volta àqueles anos mais felizes que haviam compartilhado, quando tudo o que fizeram foi completar suas tarefas para o dia antes de se encontrarem e caminharem nas montanhas, escalando, ou apenas descansando perto do fogo e falando sobre o mundo além da aldeia.

Ela tinha amado aqueles dias mais, quando a neve rodopiava densamente fora das janelas de sua casa e ele tinha colocado perto dela nas peles na frente de sua lareira, suas costas contra o sofá, seus olhos cinzentos cheios de luz e um brilho como ele contou suas histórias de suas viagens. Ele sorria constantemente, mas havia vezes em que ele olhara nos olhos dela e isso havia desaparecido, e ela estava profundamente consciente dele.

Como um macho.

Um homem bonito e poderoso.

Ela fechou os olhos e quase podia sentir o cheiro da fumaça do fogo. Ela quase podia ouvir o rico timbre de sua risada sempre que se aproximava dele, divertindo-o com a ânsia de ouvir mais sobre os lugares em que ele estivera. Ela quase podia sentir a intensidade de seu olhar durante os momentos em que ambos se calaram e olharam nos olhos um do outro, o mundo ao redor deles se afastando.

Ela quase podia sentir o suave sussurro de seus dedos em sua bochecha e a emoção elétrica da primeira vez que seus lábios roçaram os dela.

A porta se abriu novamente, uma breve explosão de barulho a assaltou, assim como ela se acostumou aos sons suaves do clube além da porta grossa. Ela virou-se para encarar Cavanaugh, uma onda de calor queimando suas bochechas e o coração batendo pela súbita intrusão em sua fantasia e a visão dele parado diante dela.

Um macho perigosamente sedutor.

Alguém que a fez querer esquecer toda a sua dor e sua tristeza, derramar todas as lembranças ruins e agarrar-se às boas, e pisar em seus braços e se render a ele.

Eloise tremia à beira, cheia de uma necessidade de ceder à tentação. Seu olhar cinza se estreitou nela, uma curiosa mas confusa margem para isso. Ela conseguiu afastar os olhos dele antes que ele pudesse entendê-la e ver através dela o conflito que se enfureceu dentro dela.

Ele bufou e enfiou os dedos pelo cabelo branco prateado novamente.

— Tudo pronto. Vamos. — Ele agarrou a mão dela antes que ela pudesse protestar, puxando-a atrás dele.

Sua mão estava quente na dela. Grande. Facilmente a englobava, fazendo-a se sentir pequena e um pouco fraca, embora estivesse longe disso. Ele havia dito a ela inúmeras vezes que ela era uma mulher forte.

Isso a fez acreditar que ela era digna dele.

Ela empurrou a memória para o lado e seguiu-o por uma escada de metal para o outro andar. Ele abriu a primeira porta de madeira escura no longo corredor e segurou-a para ela. Ela passou por ele, seu olhar no pequeno quarto azul.

Ele tinha conseguido de alguma forma espremer uma cama de casal no espaço à sua esquerda, mas não havia deixado muito espaço para sua outra mobília. Contra a parede à sua direita havia um guarda-roupa, uma cômoda e depois outra porta. O espaço entre a mobília e a cama era tão estreito que Cavanaugh teve de se arrastar para o lado para alcançar o pequeno espaço em frente a essa porta.

Ele parou ali, começou a desabotoar a camisa branca e a puxou por cima da cabeça antes que ela pudesse desviar o olhar. Sua boca ficou seca enquanto ela olhava para suas costas e seus braços poderosos. Ele sempre teve um bom físico, mas era ainda mais impressionante agora, musculoso e definido, falando com a parte mais feminina dela que ronronava em apreciação de sua masculinidade antes que ela pudesse obter controle sobre isso.

Ele jogou a camisa em uma cesta transbordando no canto do quarto ao lado dele, fez uma pausa e de repente franziu a testa por cima do ombro nu para ela. Ela fixou os olhos nas cobertas azuis escuras da cama e lutou para abafar o rubor que queimava suas bochechas. O que diabos ela estava fazendo? Além de se preparar para outro coração partido.

— Sente-se. — Ele empurrou o queixo para a cama e ela obedeceu, empoleirada na beira do colchão em frente ao guarda-roupa. — Vou pegar algumas coisas e ir ao chuveiro, e você pode usá-lo depois de mim. — Há um vôo amanhã para Nova Delhi. Isso nos levará a tempo para o vôo de conexão. — A conversa sobre negócios parecia ser a melhor maneira de afastar a mente do fato de que ele estava seminu e a tentava novamente. Ela não podia desistir. Não importa o quanto ela queria se render ao desejo por ele que nunca morreu.

Ele parou na porta para o que ela presumiu ser o banheiro e olhou para ela, suas bochechas um pouco mais pálidas do que ela se lembrava. — Estamos voando para Paro? — Ela assentiu e quase sorriu quando ele agarrou o batente da porta para se firmar. Ela tinha esquecido o quão pouco ele gostava do único aeroporto internacional no Butão. Aparentemente, as aterrissagens e decolagens costumavam ser um assunto bastante arrepiante. A faixa era curta e rodeada de montanhas por todos os lados. Ele havia contado a ela sobre isso inúmeras vezes, sempre que ele voltava de uma viagem para fora do país, mas ela nunca tinha visto isso sozinha. Ela usara as estradas para atravessar a índia quando viera procurá-lo.

Ele estremeceu e desapareceu no banheiro.

Eloise olhou para a porta que ele havia deixado aberta quando o chuveiro ligou, extremamente consciente de onde ela estava - em seu quarto, em sua cama.

Sozinha com ele.

Seu coração batia forte, sua consciência dele aumentando quando ela ouviu o farfalhar de suas roupas batendo no chão. Ela acariciou preguiçosamente as mãos sobre as cobertas da cama, incapaz de se conter enquanto o ouvia. Seu cheiro era forte sobre elas, envolvendo-a. Enfraquecendo ela. Encheu seus sentidos, um toque de fumaça de madeira, neve e especiarias. Ela sentia falta daquele cheiro. Ela respirou fundo, puxando-o sobre os dentes para saboreá-lo, e fechou os olhos enquanto escutava ele tomar banho.

Cada súbito jorro de água a fazia imaginar como seria escorregar seu poderoso corpo, caindo em cascata sobre seus músculos afiados, ondulando em cada pico e vale de seu torso e suas costas. Ela estremeceu e se aqueceu por dentro, perdendo-se em fantasiar sobre ele, o mundo ao seu redor desaparecendo mais uma vez.

Apenas a sensação de seu olhar sobre ela a levou de volta à Terra.

Seus olhos se abriram, imediatamente saltando direto para ele, onde ele estava na porta, uma toalha branca pendurada em torno de sua cintura,

andando baixo em seus quadris magros. Seu olhar bebeu a deliciosa visão de seu torso nu e suas bochechas aqueceram enquanto ela rapidamente dirigia de volta para o chão.

Ele soltou um suspiro e ela fechou os olhos com força e tentou não imaginá-lo andando pela sala, movendo-se tão perto dela que quase se tocaram quando ele puxou itens de seu guarda-roupa. O que ela estava fazendo? Ele tinha quebrado o coração dela uma vez já.

Não. Ele quebrou mil vezes.

Tinha quebrado todos os dias que ela teve que vê-lo como o alfa do orgulho, testemunhando o modo como todas as mulheres de status bajulavam sobre ele, e como ele não as afastava.

Tinha quebrado todas as vezes que ele não olhou para ela quando ela encontrou coragem para olhar para ele.

Ele tinha quebrado completamente quando ele desapareceu na noite, deixando-a com medo de que ele morresse de seus ferimentos em algum lugar ou ela nunca iria vê-lo novamente.

A jornada para encontrá-lo fora longa e traiçoeira, mas tinha a sensação de que a curta viagem de volta ao orgulho seria cem vezes mais longa e um milhão de vezes mais perigosa.

Aqui, ela sentia como se estivesse em um mundo diferente. Era assim que ele se sentia? Ele sentia que aqui as regras não existiam? Ele se sentia tão livre quanto antes, há muito tempo?

Já era uma luta lembrar que ele era o alfa do orgulho e ela era uma mulher sem status, uma muito abaixo dele.

Ela não tinha certeza de como sobreviveria aos próximos oito dias com ele, resistindo aos velhos sentimentos que voltavam à vida dentro dela.

Ela tinha que fazer isso, mesmo que isso doesse.

Mesmo que ela soubesse que cada passo que ela dava que os aproximou do orgulho era um passo mais longe do que ela realmente queria.

Era um passo mais longe de tê-lo.

CAPITULO QUATRO

Cavanaugh jogou todos os equipamentos nas costas abertas do jipe Wrangler, que ele havia comprado de um local a um preço muito alto. Ele não se importava com a forma como parecia, enquanto sobrevivia a corrida até o final da trilha de terra onde sua caminhada pela floresta começaria e voltaria novamente. Ele andou até o lado do motorista do veículo preto, abriu a porta e se sentou no banco.

Eloise olhou para ele e entregou-lhe o saco de plástico com o equipamento que ele havia comprado para ela. Ela pegou e olhou para dentro da bolsa. Não era muito, apenas um velo cinza escuro e um par de calças bege, mas conseguiu tirar um sorriso dela. Ele não podia esperar para ver o rosto dela quando visse o par de botas que ele colocou na parte de trás do veículo. Ele não deixara de notar que as dela estavam em suas últimas pernas.

Ele ligou o motor, encaixou o cinto de segurança no lugar e saiu para a rua tranquila.

A viagem foi longa, levando várias horas apenas para chegar ao fim da estrada pavimentada, onde deu lugar a pouco mais que uma trilha de lama. O cenário era impressionante, em exibição ao seu redor no jipe aberto, e Eloise parecia decidida a entrar, evitando olhar para ele.

Ele olhou para a frente, para as montanhas cobertas de neve que protegiam sua aldeia, sua mente correndo atrás de tudo o que Eloise lhe dissera.

Cavanaugh flexionou os dedos ao redor do volante e olhou para as montanhas, parte dele ansioso para alcançá-las e a Stellan. O homem pagaria pelas coisas que fizera e pelas coisas nojentas que planejara também. Cavanaugh tentara se livrar do senso de responsabilidade que sentia pelo orgulho, mas, como o filho mais velho de seu pai, ele o espancara desde o nascimento.

Quando Eloise anunciou sua intenção de sair com ou sem ele, ela sabia o que estava fazendo. Ela tornara impossível para ele fazer outra coisa senão ir com ela. Ele não tinha sido capaz de deixá-la voltar sozinha, sabendo o que a esperava. Ele não tinha sido capaz de atrasá-la também, sabendo o que aconteceria com seus parentes se ele o fizesse.

Ele passou a totalidade das duas viagens de avião, incluindo o pouso perigoso no aeroporto de Paro, pensando no que ela estava pedindo a ele e planejando tudo. Ele não tinha interesse em ser o alfa. A única coisa que ele ansiava em sua vida não era poder ou posição. Era ela. Ela era a única coisa que importava para ele.

Esta jornada foi sua chance de convencê-la de que ela era sua companheira.

Seu plano era simples. Ele pretendia deixar passar os dias restantes de alguma forma, então ele entraria na aldeia como um homem livre. Ele iria endireitar tudo com Eloise, fazer certo com seus parentes como seu macho mais forte, eliminando Stellan, e então ele iria voltar para o submundo.

Esperava que com ela.

Parecia simples de qualquer maneira. Ele tinha a sensação de que seria tudo menos isso.

Era final da tarde quando chegaram ao fim da trilha de lama. Cavanaugh estacionou o veículo na beira da estrada, desligou o motor e saiu. Eloise abriu a porta do lado do passageiro e desceu na lama, murmurando algo para si mesma. Ele contornou a traseira do veículo, tirou a caixa de papelão que continha as botas de caminhada que comprara para ela e estendeu a mão para ela. Ela olhou com surpresa e então sorriu quando a abriu.

— Você não pode caminhar pela floresta naquelas. — disse ele com um sorriso na direção de suas botas velhas e ela assentiu.

— Obrigada. — Ela tirou as botas uma a uma e ele de alguma forma encontrou forças para virar as costas para lhe dar um pouco de privacidade enquanto ela vestia suas roupas novas.

Cavanaugh se ocupou em colocar tudo o que comprara em suas mochilas. Ele havia assegurado que eles tinham tudo o que precisavam, de um cantil a cordas e arreios, a um GPS. Ele até comprou barras de proteína. Tanto quanto ele os odiava, eles eram uma necessidade. Eles não podiam caçar durante a caminhada e os dois precisavam manter a força.

Eloise contornou a traseira do veículo e pegou o pacote que ele lhe entregou, colocando-o nos ombros. Ela puxou as alças para ficar confortável enquanto ele colocava seu próprio pacote maior. Ele guardou as chaves do veículo e partiu, seguindo o caminho estreito que levava do fim da estrada de terra para a floresta.

Eles andaram quase meia milha antes de Cavanaugh ceder ao constante e inquietante sentimento em seu estômago e dar um passo para o lado da pista para permitir que Eloise passasse por ele. Ele não gostava que ela andasse atrás dele onde ele não podia ficar de olho nela e ter certeza de que ela estava segura. Ela olhou para ele, diminuindo sua aproximação e ele empurrou o queixo para a esquerda, silenciosamente dizendo a ela para assumir a liderança. Seu olhar percorreu-a enquanto ela passava por ele, absorvendo cada centímetro dela.

Ela parecia melhor agora, menos assombrada e tinha mais cor, mas ela ainda se parecia com a mulher que ele havia abandonado cinco anos atrás.

Ele insistiu em alimentá-la, apesar de seus protestos, garantindo que ela tomara um bom café da manhã no Submundo antes de tirar uma soneca lá. No aeroporto de Londres, ele conseguiu que ela comesse um grande jantar com ele e, depois, mais uma refeição, quando chegaram a Nova Deli. Ele até a convencera a dormir nos aviões. Ela o surpreendeu dormindo no patamar de Paro e ele relutara em acordá-la quando tivessem que desembarcar. Quanto tempo se passou desde que ela dormiu bem?

Ela ainda parecia ter precisado de uma semana.

Talvez oferecer a ela uma viagem de turismo por Londres tivesse sido a abordagem errada quando ele tentara empacá-la. Ele deveria ter oferecido a ela sua cama por uma semana ininterrupta de sono.

Cavanaugh a seguiu pela floresta, com o olhar fixo nela, observando suas curvas sob o velo cinza escuro e as calças bege. Quanto mais ele a estudava, mais feroz ele queimava com a necessidade de dar um passo atrás dela, colocar as mãos nos quadris dela e puxá-la de volta contra ele. Ele queria segurá-la e senti-la em seus braços, de volta com ele novamente.

Segura com ele.

Essa única palavra enviou sua mente para caminhos mais escuros. O pensamento de que Stellan poderia já ter machucado ela, poderia ser responsável pelas cicatrizes em seus pulsos, o deixou louco com a necessidade de rastrear o bastardo para baixo e vencê-lo em uma polpa sangrenta. Mas Stellan não foi o único culpado. Não importava o quanto ele quisesse prender tudo ao outro macho, a maior parte da culpa pelo que Eloise passara repousava sobre seus próprios ombros.

Coisas terríveis tinham acontecido com ela porque ele havia deixado o orgulho. Os erros que ele cometera resultaram em ela ser ferida. Ficou em seu estômago como um peso de chumbo, arrastando-o para baixo. Ele queria perguntar a ela novamente o que tinha acontecido com ela, mas ele temia que ele não fosse forte o suficiente para ouvir sua resposta.

Ele queria se desculpar com ela, mas não sabia o que dizer. Nada do que ele dissesse poderia apagar o que ela havia passado. Ele tinha que tentar embora.

— Eloise. — ele começou e vacilou quando ela olhou para ele, seus olhos cor de mel brilhante na luz da noite e ampla com curiosidade. Ele esfregou a nuca com a mão esquerda e sua coragem falhou. — Nada. — Uma careta brilhou em sua testa e ela olhou como se pudesse questioná-lo, e então ela se afastou dele novamente, dando-lhe uma visão de seu traseiro

que provou ser apenas a distração que ele precisava de seus pensamentos sombrios.

Ela começou a subir e inclinou-se para a esquerda, seguindo uma trilha que seguia o rio à sua direita.

Cavanaugh olhou por entre as árvores, verificando o nível de luz. Levou a maior parte do dia para encontrar um veículo, comprar todo o equipamento de que precisavam e conduzir as sete horas pela pista. Em pouco mais de uma hora, estaria escuro. Eles teriam que parar e acampar. Perto do rio seria o melhor lugar para montar a pequena tenda que ele havia comprado e começar uma fogueira, mas também o mais perigoso. Inúmeros predadores faziam da floresta sua casa, grandes felinos entre eles, e muitos deles caçavam ao longo da água, onde suas presas vinham beber.

Ele podia sentir o cheiro deles na área. Tigres. Leopardos, até mesmo leopardos da neve. Nenhum deles levaria bem para ele e Eloise estar em seu território. Os tigres eram a maior ameaça. Eles eram conhecidos por terem presas humanas no passado, quando os tempos foram difíceis para eles, e espalharam seu território por toda parte, até a altitude em alguns lugares, chocando-se com o território dos leopardos-das-neves.

A trilha terminava duas milhas mais abaixo na floresta, em uma grande piscina que brilhava na base de uma pequena cachoeira. Isso foi até onde os moradores foram, vindo aqui para tentar a pesca da sorte. Ele havia conhecido alguns anos antes, quando descera da montanha. Eles não pareciam surpresos ao ver alguém vindo de uma direção onde a natureza prevalecia e nenhum homem se aventurava. Ele suspeitava que as lendas em que os locais acreditavam se baseavam em seu orgulho e aquelas lendas estavam profundamente envolvidas em suas tradições e religião. Eles sabiam o que ele era, mas eles respeitavam ele e sua espécie.

Eloise distraiu-o de suas lembranças, escalando as enormes pedras que formavam uma parede à sua frente. Ele olhou para o traseiro dela, segurado firmemente em suas calças de escalada. Ele poderia ter comprado um tamanho menor do que deveria, mas sabia que ela não se atreveria a

reclamar do quão apertados e reveladores eles eram. Foi a primeira vez que ele sentiu que ser um alfa era um privilégio, não um castigo.

Ela saltou para outra pedra e escalou a seguinte com facilidade.

Os shifters leopardo da neve eram escaladores ágeis em ambas as formas, e ele sempre adorou escalar com ela, escalando as montanhas perigosas que cercavam a aldeia no vale escondido acima da floresta. Havia bordas nas montanhas que ofereciam as vistas mais incríveis e deslumbrantes do Himalaia.

Sua bota escorregou e ele estava atrás dela em um único salto, suas mãos pressionadas contra seu traseiro para impedi-la de cair. Ela engasgou e virou os olhos cor de mel sobre ele, um rubor subindo suas bochechas antes de se recuperar e roubar seu corpo de seu aperto, arruinando o momento. Ela se arrastou de volta para as rochas e para cima delas, longe de suas mãos.

Mãos que doíam para tocá-la novamente, para explorar cada centímetro dela em seu tempo livre, junto com seus lábios.

— Novas botas danadas. — ela murmurou e foi mais cuidadosa enquanto subia as rochas, colocando cada pé com cuidado.

Quando ela chegou ao topo, ela olhou de volta para ele. Ele sorriu e subiu as rochas traiçoeiras em alguns saltos, usando sua força superior e agilidade para facilitar o trabalho. Ela bufou baixinho e seguiu em frente, evidentemente não impressionada com sua demonstração de masculinidade.

Cavanaugh encolheu os ombros e seguiu-a, seus sentidos se dividiram entre ela e o ambiente ao redor, agora que estavam indo mais fundo na floresta, longe da terra e dos humanos.

Ele fechou a distância entre eles enquanto o terreno se tornava acidentado, as subidas e descidas íngremes e lamacentas, tornando-se difíceis, pois continuavam a seguir o rio através da floresta que cobria o vale. Ele a ajudou tanto quanto ela o deixava, ficando cada vez mais frustrado

sempre que ela se recusava a aceitar sua ajuda. De volta ao dia, ela nunca hesitou em pegar a mão dele quando ele ofereceu a ela ou a ajuda dele sempre que ela escorregou. Foi porque ela só podia vê-lo como seu alfa do orgulho agora?

Ele não era tão masculino, não quando estava com ela.

Ele era apenas Cavanaugh.

O ar ficou úmido enquanto seguiam o rio. A luz da noite dançando através de sua superfície ondulante, fazendo com que parecesse ouro líquido. Ele respirou fundo, captando os aromas dos animais e todas as diferentes plantas e árvores, refrescando sua memória deste lugar que ele havia chamado de lar por um século.

Era lindo, mas manchado agora.

Sua razão para estar aqui, e tudo o que aconteceu, arruinou tudo para ele, roubando algo do cenário deslumbrante. As montanhas o chamavam, erguendo-se acima da floresta que o rodeava, seus picos cobertos de neve perfurando o céu dourado, mas ele não sentia mais a necessidade profunda de responder àquele chamado, apressar-se até seus pináculos e ver o mundo como eles fazia.

Ele estava mais feliz aqui embaixo, na floresta.

Na verdade, ele estava mais feliz a quilômetros de distância daquele lugar que não mais parecia sua casa.

Eloise olhou para ele, a visão dela acalmando-o e afastando seus pensamentos pesados.

A floresta recuou do rio à frente deles, deixando um amplo leito de terra ao seu lado que deu lugar a seixos e depois pedras arredondadas junto à água.

— Podemos acampar à frente.— Cavanaugh examinou a floresta com seus sentidos. — Eu acampei aqui algumas vezes.— Cheirava diferente agora. Os territórios dos gatos que fizeram desta área a sua casa mudaram.

O movimento através do rio chamou sua atenção e seu olhar foi para lá, seus sentidos em alerta máximo. Um pequeno gato leopardo quebrou a tampa, o viu e correu de volta para o matagal. Ele não era muito maior que um gato doméstico e definitivamente não era uma ameaça para ele e Eloise.

Ela colocou a mochila no meio do banco de terra e esfregou os ombros. Ele faria isso por ela, se ela pedisse. Deuses, ele faria por ela se ela não perguntasse. Ele faria qualquer coisa para colocar as mãos de volta nela e derrubar a maldita parede que estava entre eles. Ele largou a mochila e se esticou, um pedaço de prazer fluindo através dele enquanto se soltava. Ele não estava ansioso para a subida à frente dele, não com tanto equipamento. Ele teria que esconder a maior parte em algum lugar do que tentar levá-lo pelo caminho da montanha.

Seu olhar percorreu o largo rio lento, pulando de pedra em pedra que pontilhava água, e depois por cima das árvores para as montanhas a distância a frente.

Ele estava ficando sem tempo.

Tinha que haver uma maneira de fazer Eloise olhar para ele e vê-lo como o homem que ela conhecera a vida toda, aquele que pertencia a ela, se ela o tivesse, e não seu alfa.

Ele suspirou e arrumou a barraca enquanto ponderava sobre isso, e então a deixou para cuidar do fogo enquanto olhava para o rio. Foi uma jornada difícil e ele precisava se lavar antes de se preparar para uma deliciosa refeição de barras de proteína. A água cristalina era convidativa demais para resistir.

Ele queria se refrescar com um mergulho.

Se tudo fosse como planejado, Eloise se juntaria a ele.

CAPITULO CINCO

— Vou nadar. — Eloise mal teve tempo de registrar essas palavras antes que Cavanaugh estivesse tirando seu casaco preto e puxando a camiseta escura que ele usava com ela também. Deixou-as cair em cima de sua mochila e ela o encarou, incapaz de afastar os olhos enquanto deslizavam lentamente sobre as lajes duras de seus peitorais até as cordas de seu estômago.

Uma dor começou em sua barriga e só piorou quando ele tirou as botas, tirou as meias e desabotoou a calça cinza escura. Ele os empurrou para baixo, revelando pernas longas e enfraquecidas, e saiu deles, seus músculos mudando com a ação, hipnotizando-a.

Ele realmente era um macho majestoso.

Por um momento, ela temeu que ele esmagasse sua força para resistir a ele, tirando completamente, mas ele se afastou dela, seus troncos pretos ainda no lugar. Eles abraçaram os globos gêmeos de seu traseiro enquanto ele andava e ela olhou para eles, amando a maneira como eles covinham e flexionavam a cada passo que ele dava em direção à água.

Quando ele olhou para ela, ela baixou o olhar para sua mochila.

Ela sentiu os olhos dele a deixarem e ergueram os dela de volta para ele, bebendo a visão dele. Ele entrou na água e soltou um ruído agudo que ecoou em torno do vale verdejante e das montanhas além.

— Porra, isso está congelando. — Ele não se virou como ela esperava. Ele estremeceu e continuou se arrastando para o rio, os ombros curvados para cima e os dedos flexionando-se ao lado do corpo.

Ela sorriu.

E escondeu quando ele olhou para ela.

Ele sorriu, seus olhos cinzentos brilhantes, uma luz que ela não via neles há muito tempo. Demasiado longo. Este era o macho lindo com quem ela tinha crescido, sempre um ar de malícia ao seu redor, uma sensação de que ele iria viver sua vida ao máximo e aproveitar cada aventura em seu passo.

Vê-lo assim novamente só a fez se sentir pior em fazê-lo retornar ao orgulho com ela e só fez chegar nela o quanto ele havia mudado quando ele se tornou seu alfa. Ela nunca pensou que ele sorriria novamente como estava agora, cheio de energia e felicidade. Ela nunca pensou que veria o Cavanaugh que tinha sido seu melhor amigo, seu companheiro mais próxima e muito mais que isso.

Pelo menos para ela.

Ela o estudou, notando todas as mudanças que ela não notara, aquelas que eram surpreendentemente claras para ela e lhe disse que as coisas tinham sido difíceis para Cavanaugh na aldeia depois que ele se tornara seu alfa. Ela podia ver agora o quanto isso pesava sobre ele e ela se amaldiçoou por estar tão envolvida em sua própria dor para notar sua luta. Seu coração sussurrava que não eram apenas seus deveres como alfa que tornavam difícil a vida no orgulho para ele e ela tentava ignorá-lo, com medo de ouvi-lo e acreditar que sua luta tinha sido em parte porque eles tinham sido separados e não poderia estar juntos.

Ela se recusou a se envolver nessa fantasia.

Ela se recusou a se render à urgente necessidade de interrogá-lo também, porque temia as respostas que ele poderia lhe dar.

Ele mergulhou bravamente na água, começou a nadar na parte mais profunda do rio, fascinando-a enquanto abaixava a cabeça sob a água fria e voltava à superfície. Ele alisou o cabelo branco prateado para trás e os regatos escorreram por suas bochechas esculpidas e rolaram ao longo da linha forte de sua mandíbula. Ele ainda fazia seu coração bater forte e ainda a atraía para ele, apesar de suas lembranças dele estarem contaminadas por tudo que acontecera depois.

As mulheres.

O calor que vinha crescendo dentro dela gaguejou e morreu, deixando-a gelada.

Cavanaugh nadou até ela, mas seu sorriso não mais a afetava. A visão dele já não a fazia querer correr para seus braços e escutar sua voz profunda enquanto contava suas histórias do mundo exterior. A dor de observá-lo de longe por cinco longos anos esmagou essa necessidade e a dor de se separar dele e tudo o que ela suportou destruiu seus sentimentos mais suaves.

— Junte-se a mim, Eloise. — ele gritou, seu sorriso se alargando. — Não é ruim quando você se acostuma.

— Não. — Aquela palavra saiu muito mais fria do que ela pretendia e ele franziu a testa para ela, seu sorriso desaparecendo quando ele parou de nadar.

Ela desviou o olhar dele, incapaz de suportar ver a dor quando atravessou seu rosto, rasgando-a. Ela não pretendia rejeitá-lo tão cruelmente. Tinha sido errado dela, e não porque ele era seu alfa e ela tinha sido desrespeitosa. Tinha sido errado dela machucá-lo quando no fundo ela quis aceitar sua oferta.

Ela queria nadar com ele, mas não conseguia afastar as lembranças que a estavam bombardeando, repetições dos cinco anos em que o observara à distância, como se ele fosse o alfa deles.

Ela não conseguia afastar os flashes das mulheres que tinham estado em cima dele, buscando sua atenção.

Eloise pressionou as mãos contra o peito enquanto seu coração doía e lágrimas ameaçavam encher seus olhos. Ela puxou-as de volta, sem vontade de deixá-las cair. Ela havia derramado lágrimas suficientes em sua vida sobre tudo o que havia acontecido. Ela terminou com elas agora. Ela era mais forte que a mulher que ela tinha sido, a que foi moldada por eventos sobre os quais ela não tinha controle.

Aquela que se despedaçou todas as noites quando Cavanaugh foi para sua casa, um rastro de mulheres seguindo-o.

Era o direito de orgulho dos alfas escolherem entre as mulheres de status, satisfazendo tantos parceiros quanto imaginassem. As fêmeas disputavam a atenção de seu alfa porque compartilhar sua cama poderia elevá-las ao papel de sua única fêmea.

Cavanaugh nunca escolhera uma das muitas. Seu pai tinha sido assim também, deitar numerosas mulheres, nunca se contentar com uma.

Seu pai dormira com as mulheres sem status, as que nunca poderiam ser selecionadas como sua única mulher.

Seu olhar procurou Cavanaugh e o seguiu enquanto ele se afastava dela, a distância entre eles comendo nela. Quantas fêmeas ele dormira nos cinco anos em que ele servira como alfa?

Com quantas mais ele dormiria depois que ele voltasse para esse papel?

Ele voltaria a isso. Ele não tinha escolha. Ele se tornaria seu verdadeiro alfa novamente quando ele pisasse na aldeia, e ela voltaria para sua vida tranquila, longe do orgulho. Por mais que isso a machucasse, era como as coisas tinham que ser. Ela não estava trazendo ele de volta por causa dela. Ela estava fazendo isso pelo orgulho.

Eloise observou-o, uma necessidade profunda crescendo dentro dela novamente, uma que ela se esforçou para negar.

Perguntar a Cavanaugh a verdade sobre quantas mulheres ele dormiu e se ele se importava com ela só acabaria com ela sendo ferida novamente. Ela não era forte o suficiente, não era corajosa o suficiente para colocar seu coração na linha assim. Seu estômago se rebelou com a visão dele olhando-a nos olhos e dizendo que ele tinha as fêmeas que tinha dormido não tinham significado nada para ele, que o que aconteceu entre eles tinha sido nada mais do que satisfazer uma necessidade biológica por ele.

Ela não era forte o suficiente agora para ouvir isso. Vendo-o novamente, falando com ele pela primeira vez em quase uma década, e estando perto dele, ela estava confusa e desequilibrada, capaz de desmoronar e fazer papel de boba.

Cavanaugh começou a nadar de volta para ela e a resolução que ela reunira desmoronou novamente. Ela tremeu à beira de deixar de lado todas as regras e nadar com ele. Parte dela exigiu que ela aproveitasse esse momento com ele, antes que ele fosse tirado dela novamente, mas o resto avisou que isso só pioraria as coisas. Dar-se a ele de novo agora tornaria insuportável vê-lo com outras mulheres. O conhecimento de que ele poderia de novo tomar algo precioso e especial e tratá-lo como se não fosse nada a destruiria.

Seu olhar girou em sua direção e sua expressão de repente ficou fria.

— Eloise! — Ele empurrou para fora da água, pulverizando-a em todos os lugares e assustando-a.

Ele correu através das rochas molhadas, com os pés seguros enquanto corria em sua direção, saltando com a graça ágil de uma pedra para a seguinte, seus músculos trabalhando duro enquanto ele fechava a distância entre eles.

Seus olhos se arregalaram e ela se virou devagar, com o coração trovejando contra o seio e os formigamentos frios se arrastando pela nuca.

Ela não estava sozinha.

Seus olhos encontraram os enormes do tigre enquanto se aproximava dela da borda da floresta, já perto o suficiente para atacar.

Sua respiração engatou e ficou presa em sua garganta.

Cavanaugh apareceu entre ela e o tigre. Sua mão esquerda apertou sua cintura e ele a empurrou para trás, protegendo-a com seu grande corpo.

Ele rugiu para o tigre e o pelo cinza-prateado ondulou sobre seus poderosos ombros.

Sua mão se flexionou contra seu quadril, um silencioso aviso para ela, dizendo-lhe para não se mexer. Ela ficou quieta, pulsando aceleradamente, seu sangue gelando em suas veias.

Além dele, o tigre se agachou, preparando-se para atacar.

O coração de Eloise saltou para se juntar à respiração, alojando-se na garganta e recusando-se a descer. O medo explodiu através dela, o pensamento de que Cavanaugh poderia ter que lutar contra o gato selvagem transformando seu sangue em gelo e enchendo-a com uma necessidade desesperada de fazer algo para protegê-lo. Ela era impotente embora. Não páreo para a fera. Não recuaria se ela enfrentasse. Sentiria sua fraqueza e ataque.

Apenas Cavanaugh era forte o suficiente para enfrentar o animal e fazê-lo sair.

O tigre rosnou, mostrando longos caninos amarelados.

Cavanaugh rosnou de volta para ele. Ela podia sentir seu desejo de mudar. Ele também passou por ela, mas seria um erro grave cedê-la. Ela era maior em sua forma humana e parecia muito mais uma ameaça ao tigre, assim como Cavanaugh. Sua mão tremia contra seu quadril, fria da água, mas enchendo-a de calor reconfortante. Cavanaugh era forte. Um rei dos animais.

Ele poderia convencer o tigre a deixá-los. Ela tinha que acreditar, porque não podia suportar pensar no outro caminho que as coisas poderiam levar.

Ela não conseguia pensar em lutar com Cavanaugh.

Levou-a de volta cinco anos, para uma noite que nunca esqueceria e uma que não queria lembrar.

O som de carne golpeando carne. O cheiro de sangue no ar frio. O grito angustiado. A neve pintada de carmesim. Tudo girou em sua mente,

aumentando seu medo, fazendo seu coração disparar enquanto lutava por ar e para escapar da visão de pesadelo.

O aperto de Cavanaugh em seu quadril aumentou, afastando a visão horrível, mas não seu medo.

Ela olhou para a parte de trás de sua cabeça, lutando contra sua necessidade de tocá-lo para se assegurar de que ele estava bem e sua necessidade de fazer algo para afastar a fera para que ele permanecesse assim.

Ele respirava com dificuldade, seus olhos nunca deixando o tigre. A fera também não tirou os olhos de Cavanaugh. Eles se encararam através da extensão de terra rochosa lamacenta durante o que pareceram horas para ela, um impasse silencioso entre dois poderosos predadores. Ela não aguentou. O ar estava muito denso para ela respirar enquanto esperava. Ela não podia baixá-lo em seus pulmões.

O tigre rosnou.

Cavanaugh rugiu, o som ecoando pela floresta e pelas montanhas que se elevavam acima dela.

Seu coração parou quando o tigre baixou e ela teve certeza de que iria atacar e Cavanaugh teria que lutar contra isso. Ela agarrou o braço dele, a ponto de tirá-lo do perigo.

O gato grande virou-se e voltou para a floresta.

Seu coração mergulhou em seu estômago.

— Você está bem?

Cavanaugh a interrompeu girando nos calcanhares e arrastando-a para os braços dele, contra o peito úmido. Ele envolveu seus braços ao redor dela, bandas de aço que beiravam o ar que ela tinha conseguido colocar em seus pulmões para fora novamente.

Ela não tinha certeza do que pensar quando ele pressionou a bochecha no lado da cabeça dela e segurou as costas dela com uma mão, abrindo um túnel com os dedos nas ondas soltas de seu cabelo escuro. Ela disse a si mesma para não fazê-lo, mas acabou fechando os olhos, pressionando as mãos contra o estômago dele e descansando a bochecha contra o peito dele, ouvindo seu coração batendo contra sua orelha e trovejando contra as palmas das mãos.

Ele estava tremendo.

— Você está bem? — Ele sussurrou, seus lábios roçando a testa dela.

Ela assentiu com a cabeça, sua voz longe de ser encontrada, afastada pela sensação de seus braços ao redor dela e o quão firmemente ele a segurava, como se estivesse à beira de perder algo precioso para ele.

Deuses, como ela queria acreditar nisso.

Foi tudo fazer acreditar, porém, uma fantasia criada por sua mente, uma vez que interpretou como ele reagiu e como ele a segurava.

Não foi?

Ele se afastou antes que ela pudesse responder a essa pergunta, esfregando casualmente a parte de trás do seu pescoço. A água escorria de seu cabelo branco-prateado e escorria pelo seu rosto, passando em cascata pelos brilhantes olhos da mais pura prata. Eles a pegaram e a seguraram, agitando seus sentimentos de volta à superfície, a intensidade deles a deixando profundamente consciente dele - sua força, seu poder, seu fascínio sombrio.

Ela estava tão perdida nele como tinha sido há uma década atrás, atraída pelo feitiço que ele lançava ao se concentrar com tanta intensidade nela, fazendo-a sentir como se ela fosse a única outra pessoa em seu universo.

— Não tive problemas assim em Londres. — Ele sorriu, mas ela viu diretamente através dele.

O tigre o havia abalado.

Ela não mencionaria isso. Ela fingiria que não tinha visto. Ele estava sendo forte e ela também, porque tudo o que ela realmente queria era segurá-lo e se assegurar de que ele estava bem.

Ele estava seguro.

Seu sorriso vacilou, ficou tenso e ele murmurou para si mesmo enquanto cruzava o curto espaço de terra até a mochila e as roupas.

Ele pegou sua camiseta de dentro do casaco e ela olhou para o peito dele, para as cicatrizes que os cortavam. A visão delas a transportou de volta cinco anos de novo, para aquela noite em que sentira que estivera à beira de morrer. Vê-lo lutar com Stellan naquela noite quase a matou.

— O que há de errado? — Cavanaugh baixou a camiseta para o lado e aproximou-se dela, cada centímetro dele tenso e alerta, preocupado em aquecer seus olhos cinzentos. — É o tigre? — Ela balançou a cabeça e deixou as palavras caírem de seus lábios. — Eu estava tão assustada quando você lutou. — Sem pensar, ela passou os dedos pelo peito dele, seguindo as marcas que marcavam sua pele pálida. Elas tinham sido tão profundos na época, uma ferida que o forçou a voltar à sua forma humana. Elas tinham sangrado muito, carmesim bombeando dos três cortes, derramando sua barriga nua e pintando a neve. Sua mão tremia contra ele, as lágrimas quentes subindo, embora ela tentasse segurá-los de volta.

O ar engrossou e ele respirou com dificuldade, seu olhar intenso a aquecendo por dentro, fazendo-a queimar em mil graus e doer para erguer os olhos para os dele. Ela queria ver aquela fome em seus olhos novamente, o calor que ela tinha visto neles antes.

O desejo.

— Eloise. — ele disse, sua voz raspando sobre o cascalho, alimentando a necessidade dela para um nível surpreendente, que a deixou à beira de se render a ela.

Deuses, ela queria se render a isso.

Ela não poderia se colocar com tanta dor novamente embora.

Ela se recompôs, pegou a mão de volta e abaixou a cabeça. — Eu sinto muito.

— Foda-se essa merda. — Ele se afastou dela, tirou as roupas de cima de sua mochila e as colocou em seus braços enquanto se afastava dela.

Eloise só pôde olhar para ele enquanto ele jogava as roupas no chão a cerca de vinte metros dela, do outro lado do acampamento. Ele empurrou os troncos molhados pelas pernas, deixando-o completamente nu, e depois puxou as calças cinza-escuras. Raiva atou seu perfume, nascido da frustração, em vez da adrenalina de enfrentar o tigre. Ele estava bravo com ela. Ele também parecia estar tirando as roupas dele. Ela ficou surpresa que suas botas não se separaram nas costuras quando ele as abriu com força antes de enfiar os pés nelas.

Ela não o entendia.

Desde o dia em que ele havia se tornado o alfa do orgulho dez anos atrás, ele não a olhara uma vez, e ele estava fora há cinco anos. Ele havia saído de sua vida sem sequer olhar para trás. Ele deixara claro que ela não significava nada para ele e o que havia acontecido entre eles tinha sido pouco mais do que hormônios em jogo, uma necessidade que ele não fora capaz de negar.

Mas desde que ela entrou na boate, ele não tirou os olhos dela, e o jeito que ele continuou agindo em torno dela a estava levando de volta para além daqueles dez anos, a um ponto em que eles estiveram mais próximos.

Para uma época em que eles estavam juntos.

Quando o mundo não era um lugar escuro, porque ele havia enchido de luz.

Ele fez uma pausa e olhou através da estreita faixa de terra que os dividia, seus olhos cinzentos escuros com a fome que ela queria ver neles

novamente pelo que parecia ser para sempre, o calor que ela temia porque despertava algo dentro dela também.

A fome que a consumia.

Ainda era uma viagem de três dias para a aldeia se o tempo permanecesse como estava.

Deuses a ajudassem, mas ela não tinha certeza se conseguiria.

Ela tinha certeza.

Ela não conseguiria.

Ela era uma mariposa atraída por sua chama e era apenas uma questão de tempo antes que ele a incendiasse e a queimasse tão quente que reduzisse seu controle a cinzas.

CAPITULO SEIS

Cavanaugh seguiu Eloise através das árvores rala, seus sentidos se estendendo ao redor dele, cada cheiro e visão o fazendo querer mudar e explorar em sua forma de leopardo da neve. Eles haviam deixado o acampamento à primeira luz, depois do que havia sido uma noite desconfortável para ele.

Compartilhar a pequena tenda com Eloise foi uma tortura.

Ela estava bem ao lado dele, protegida por um maldito saco de dormir laranja para todos os climas, mas ao alcance dele. Ele a tinha respirado a noite toda, e não tinha sido capaz de dormir, e não apenas por causa de sua presença a poucos centímetros dele e sim dos constantes replays de quando ela tocou seu peito que enchiam sua mente, fazendo-o sofrer por ela.

Ele esteve em alerta máximo a noite toda, seus ouvidos se contorcendo com cada barulho do lado de fora da tenda, não importando o quão inofensivo eles fossem. O leopardo da neve dentro dele, a parte primitiva dele, exigiu que ele ficasse acordado e vigiasse Eloise, pronto para protegê-la de qualquer predador que pudesse se aproximar demais de sua companheira dormindo.

Ele a observou sonolenta, imaginando o que assombrava seus sonhos e se tinha algo a ver com as cicatrizes em seus pulsos.

Depois de refletir sobre tudo o que lhe contara sobre Stellan e o orgulho, do jantar de barras de proteína, e analisar seu comportamento em que seus pulsos estavam marcados e como ela não queria que ele os visse, ele chegou a uma conclusão terrível.

Ela havia sido amarrada mais de uma vez pelo homem que ele deixara no comando de seus parentes.

Ela ganhou as cicatrizes em sua aldeia natal, não enquanto ela estava viajando e procurando por ele. Ele mataria Stellan por esse ato cruel sozinho. Ninguém colocava a mão em sua Eloise sem pagar por isso com sua vida.

Apesar de seus sonhos ruins, ela parecia mais brilhante hoje. A cor estava de volta em suas bochechas e os círculos escuros sob seus olhos finalmente desapareceram, deixando-a tão bonita quanto ele se lembrava.

Tão linda quanto a fotografia dela que ele amava.

A fria névoa da manhã formava pequenas contas de cristal de água em seu cabelo escuro, fazendo com que os fios de seu nó torcido na parte de trás de sua cabeça se transformassem em espinhos. Também se agarrava aos ombros. As gotas que se apegavam a ela o transportavam de volta às inúmeras vezes em que saíam da vila através da neve em suas formas de leopardo e como o pó branco se agarrava a seu lindo casaco prateado. Ela sempre tinha parado na neve para se livrar, acabando com ainda mais sobre ela do que com menos.

A última vez que isso aconteceu foi tão clara como o dia para ele, uma memória que ficaria com ele para sempre.

Ele se aproximou dela e lambeu a neve do casaco, e ela se virou para ele e esfregou a bochecha na dele, a ação meiga e a que o tocou profundamente. Ela o marcou com seu aroma e se marcou com o dele ao mesmo tempo.

— Cavanaugh? — Sua voz o puxou de volta para a floresta e ele olhou através das árvores para ela por um segundo antes de perceber que ele havia parado de andar e ela estava muito mais à frente dele, de pé no topo de uma íngreme encosta de terra.

Ele balançou a cabeça e caminhou através das árvores, pisando sobre as grossas raízes que cobriam o chão da floresta, e evitando esmagar os enormes insetos e pequenos mamíferos sob suas botas. Ele colocou as mãos ao redor das alças de sua mochila pesada e ajustou-a antes de escalar a inclinação, usando as árvores para percorrer um caminho até ela, apoiando as botas contra as bases.

Quando ele chegou a ela, ela ainda estava franzindo a testa para ele, seus olhos cor de mel aquecidos pela preocupação.

— Eu não dormi muito. — Era a única explicação que ele ia oferecer a ela. Se ela insistisse, ele poderia mentir e dizer que era apenas porque ele queria protegê-la.

Na realidade, era em parte porque ele tinha sido tão duro quanto um bastão de aço em sua calça toda a noite, excitado pelo pensamento de que ela dormia apenas com um top frágil e shorts sob o saco de dormir grosso e as memórias de suas mãos em seu peito, e o fogo que queimara em seus olhos.

Precisava que ele se sentisse nela e lhe ordenara que satisfizesse sua companheira.

Ela caminhou na frente dele novamente, seus quadris balançando em suas calças bege, atraindo o olhar para baixo para seu traseiro.

Cavanaugh esfregou a mão na boca e gemeu baixinho. Ele não tinha certeza se poderia durar mais uma noite dormindo perto dela. Ele nunca tinha dormido com ela antes, nem mesmo de uma forma tão inocente, com eles enfiados em sacos de dormir separados. Se ele não conseguisse encontrar um lugar para dormir onde pudesse ter mais distância entre eles, ele poderia pular sobre ela e agir de acordo com seu desejo. Ele não tinha certeza se era uma boa ideia, mesmo que seu corpo e sua mente estivessem gritando que era.

Fazia dez anos desde que ele tocara em uma mulher e desde que uma o tocara. Dez anos desde que ele estivera com Eloise. Ela o fez disparar e constantemente à sua volta, enlouquecendo com a necessidade dele. Ele teve que controlá-lo e de alguma forma manter o controle, pelo bem de ambos.

Ele arrastou o olhar para longe dela, forçando-se a tomar a floresta enquanto andava. Eles estavam se afastando do rio, tomando um atalho para um ponto onde pudessem atravessá-lo. De lá, era uma caminhada íngreme e difícil até o lado da montanha. Ele checou seu relógio. Não era nem meio-

dia. Eles estavam fazendo um bom tempo. Se eles continuassem assim, poderiam alcançar o topo da subida vertical que os aguardava ao anoitecer.

Cavanaugh diminuiu a velocidade, não querendo que isso acontecesse. Ele planejara parar na base da pura subida ao lado de uma das montanhas - o único caminho para a aldeia. Eloise não se contentaria com isso agora. Eles chegariam lá no começo da tarde. Na melhor das hipóteses, ele poderia convencê-la a parar no meio da subida, onde havia uma caverna que seus parentes usavam como abrigo. Era grande o suficiente para protegê-los de qualquer clima que a montanha pudesse lançar contra eles, e para ele dormir a uma boa distância dela.

Eloise olhou para ele novamente, uma carranca marcando seu lindo rosto. Deuses, ela era linda, mesmo quando ela estava carrancuda para ele e parecia pronta para boxear seus ouvidos por ser lenta. Um toque de cor subiu em suas bochechas e ela apressadamente desviou o olhar, mas não antes que ele notasse como seus olhos tinham escurecido.

Não com raiva.

Mas com desejo.

Ele gemeu e acelerou o ritmo, um escravo de sua necessidade de estar mais perto dela. Ela lançou outro olhar para ele quando ele se aproximou dela, um toque de nervosismo em seus olhos agora. Ela era de tirar o fôlego, corada de vida e vibrante, mais parecida com a mulher que ele mais lembrava do que ela se tornara.

O que acontecera com ela?

Ela havia mudado o dia após a celebração de sua ascensão ao papel de orgulho alfa, sempre evitando-o.

O que eles compartilharam significava tão pouco para ela?

Ele não tinha certeza disso naquela época, parte dele convencido de que isso significava algo, mas o resto dele argumentando contra isso, mas ele queria saber. Ele ainda queria saber. Ele a observava sempre que ela

pensava que ele não estava olhando, estudando-a o máximo que podia, sem despertar suspeita, e jurara que, às vezes, havia magoa em seus olhos.

Ele se convencera de que só vira o que queria ver, porque estava sofrendo.

Mas as coisas eram diferentes agora.

Ela era diferente.

E isso o levou a acreditar que o que eles tinham compartilhado tinha sido real e ambos tinham sido feridos por sua ascensão.

Ambos sentiram algo pelo outro.

Era tarde demais para fazê-la ver isso?

Há alguns dias, ele poderia ter respondido a essa pergunta com um sim e decidido a fazê-la mudar de ideia. Desde os acontecimentos de ontem, sua mente e seu coração disseram não. Não era tarde demais para eles.

Ele ficara petrificado quando estivera nadando, prestes a tentar convencê-la a entrar na água e avistou o tigre perseguindo-a. Ela estava completamente inconsciente disso, seus olhos fixos nele e uma sugestão de desejo saindo dela.

Seu coração parou de bater e explodiu em seu peito, apressando-o a entrar em ação. Tudo primitivo dentro dele, todos os instintos e sentidos, cada sentimento que ele possuía, exigiu que ele a protegesse e derrubasse o tigre se ele tivesse que ir tão longe.

Quando a besta finalmente recuou, ele não foi capaz de se impedir de segurá-la. Então, ela o tocou, dizendo a ele como estava com medo na noite em que ele lutou com Stellan, fazendo-o acreditar que ela sentira algo por ele e ainda poderia sentir isso. Ele tinha pensado que talvez ele conseguisse seu desejo.

Ela seria sua novamente.

Mas ela se afastou.

Por quê?

Por causa de seu status?

Ele odiava isso. Ele odiava a parede que havia construído entre eles e estava determinado a derrubá-la. Ele não permitiria que nada se interpusesse entre eles. Ele tinha sido paciente. Ele havia esperado por cinco longos anos, cheio de uma necessidade de vê-la, ouvir sua voz e sentir o cheiro dela novamente e sentir suas curvas suaves sob os dedos. Ela havia voltado para a vida dele. Ela veio para ele. Ele não conseguia parar de ler aquilo e vê-lo como um sinal. Sua paciência valeria a pena. Ele poderia curar a brecha entre eles e reconquistá-la.

Seu desejo se tornaria realidade.

Ela se tornaria sua companheira.

Ela liderou o caminho pelo rio e ele a seguiu sem realmente olhar para onde estava indo, atravessando a água em vez de atravessar as rochas como ela, perdendo em seus pensamentos. Quando chegou ao outro banco e se levantou, ela estava olhando para ele novamente. Não com desejo. Desta vez, ela parecia estar se perguntando se ele havia perdido a cabeça.

Ele não perdeu essa parte dele.

Ele havia perdido o coração embora.

Ele tinha sido arrancado de seu peito há dez anos e agora ele estava lentamente juntando-o novamente, colando-o com a esperança de que ele pudesse quebrar suas defesas e conquistá-la. Ele queria que ela se rendesse a ele e a atração que sentiam um pelo outro, como fizera há uma década, mostrando-lhe o que sentia por ele, mas parte dele temia que, se acontecesse antes que a lua cheia tivesse surgido, isso só aconteceria porque ele era seu alfa.

Era o mesmo medo que sempre o detinha.

A mesma regra que Stellan pretendia usar para fazer com que todas as fêmeas não pareadas, independentemente de seu status, se submetessem a ele.

Cavanaugh não queria tal união com ela. Não estava certo.

Não era o que ele queria para eles.

Ele não queria uma amante.

Ele queria que ela fosse sua companheira.

Ele queria que ela o amasse. Para ter isso, ele tinha que esperar até que ele estivesse livre de seu status. Só então ele teria certeza de que o que ela sentia por ele era real.

Estava ficando mais difícil a cada segundo embora. Quanto mais tempo ele estava ao redor dela, seu perfume enchendo seus pulmões e suas curvas tentando seus olhos, mais forte sua necessidade de beijá-la se tornava. Cada árvore que eles passavam, ele fantasiava sobre prendê-la a ela e roubar sua respiração com um beijo que a faria derreter nele e gemer seu nome como ela tinha feito na última noite em que eles fizeram amor.

Ele espalmou a protuberância crescente em suas calças cinza-escuras, mudando-a para uma posição mais confortável.

Ela olhou para ele novamente e ele fingiu que estava mexendo na bainha de sua calça. Ele puxou-a um pouco para que ela não notasse o efeito que estava tendo sobre ele e continuou andando, não ousando olhar para ela até que ele sentiu o olhar dela o deixar.

Ele suspirou e beliscou a ponte do nariz. Ele não tinha certeza de que mesmo uma grande distância entre eles iria impedi-lo de ceder à necessidade urgente de tocá-la, beijá-la e mostrar a ela que ele a queria mais do que tudo. Ele não tinha certeza se seria capaz de durar outra noite com ela.

A necessidade que foi gradualmente crescendo dentro dele a partir do segundo que ele a viu no submundo estava chegando ao ponto de ebulição e ele estava queimando por ela.

A floresta começou a afinar à medida que subiam e o chão se tornava rochoso sob os pés. Eloise continuou a liderar, roubando mais de seu foco do mundo ao seu redor enquanto seguiam uma trilha íngreme pela encosta da montanha. Havia menos predadores para ele se preocupar aqui. Os tigres continuaram até vários milhares de metros nas montanhas, onde seus territórios colidiam com os dos leopardos da neve, mas leopardos eram escassos aqui e leopardos da neve permaneciam na floresta abaixo.

Eloise derrapou um passo no solo pedregoso solto e bufou enquanto recuava, resmungando baixinho. Cavanaugh imaginou que ela estava culpando as botas que ele havia comprado para ela novamente. Elas provavelmente eram novas demais para tal jornada, suas solas grossas e apertos profundos e desbotados os deixando escorregadios em alguns terrenos, mas eram muito melhores do que os que ela ostentara antes. Ele duvidava que ela tivesse chegado tão longe sem cair de cara no chão, ou pior, se ele a tivesse deixado para tentar atravessar a floresta e a montanha com suas botas gastas.

Ela se arrastou adiante e ele fechou a distância entre eles enquanto o caminho se alargava, arrastando-se através do estranho pedaço de arbustos na montanha desolada. Era cinza até onde os olhos podiam ver. Apenas o grupo ocasional de árvores resistentes o suficiente para sobreviver em tal elevação quebrava a paisagem monótona na encosta que se estendia à sua frente. O caminho era uma linha pálida e ondulada subindo lentamente em direção a um desses trechos de árvores. Além disso, a montanha subia como uma parede vertical que desafiaria os escaladores humanos mais experientes.

Na distância atrás dele, um alerta saiu, um som baixo e pesaroso que fez seus ouvidos se arrepiarem. Um leopardo da neve. Ele sentiu a necessidade do gato grande batendo dentro dele também. Era um macho à procura de uma fêmea receptiva.

Queria um companheiro.

Eloise olhou para ele, a aspersão de rosa em suas bochechas, dizendo que também ouvira o chamado e sabia o que significava. Cavanaugh rondou em direção a ela, estreitando os olhos nos dela a cada passo que se aproximava, e ela baixou o olhar, a cor nas bochechas se escurecendo.

Deuses, ele queria beijá-la quando ela parecia tão tímida e bonita.

— Devemos nos apressar se vamos começar nossa subida hoje. — Ela correu para longe dele e ele grunhiu, quis rosnar sua frustração pelo modo como ela continuava escapando dele, e depois seguiu atrás dela, impulsionada pela necessidade de caçá-la.

Sua forma de leopardo da neve inquietamente sob sua pele, querendo sair. Ele queria transformar e obedecer a sua necessidade de andar por um tempo em sua outra forma, mas ele não podia. Era mais seguro para ambos se permanecessem humanos. Os grandes felinos da área o viam mais como uma ameaça nesta forma. Em sua outra forma, eles podem querer lutar por território com ele.

Ele não queria lutar na frente de Eloise, não depois de sua confissão suave na noite passada.

Ele não queria que ela tivesse medo por ele novamente.

Ela subiu a parte mais íngreme do caminho para se juntar àquela que cruzava e conduzia ao longo da crista em direção às árvores e à parede vertical de rocha que eles precisavam escalar.

Cavanaugh a seguiu, apenas brevemente olhando para trás na direção em que o chamado tinha vindo, incapaz de negar seu desejo de ver o leopardo da neve. Ele não via um há anos, exceto por si mesmo no espelho do salão de jogos. Ele odiava se ver em sua forma de leopardo da neve, porque isso o fazia pensar em Eloise. Levou-o de volta a todas as vezes que eles tinham viajado juntos e brincado em suas formas de gato, e ele acabava doendo com a necessidade de vê-la que durava dias.

Ela parou na base da parede entre as árvores e olhou para a altura dela. Várias centenas de metros de rocha cinzenta, com poucos apoios e apenas um lugar para descansar. Foi um desafio que ele gostou. Esse era o ponto para o qual ele sempre procurara quando viajava de ou para a aldeia.

Apenas a visão dela tinha seu coração batendo mais forte, bombeando adrenalina em suas veias enquanto seu corpo se preparava para a excitação e a tensão da subida.

Ele tirou sua mochila e a desfez, tirando tudo que era necessário, incluindo um pacote menor que teria que bastar a partir desse ponto. Era grande o suficiente para acomodar seu saco de dormir, a comida, o cantil e uma muda de roupa. Ele escondeu o pacote maior em uma fenda onde ninguém iria encontrá-lo.

Eloise já estava se despindo na camada de base de uma blusa térmica de mangas compridas. Ele olhou para ela, descaradamente, mesmo quando ela olhou em sua direção. Ele não conseguia tirar os olhos dela. O top apertado abraçava seus seios e agitava a fome dentro dele, despertando a necessidade feroz de atraí-la em seus braços e beijá-la.

Cavanaugh afastou os olhos dela e ocupou-se seguindo o exemplo, tirando o casaco e a camiseta e substituindo-os por um tampo térmico preto semelhante. Estava frio apenas com a camada fina, mas os leopardos da neve podiam suportar o frio extremo, e não demoraria muito para que o esforço de escalar a rocha íngreme o aquecesse. Mesmo em uma camada tão frágil, ele acabava ficando quente e suado quando chegou à pequena caverna a meio caminho das várias centenas de metros de altura da parede.

Ele entrou em seu cinto e se certificou de que estava apertado e seguro em torno de seus quadris antes de pegar o de Eloise.

Ela ficou tensa quando ele se aproximou dela, desencadeando seu desejo de persegui-la, caçá-la e fazê-la se render a ele. Ele socou aquela necessidade e engoliu em seco, lutando para afastar sua mente do que estava prestes a fazer e desligar o modo como seu corpo estava reagindo ao simples pensamento disso.

Não adiantou.

No momento em que ele se ajoelhou na frente dela, seu olhar nivelado com seus quadris, ele perdeu a batalha contra seu corpo. Todo o seu sangue correu para o sul, tornando-o instantaneamente rígido em suas calças. Ele respirou fundo e só piorou as coisas, enchendo seus sentidos com o cheiro dela. Ele molhou os lábios e segurou o cinto preto para ela. Ela entrou, pegou a bota esquerda nas alças e foi para frente. Suas mãos desceram sobre seus ombros para firmá-la, enviando fogo ardendo ao longo de seus ossos.

Ele rosnou e ela as pegou de volta, um pequeno suspiro escapando dela.

Ele não quis dizer isso como uma ameaça e ela sabia disso. Ela sentiu o desejo dentro dele, a necessidade que bateu em seu sangue, e ouviu isto em seu faminto rosnado.

— Desculpe. — ela sussurrou e ele mentalmente a amaldiçoou por se desculpar novamente.

Ela podia tocar tudo o que ela queria, desde que ela iniciasse as coisas. Essa era a regra que ele tinha que manter no lugar para que ele soubesse que ela o queria, que o que acontecesse entre eles não era porque ele era seu alfa.

Ele havia desenhado uma linha entre eles e ela tinha que ser a única a atravessá-la.

Ela tinha que ser a única a mostrar a ele que o que eles compartilharam uma década atrás não tinha sido unilateral. Ela estava apaixonada por ele.

Como ele estava apaixonado por ela.

Ele puxou o arnês para cima de suas pernas, prendeu-o no lugar em torno de seus quadris, e se afastou dela, dando-se um momento para trazer suas fome de volta sob controle. Ele pegou a corda que eles usariam para a subida e puxou-a, testando sua força. Ele passou a corda pelo cinto e se certificou de que estava seguro antes de respirar fundo.

Cavanaugh se virou para encará-la.

Ela estava a uma curta distância, arrumando seu rico cabelo castanho, preparando-se para a subida. Precisava de zero distrações e cem por cento de seu foco. Não havia pontos na subida onde eles poderiam se prender a âncoras nas rochas. Proteger o orgulho significava não deixar nada na parede que pudesse ser usado pelos humanos para alcançar o topo e o vale escondido ali.

A única segurança que ele e Eloise teriam eram um ao outro.

Ele fechou a brecha entre eles e enfiou a corda através de seu arreio, seu olhar fixo em seu trabalho. Foi bom finalmente estar ligado a ela de uma forma, mesmo que fosse apenas através de uma corda. Ele puxou-a, verificando se estava segura e não se soltaria do arnês. Ele precisava saber que levaria o peso dela se ela escorregasse.

Ele não podia perdê-la.

Ele passou muito tempo sem ela como estava.

Ele preferiria morrer a encarar o resto de sua vida sem ela.

Ele ergueu o olhar para o rosto dela, imediatamente se perdendo em seus profundos olhos cor de mel. Eles corajosamente seguraram os dele, mesmo quando seu coração acelerou em seus ouvidos, acelerando sua respiração com ele, e o forte aroma de nervos atou seu doce aroma.

— Cavanaugh? — Ela sussurrou sem fôlego, sua voz suave provocando-o para aproximá-lo dele, puxando a corda que os conectava e não parando até que ela estivesse a poucos centímetros dele.

Sua cabeça inclinou para trás, seus olhos ainda segurando os dele.

Seu coração batia mais forte e ele não conseguia respirar enquanto olhava nos olhos dela, o ar crescendo em volta deles mais uma vez.

Ele queria beijá-la, precisava de apenas um beijo para construir sua confiança, não apenas pela subida à frente deles, mas por sua batalha para conquistá-la, mas não tinha certeza de como ela reagiria a isso.

Seus dedos flexionaram em torno da corda lisa.

Ele recuou um passo e deixou-o escapar, e se afastou dela, erguendo a cabeça em direção à parede rochosa.

Ele não podia beijá-la, e não apenas porque prometera que ela seria a primeira a dar o primeiro passo.

Ele olhou para o penhasco cinza escuro que pairava sobre ele.

Ele não podia beijá-la porque não precisava tentar escalá-la com uma dolorosa rejeição nublando sua mente.

Um segundo era tudo o que precisaria.

Um segundo em que seu foco escorregasse.

Um segundo que significaria o fim do seu para sempre.

CAPITULO SETE

Eloise segurou com a mão esquerda e se balançou para a direita, alcançando o próximo aperto que havia visto ali. Ela pegou com as pontas dos dedos e puxou-se para a frente, melhorando o aperto na estreita abertura na parede de pedra cinza.

Ela sentiu o olhar de Cavanaugh sobre ela novamente, quente e penetrante, enviando uma onda de calor através dela. Ele tinha que parar de olhar para ela desse jeito.

Sua concentração já foi disparada. Ela não conseguia parar de pensar em como Cavanaugh reagiu quando ela o tocou na base do penhasco, usando as mãos nos ombros dele para se firmar. A fome brilhava em seus olhos e seu grunhido baixo enviara um arrepio quente através dela, enchendo-a com uma necessidade potente de roçar as mãos sobre os ombros largos e tentá-lo a beijá-la.

Ela tinha pensado que ele iria quando ele a puxou para ele, seus olhos cheios de desejo que ela pudesse sentir nele. Ele a libertou, mas ela sabia que ele tinha chegado perto de beijá-la, de alguma forma tinha dominado seu desejo e se conteve. Por quê? Ela o amaldiçoou por não ter passado por isso. Ele a tinha demitido e depois recuou, deixando a cabeça cheia de pensamentos sobre o que poderia ter sido e perguntas sobre por que ele iria beijá-la, por que ele parou, e que diabos estava errado com ela. Ela não deveria querer que ele a beijasse. Ela tinha que lutar contra sua atração por ele. Era melhor.

Seu coração a chamava de mentirosa.

Não era melhor. Resistir a ele e sua necessidade dele estava deixando-a louca.

Ele estava em sua mente o dia todo, roubando seu foco do mundo ao seu redor durante a jornada. Ela não conseguia parar de pensar nele desde que ele a acordara naquela manhã antes do amanhecer, despertando-a de

um sonho perverso dele. Ela abriu os olhos para encontrá-lo deitado ao lado dela, apoiado em seu cotovelo, seu rosto acima do dela. Seu cabelo branco prateado estava desalinhado, como se ele estivesse puxando a noite toda, passando os dedos por ela. A tentara a fazer o mesmo. Seus olhos cinzentos tinham sido quentes e brilhantes, cheios de uma luz estranha que a deixou sentindo que ele estava feliz e era porque ela estava com ele.

Ela tirou tudo da cabeça e tentou se concentrar na subida.

Cavanaugh olhou novamente para ela, enviando outro arrepio quente através dela. Ele realmente tinha que parar de olhar para ela assim.

Ela não conseguia se concentrar quando ele fazia e se viu observando-o enquanto ele subia.

Ele era um alpinista experiente, muito mais ágil do que qualquer outro dos machos em seu orgulho. Ela tinha esquecido o quão habilidoso e poderoso ele era. Ele fez a escalada da parede da montanha parecer fácil, os músculos grossos de seus braços trabalhando duro sob o seu topo térmico preto apertado.

Cavanaugh olhou para baixo e fez uma pausa apenas com a mão direita e a ponta da bota esquerda em pé. Seu estômago se revirou. Ela confiava nele, mas desejava que ele segurasse com ambas as mãos e pés. Se ele caísse, ela não tinha certeza se poderia suportar seu peso. Ela tentaria, mas no fundo de seu coração ela sabia que a força da corda que os ligava estalando a levantaria para longe das pedras e a deixaria cair com ele. Eles já estavam perto de cem metros acima do caminho. Se eles caíssem de onde eles estavam agora, eles definitivamente quebrariam ossos suficientes para deixá-los vulneráveis aos predadores que faziam das montanhas suas casas.

Ele se voltou para a parede e estendeu a mão para o outro, chutando o pé esquerdo para se impulsionar para cima. Ele agarrou a pequena seção de rocha que se projetava da face do penhasco e se levantou, procurando outro suporte para a mão direita e depois para os pés. Ela não podia se mover como ele. Ela não tinha coragem ou fé em suas habilidades.

Ele olhou de volta para baixo novamente e ela silenciosamente agradeceu a ele por manter todas as mãos e pés em seus apoios desta vez, para checá-la. Ela havia escalado com muitos de seu orgulho, mas nenhum deles a havia verificado quando o fazia, observando-a com preocupação em seus impressionantes olhos cinzentos escuros.

Ele sorriu antes de se afastar com o pé esquerdo e saltar uma distância insana para a direita, pegando um aperto que parecia invisível para ela. Seu coração disparou e ela chegou perto de gritar com ele, mas o sorriso em seu rosto quando ele olhou de volta para ela a fez ficar em silêncio e sorrindo de volta para ele.

Quanto tempo passou desde que ele subiu assim? Ele estava amando cada segundo disso, prosperando com a emoção de tudo enquanto subiam lentamente. Ela havia esquecido o quão profundamente seu amor pelo perigo e aventura corria em seu sangue. Ele vivia para desafios como este.

Ela sentia falta desse homem, aquele que era despreocupado e cheio de vida, enérgico e excitado.

Entre os momentos em que pensara perigosamente sobre Cavanaugh, pensara em quanto ele havia mudado durante seu tempo como o alfa do orgulho. Vê-lo saboreando a subida só fez essas mudanças mais claras para ela. Perdera o quanto a posição dele pesara sobre ele e o quanto fora difícil para ele, mas não deixara de notar como o frio e o distanciamento que ele havia crescido ao longo dos anos como alfa, sempre perdiam em pensamentos profundos.

Ela podia ver agora que uma parte dele havia morrido e agora ele havia sido revivido. Ele havia encontrado de novo.

E ela estava fazendo ele voltar ao orgulho.

Eloise queria chamá-lo e dizer-lhe para se virar, voltar e esquecer tudo o que ela lhe dissera sobre o orgulho. Ela queria fazê-lo sair deste lugar antes que fosse tarde demais para ele e ela fosse forçada a ver essa luz dentro dele morrer novamente.

Ela não achava que poderia suportar vendo isso acontecer e sabendo que ela era responsável por isso dessa vez.

Ela não queria que ele perdesse o sorriso novamente.

— Cavanaugh. — ela começou e ele olhou para ela novamente, parando em torno de cinco metros acima dela, a corda pendurada entre eles. Ela encontrou outro aperto e se levantou, certificando-se que ela estava segura antes de abrir a boca para falar.

— Lembra como costumávamos escalar assim? — Ele sorriu para ela, seus olhos cinzentos brilhantes e fascinantes, levando-a de volta várias décadas para as vezes que ele estava pedindo para ela se lembrar.

Ela assentiu. — Você estava sempre tentando se mostrar. — Ela mordeu a língua quando ele franziu a testa, com medo de ter ultrapassado a marca. Por um momento, uma fração de segundo, ela esquecera que ele era o alfa de seu orgulho. Ele tinha sido aquele homem de décadas atrás, aquele que ele pediu para ela lembrar.

Aquele que roubou seu coração.

Ele soltou uma risada. — Eu queria impressionar você. — Ela quase perdeu o controle sobre as rochas quando levantou a cabeça para encontrar os olhos dele. Eles eram sinceros, cheios de honestidade e algo mais que ela temia nomear. Calor. Ternura. Talvez até amor.

Ela passou pela tristeza que ameaçava brotar dentro dela, o medo de que tudo aquilo era uma fantasia e conseguiu sorrir. — Você me impressionou quando você caiu quase setenta metros na neve abaixo. Eu lhe disse para não ser um louco filho da puta, mas você ouviria? Você quase me deu um ataque cardíaco!

Ela pensara que o havia perdido, assim como temera ter na noite em que ele fugira para a escuridão depois de sua luta contra Stellan, sangrando por uma ferida terrível.

Sua carranca desapareceu, sua expressão suavizando perigosamente, tornando-o ainda mais bonito e fazendo seu coração disparar. Ela queria desviar o olhar, mas se forçou a segurar o olhar dele, para ver o homem que ela havia perdido todos aqueles anos atrás. Ele estava aqui com ela agora.

Ela amaldiçoou as lágrimas que queriam subir em seus olhos quando ele sorriu e encolheu os ombros.

— Eu era um bastardo estúpido. Eu deveria ter te escutado. Você sempre esteve certa. — Ele baixou o olhar para longe dela e franziu a testa novamente. — Me desculpe, eu fiz você ter gatinhos... mas pense nisso como um retorno para todas as vezes que você me assustou até a morte. — Os cantos de seus lábios sensuais puxaram de volta para um meio sorriso.

Ela olhou para ele. — O que você está tentando dizer? — Seu sorriso cresceu. — Que eu salvei seu traseiro mais vezes do que posso contar. — Eloise bufou e se recusou a reconhecer isso, embora fosse verdade. Ele salvara sua vida inúmeras vezes, mas sempre fora ele quem a empurrava para correr riscos e enfrentar o perigo. Ela queria ficar ao lado dele, tinha medo de que ele corresse na frente dela e a deixasse para trás, ou ele encontraria outro parceiro para suas aventuras, então ela se esforçou, esforçando-se para acompanhá-lo.

Ela espiou outro apoio apenas um metro acima de sua mão esquerda e se concentrou nele quando ela chutou, lançando-se para ela. Ela agarrou-o, enfiou as garras e puxou-se para cima, procurando outro aperto para a mão direita. Ela encontrou uma fenda e enfiou os dedos nela, e então segurou seus pés, respirando com dificuldade. Talvez ela ainda estivesse se esforçando demais para se manter ao lado dele.

— Você está bem? — Cavanaugh disse com uma risada em sua voz. — Porque eu odiaria ter que vir lá e salvar sua bunda.

— Deuses, você é tão engraçado. — ela murmurou e lançou um olhar para ele.

Seu sorriso roubou sua respiração, e foi tudo por causa dela. Era porque ela estava falando com ele, não como seu alfa, mas como fazia há muito tempo, quando eles eram amigos. Mais que amigos.

Ela olhou para ele, cada centímetro de seu aquecimento através de seus olhos cinzentos brilhando para ela e o vento despenteava os picos macios de seu cabelo branco prateado. Deuses, ele era lindo.

A culpa a inundou novamente e ela teve que desviar o olhar para se impedir de dizer a ele para se virar e voltar. O orgulho precisava dele. Ela não podia decepcioná-los.

Eloise olhou em volta para outro apoio. Havia um, mas era mais do que o último, um trecho para ela. Não, ela poderia fazer isso. Ela segurava bem os pés, firme o suficiente para lhe dar a alavanca que precisava para chegar tão longe.

— Eu salvei seu traseiro algumas vezes também. — Ela se esticou com o braço direito e se afastou com o pé direito.

A rocha abaixo dela desmoronou.

Eloise gritou quando ela caiu.

Cavanaugh grunhiu e agarrou a corda que os conectava com a mão esquerda e cavou com a direita, o medo atravessando seu rosto e batendo em seu sangue.

— Eloise! — Ele rangeu os dentes e se esforçou quando ela caiu, suas mãos se arrastando sobre as rochas, procurando por um aperto.

Não havia nenhum.

A corda se rompeu entre eles.

Cavanaugh grunhiu novamente, mas manteve sua posição.

Eloise bateu no penhasco.

Sua cabeça bateu em uma rocha saliente.

A dor brilhou em sua cabeça e braço esquerdo.

Cavanaugh rugiu seu nome.

O mundo ficou escuro.

CAPITULO OITO

O coração de Cavanaugh bateu com tanta força que ele se sentiu tonto. Ele balançou a cabeça e se forçou a se concentrar em Eloise. Ela pendia do final da corda, girando lentamente a cerca de nove metros abaixo dele, curvada no meio com os braços e as pernas pendurados embaixo dela.

— Eloise, Baby, vamos lá. — ele sussurrou, olhando para ela e lutando para obter seu medo sob controle e subjugar seu pânico para que seus malditos sentidos se concentrassem e ele pudesse parar de pensar o pior.

Ela não estava morta.

Ela não podia estar.

Ele fechou os olhos e respirou fundo, os músculos de seu braço direito gritando em protesto enquanto sustentava seu peso e o dela. Não importava se ele rasgasse seus músculos. Tudo o que importava era Eloise.

Concentrou-se em sua respiração, até que seu pânico começou a diminuir e o jorro de seu sangue e batimentos trêmulos de seu coração em seus ouvidos diminuiu e ele pôde começar a distinguir os sons do mundo ao seu redor novamente.

Pássaros cantando no vale. O vento agitando as copas das árvores.

O batimento cardíaco de Eloise soava em seus ouvidos.

Ela estava inconsciente.

Ele soltou um suspiro e cerrou os dentes enquanto se esticava com o braço esquerdo, puxando a corda em punho até o ombro, arrastando o peso morto para cima. Suas presas se estenderam e ele colocou a corda entre os lábios e mordeu, cavando os dentes, mas com cuidado para não danificar a corda. Precisava durar pelo menos até o abrigo. Ele tinha outra corda em

sua mochila que ele poderia usar para subir na segunda metade da subida quando Eloise se recuperasse.

Cavanaugh respirou fundo para acalmar seus nervos. Ele foi rápido o suficiente. Ele era forte o suficiente. Ele poderia fazer isso. Ele só precisava de folga suficiente na corda para envolvê-lo em torno dele e deixar seu corpo tomar o peso de Eloise quando ele a puxava para ele.

Ele esmagou o pânico enquanto lentamente começou a subir novamente, obliterando-o e soltou a corda. Suas presas doíam, sustentando o peso de Eloise na fração de segundo que levava para ele alcançar a corda mais abaixo.

Ele agarrou a corda com a mão esquerda, soltou-a dos dentes e repetiu o processo, puxando Eloise em sua direção, apertando a corda em suas presas e soltando a corda para segurá-la de novo. Ele envolveu a corda em volta dele, sobre o ombro direito e sob o braço esquerdo, com cuidado para não bater Eloise no penhasco enquanto ele trabalhava. Uma vez que a folga estava ao redor dele, ele começou a puxá-la com a mão esquerda, envolvendo a corda em volta de si mesmo enquanto ele ia.

Quando ela estava nivelada com ele, ele enrolou a última corda ao redor dele, então ela balançou ao lado dele.

Ele soltou a corda e segurou o arnês dela. Ele esperava para os deuses que ela ficasse inconsciente para a próxima parte, porque ia ser arrepiante na melhor das hipóteses. Ele se atrapalhou com os carabineiros na parte de trás de seu cinto e então a empurrou para que ela acabasse atrás dele, de costas para ele. Ele prendeu-a com firmeza no arnês, desenrolou a corda ao redor de seu torso e então envolveu-a em volta de ambos, de modo que ela se enroscou sobre um ombro e sob o braço oposto, prendendo-os firmemente com suas mochilas entre eles.

Os dedos da mão direita doíam por segurar o peso e ele agarrou o braço mais próximo com a mão esquerda, aliviando a pressão no braço direito. Ele parou por um momento e espiou o caminho à frente, já lutando para suportar o peso extra.

Cem metros acima dele, à direita, havia uma saliência. O abrigo. Ele poderia fazer isso. Ele tinha que fazer isto.

Cavanaugh agarrou-se pela primeira vez e levantou-se com cuidado para não balançar Eloise. Ele precisava do peso dela para ficar bem atrás dele, alinhado com o seu. Ele rangeu os dentes e grunhiu enquanto alcançava o próximo aperto, pegou-o e puxou-o para cima. Ele cavou os dedos em uma abertura estreita na rocha e empurrou para cima, estendendo-se para a próxima espera.

Foi difícil ir com seu peso adicional. O suor escorria por sua espinha enquanto se forçava a continuar se movendo, com os braços doendo e os dedos doloridos. Sangue saindo, as pedras rasgando suas pontas. Ele continuou, grunhindo com cada novo apoio que encontrava e a cada curta distância percorrendo o espaço entre ele e o abrigo.

Ele testou o aperto seguinte e rosnou quando cedeu, desmoronando e caindo na face da rocha. Em vez disso, desviou-se para um longo corte vertical na rocha cinzenta que usara nas subidas anteriores.

Cavanaugh olhou para a borda. Cinquenta metros. Ele poderia descansar quando estivesse lá e depois cuidar de Eloise. Ele não conseguiu dar uma olhada nos ferimentos dela. Ele não tinha certeza de como eles estavam mal.

Ele escalou outros cinco metros usando o corte na rocha. Era grande o suficiente para caber as duas mãos dentro, e irregular o suficiente para que ele tivesse alguns bons resultados. Os ossos em suas mãos queimavam. Os músculos de seus braços e ombros doíam. Ele não conseguia parar embora. Ainda não. Não até o abrigo.

Ele precisava levar Eloise ao abrigo.

Ele precisava levá-la para a segurança.

Ele se forçou a continuar, empurrando além dos limites de seu corpo, sem vontade de desistir.

— Cav... — O suave murmúrio de seu nome o fez parar e ele olhou por cima do ombro esquerdo para Eloise. Ela estava consciente?

Ele não tinha certeza. Ele tinha certeza de que, se ela estivesse ciente de sua situação, ela estaria em pânico.

— Estou aqui, Eloise. — Ele segurou as pedras com a mão direita e estendeu a mão esquerda, tocando o quadril dela. — Eu tenho você, Baby. — Ela murmurou algo e seu peso aumentou, puxando-o para trás. Ele agarrou a face da rocha com as duas mãos para se segurar e suspirou. Ela tinha estado consciente, mas devia estar mantendo os olhos fechados e só ficara acordada o tempo que demorara para ouvir que ia ficar bem.

Ele nunca deixaria nada acontecer com ela.

Ele redobrou seu esforço, cada fragmento de sua força e foco em alcançar a borda e levá-la para a segurança. Cada metro mais perto ele chegava ao abrigo, a subida ficava mais difícil, e ele teve que continuar se esforçando, usando suas memórias de Eloise e seu amor por ela para lhe dar força para continuar subindo.

Quando ele alcançou a saliência, ele se arrastou até ela e se arrastou até a boca estreita e baixa da caverna antes de desabar de lado. Ele respirava com dificuldade, olhando para a escuridão da caverna, cada centímetro dele tremendo com o esforço e com o medo que agora varria através dele, rasgando-o por dentro.

Ele poderia tê-la perdido.

Ele não se permitia sentir medo quando estava subindo, mas não conseguia impedir que o bombardeasse agora. Ele alcançou atrás dele e agarrou sua cintura, sentindo sua carne dar por baixo de seus dedos e escutando sua respiração lenta, mas constante. Ela estava segura.

Mas muito fria.

Isso o levou à ação, empurrando o medo de sua mente novamente e o cansaço de seu corpo. Ele desembrulhou a corda ao redor deles,

conseguiu tirá-la do cinto e se virou para encará-la. Ela deitou de lado, a cabeça apoiada na rocha. Uma pequena poça de sangue já havia se formado embaixo dela, pingando de sua têmpora.

Cavanaugh apoiou-se nos joelhos e a manobrou cuidadosamente de costas. Ela não estremeceu nem gemeu. Ela permaneceu imóvel e silenciosa. Ele não gostou. Ele queria que ela dissesse o nome dele novamente. Ele precisava saber que ela ficaria bem. Ele tocou o corte profundo em sua têmpora esquerda e aquele em seu cabelo escuro perto dele. Havia também uma lágrima no braço esquerdo do seu top térmico de manga longa, revelando um corte sob ele e hematomas negros. Ele tentou ser gentil quando checou o braço dela, pressionando para sentir o osso e ver se ela o havia quebrado.

Apenas machucado.

Ele soltou um suspiro de alívio e passou os dedos pelo cabelo dela, apertando os olhos enquanto usava a luz fraca para verificar o corte ali e o da sua têmpora. Eles já estavam se curando. Em um dia ou dois, eles teriam ido embora.

Cavanaugh se arrastou para trás na caverna, arrastando na entrada apertada, e pegou-a debaixo dos braços e puxou-a com ele, arrastando-a para dentro. A caverna se abriu além da entrada, o suficiente para que ele pudesse ficar debruçado. Ele levantou a metade superior dela do chão e puxou-a enquanto ele recuava até o final da caverna, onde estava mais quente. Ela gemeu quando seu pé esquerdo bateu em uma pedra.

— Desculpe. — ele murmurou e cuidadosamente a deitou.

Tirou a mochila, desenrolou o saco de dormir e puxou-a para tirá-la do chão duro e frio. Ele usou sua visão aumentada para encontrar a pequena luz movida a energia solar que ele tinha na mochila e a ligou. A luz azul e branca perseguia as sombras de volta. Ele não podia acender um fogo. A fumaça se acumularia na caverna. Ele precisava aquecê-la, e só havia uma maneira de acontecer.

Seu corpo teve a ideia errada, seu pênis endurecendo em suas calças.

Ele resistiu em apalpá-la e começou a trabalhar, esperando que sua ereção fosse embora se ele se concentrasse em cuidar de Eloise. Ele tirou a mochila dos ombros dela, tirou o arnês e as roupas úmidas e frias e as botas, deixando-a só de calcinha, depois pegou o saco de dormir laranja e abriu o zíper. Ele colocou sobre ela enquanto ele tirava a roupa, chutando suas botas através da caverna e jogando seu arreio. Ele espalhou seu top térmico e calças sobre sua mochila para que eles secassem. Sua cueca se juntou a eles.

Cavanaugh olhou para ela. Se ela acordasse para encontrá-lo nu, ela não ficaria muito feliz com ele, mas ele não tinha escolha. Ela precisava de calor e ele poderia dar isso a ela. Quanto mais rápido ele pudesse aquecê-la, mais cedo ela se recuperaria.

Ele a virou, então ela estava em seu próprio saco de dormir, e abriu o zíper do seu azul. Ele a colocou em cima dela, deitou ao lado dela e fechou os dois sacos de dormir juntos, fazendo um grande. Depois de terminar sua tarefa, fechou os olhos e se concentrou.

Ele rangeu os dentes e rosnou através de suas presas quando começou a transformação, seus ossos saindo do lugar e remoldando, formando um novo esqueleto sob sua carne. Ele rosnou o mais silenciosamente que pôde para evitar perturbá-la quando uma longa e espessa cauda brotou da base de sua espinha, e seus pés e mãos se alargaram, seus dedos e dedos dos pés transformando-se em almofadas macias com ponta de garras. O rosto dele mudou, sua mandíbula saiu do lugar e ficou mais larga quando suas bochechas inflaram e seu nariz se achatou. Seus ouvidos tocaram à medida que aumentavam a sensibilidade e se moviam para cima, tornando-se arredondados quando se acomodavam no topo de sua cabeça. Peles prateadas manchadas com rosetas mais escuras ondulavam sobre seu corpo, grossas e exuberantes, projetadas para prender o calor e mantê-lo aquecido.

Cavanaugh bufou quando sua transformação terminou e se aproximou de Eloise por baixo da espessa camada de sacos de dormir. Envolveu seu corpo ao redor dela o máximo que pôde, garantindo que sua pele a aquecesse, e enrolou a cauda em torno de sua perna direita.

Ele lambeu a ferida em sua cabeça, limpando o sangue, e depois a do braço dela. Sua saliva ajudaria os cortes a curar também, acelerando todo o processo. Quando ele terminou, ele olhou para ela, cada instinto masculino que ele possuía dizendo que ela era sua companheira, mesmo que ela não soubesse disso.

Ele lutou contra o desejo que brotou dentro dele, mas era muito forte e cedeu a ele, esfregando sua bochecha contra a dela e depois contra os seios, marcando-a com seu cheiro. Ele queria que ela cheirasse como ele.

Ele precisava disso.

Mais do que nada.

Ele fechou os olhos e saboreou estar tão perto dela, enfiado contra o lado dela, sentindo sua respiração e seu coração batendo. Ela ficaria chateada com ele se acordasse para encontrá-lo segurando-a, e possivelmente envergonhada também, mas ele não se importava. Ele não a deixaria ir. Ela se sentia muito bem pressionada contra ele assim.

Parecia certo.

Era como se ele tivesse encontrado uma parte vital de si mesmo que estava perdida há dez anos, uma peça que completava a parte despedaçada dele e tornava tudo inteiro de novo. Essa parte era seu coração. Eloise havia juntado de novo para ele e parecia mais forte do que antes.

Ele descansou em suas mãos e sempre teve. Sua companheira o manteve por décadas sem nunca saber disso. Sua Eloise. Ele não podia segurar a verdade por mais tempo.

Quando ela acordasse, ele encontraria uma maneira de contar a ela.

Já era hora de saber por que ele havia ido embora.

Já era hora de ela saber que ela era sua companheira predestinada.

CAPITULO NOVE

Eloise gemeu e franziu a testa. Sua cabeça latejava, sentindo como se alguém a tivesse agarrado e sacudido com tanta força que seu cérebro ainda estava balançando e batendo contra seu crânio. Ela estremeceu e tentou abrir os olhos. Luz azul-clara brilhante os assaltou e ela se afastou, recuando.

Em algo sólido e quente e muito masculino.

Seus olhos se abriram e ela ficou rígida quando percebeu que estava no colo de Cavanaugh, no berço entre as coxas dele enquanto ele se sentava de pernas cruzadas, os braços em volta dela, segurando-a contra o peito.

O peito nu de Cavanaugh.

O colo muito nu de Cavanaugh.

Sua cabeça disparou, uma dor ricocheteando na parte de trás de seus olhos em resposta, e ela se acalmou. Ele não estava sorrindo maliciosamente para ela como ela esperava. Ele estava dormindo, sua cabeça descansando contra a parede de pedra escura atrás dele e seus lábios sensuais se separaram enquanto ele respirava lentamente. Ela olhou para baixo, mortificada ao descobrir que ele não era o único que estava nu. Ela só estava usando sutiã e calcinha.

Eloise pegou o saco de dormir que estava em volta dos dois, tentando se cobrir. A ação frenética empurrou Cavanaugh para frente. Seu queixo mergulhou em direção ao seu peito, e ele grunhiu quando franziu a testa e lentamente abriu os olhos. Dela tiro largo.

Ele sorriu exatamente da forma maliciosa que ela havia antecipado e fez algo que ameaçou destruir seu autocontrole.

Ele apertou mais a mão dela, puxando-a para mais perto dele, os músculos de seus braços se arqueando enquanto os envolvia ao redor dela.

Calor escaldou suas bochechas.

Seu sorriso se alargou. — Não precisa ficar envergonhada. Nós compartilhamos o calor corporal antes... e de maneiras muito mais interessantes.

— Isso foi há muito tempo atrás. — Eloise pressionou as mãos contra o peito dele e empurrou, tentando se libertar de seu aperto.

Ele não a deixou ir. Ele olhou para o rosto dela e inclinou o queixo para cima em um movimento curto e brusco. — Vire para a direita. Eu quero checar sua cabeça. Você deu uma pancada feia. Você me preocupou.

Seu coração aqueceu em seu peito com a verdade naquelas palavras quando a preocupação encheu seus olhos cinzentos. Ela fez o que ele queria, virando a bochecha esquerda para ele.

— Não é nada. — disse ela, sua voz falhando quando sua respiração se espalhou por sua bochecha.

Ele estava inclinado mais perto.

Ela lutou para respirar normalmente enquanto ele roçava seus lábios em sua têmpora, enviando um arrepio quente através dela, acendendo a necessidade que ela mantinha negando e elevando-a a tal ponto que ela vacilou, à beira de virar o rosto para ele. Se ela fizesse, seus lábios se tocariam.

Ele a beijaria?

Era isso que ela queria?

Sim e não. Ela não tinha certeza do que mais queria. Ela queria o velho Cavanaugh de volta, ela queria o futuro que sonhava tolamente que eles teriam, mas ela não poderia ter nenhuma dessas coisas. Ela nunca poderia tê-los. Ele era o alfa de seu orgulho agora.

— Eloise. — ele disse, sua voz mais profunda do que ela já tinha ouvido, preenchido com o desejo que ela poderia sentir nele e podia sentir-se pressionado contra o quadril direito.

— Eu estava distraída. — disse ela, tentando distrair-se novamente e fingir que ele não estava excitado, e ela também não estava, porque não era isso que ela queria. Ela o queria, mas não assim. Não quando isso significaria nada. — Foi minha culpa.

— Distraída? — Sua voz não se elevou acima de um murmúrio perverso que fez coisas engraçadas em seu íntimo, aquecendo-as e fazendo-as girar e tremer. — Estou me sentindo distraído... deuses, você se sente bem... melhor do que eu me lembrava. — Ela assentiu com a cabeça e ele gemeu, e ela se amaldiçoou quando percebeu que ele achava que ela estava assentindo sobre se sentir bem em seus braços. Ela tinha que levá-lo a pensar em algo diferente de quão perto eles estavam, e tinha que parar de pensar nisso ao mesmo tempo. Ele se sentia muito bem contra ela, seu corpo duro aquecendo o dela, sua pele sedosa e tentando-a a acariciar seus dedos sobre ela.

Ela engoliu em seco, se agarrou e forçou as palavras para fora. — Eu estava distraída. — Ele esfregou o nariz em sua têmpora, cutucando-a, sua respiração quente e úmida, tentando-a a beijá- la — Distraída por quê?— Seus olhos se fecharam e ela quase se esfregou contra ele em troca.

Eloise encontrou forças para se afastar dele, impedindo-o de esfregar e beijá-la, provocando-a a se render a ele. Parecia que ele era a única e constante fonte de distração em sua vida.

— Você. — Ela olhou para longe dele.

— Então foi minha culpa. — Ele parecia normal novamente e ela arriscou um olhar para ele, achando que ele também parecia. Ele franziu a testa para ela e então suspirou. — Eu deveria saber melhor do que falar enquanto estávamos subindo... mas eu estava gostando. — Ele estava gostando disso?

Ela também estava gostando disso. Por um momento, ela recuperou o velho Cavanaugh e foi maravilhoso.

Ela olhou nos olhos dele, desejando que ela fosse forte o suficiente para perguntar a ele sobre o que havia acontecido entre eles e se isso significava alguma coisa para ele. Ela não era, não agora. Ele ainda a tinha confusa, sem saber se ela estava indo ou vindo, mas lutando contra seus sentimentos a cada passo do caminho. Ela não podia ceder para eles, não importava o quanto ela queria deixar tudo ir e ter um momento de loucura com ele.

Seus sentimentos por ele nunca tinham morrido, mas eles nunca tinham sido tão fortes assim. Ele os despertou nela de novo e de alguma forma ele os fez crescer, puxando-a mais profundamente sob seu feitiço e forjando uma conexão mais forte entre eles.

Ele estudou seu rosto, seus olhos cinzentos afiados e focados.

Ela não sabia o que dizer para ele. Ela queria dizer que estava gostando da brincadeira fácil também, mas não conseguiu pronunciar as palavras. Ela não podia colocar seu coração na linha novamente, não depois do que tinha acontecido e não quando nada poderia vir disso.

Ela só podia ser uma coisa temporária para ele, não sua única fêmea. Ele nunca poderia retribuir os sentimentos que ela nutria por ele.

— Como está a sua mãe? — Aquelas quatro palavras deixando seus lábios gelaram-na até a medula e instantaneamente extinguiram todo o calor que ele tinha construído dentro dela.

Ela olhou para longe dele, de joelhos e braço direito. — Ela morreu seis meses depois que você saiu.

— Merda. — Ele a puxou para mais perto dele e sua resistência desmoronou quando seu calor a envolveu, seu perfume enchendo suas narinas e confortando-a. Ela apoiou a cabeça no ombro esquerdo dele e pressionou a testa contra o pescoço dele, e ficou olhando além do braço dele, no canto da caverna. Ele suspirou e acariciou seu braço esquerdo, o

movimento suave dando-lhe algo para se concentrar em outra que não a dor que tinha borbulhado dentro de seu coração por ter que contar a ele o que tinha acontecido. — Eu sinto muito. Eu não sabia. Eu odeio não estar lá para você, Eloise.

Ela também.

Virou o rosto para ele e lutou contra as lembranças daquele dia e das que o seguiram, e quanto desejara que Cavanaugh estivesse ali, segurando-a como ele estava agora, dando-lhe o conforto e a força de que necessitava.

Ele baixou a cabeça e pressionou os lábios na testa dela.

— Deuses, me desculpe. — ele sussurrou contra sua pele e agarrou-a mais perto. — Aposto que ela estava com raiva de mim por sair. — Eloise sorriu com a severa auto-reprovação em sua voz e assentiu. — Ela estava com raiva de você. — Ele suspirou. — Algo em seu tom diz que ela estava mais que brava comigo, e mais do que eu saindo. Ela deixou bem claro quando ela olhou para mim que me odiava depois que eu tive que assumir a posição de alfa. — Ela tentou sacudir a cabeça, mas mal mudou de posição. Parecia muito pesado, tão pesado quanto o coração dela estava agora.

Ele já sabia a verdade. Havia pouco sentido em mentir para ele, mesmo que dizer isso fosse desrespeitoso com ele.

— Ela não te odeia por tomar a posição... ela odiava você por me deixar. — Ele parou até a respiração.

Eloise não sabia o que fazer. Parte dela queria empurrar para fora de seus braços enquanto ele estava distraído com o que ela havia dito, e o resto queria envolver seus braços em volta dele e dizer-lhe que sentia muito por dar um golpe tão baixo. Ela não sabia mais o que estava fazendo. Ela não queria machucá-lo, mas às vezes ela não conseguia se impedir de atacar de um jeito ou de outro. Dez anos de ferimentos reprimidos queriam explodir e ela não conseguia segurar.

— Eloise... — Sua voz caiu uma oitava e ele tentou puxá-la para mais perto, mas ela resistiu, finalmente encontrando a força para afastá-lo e

ganhar algum espaço entre eles. Suas sobrancelhas prateadas mergulharam abaixo de seus olhos cinzentos enquanto procuravam as dela, correndo de um para o outro. — Você realmente acha que eu queria tomar essa posição... que eu queria deixar você? — Deuses, ela não sabia o que pensar quando ele dizia coisas assim. Ela queria acreditar nele. Ela queria acreditar que ele tinha sido tão apaixonado por ela como ela tinha estado com ele, e que isso o machucou também, mas ela não podia superar sua própria dor.

Ela não conseguia superar a dor de passar cinco anos observando-o com outras mulheres, e os cinco seguintes sozinha e com medo, certa de que nunca mais o veria e seria a próxima a morrer nas mãos de Stellan.

Ela não conseguia entender como ele nunca tentou falar com ela ou deixá-la saber as coisas que ele estava dizendo agora.

— Você faz. — ele sussurrou, resignação e dor surgindo em seus olhos. — Você realmente faz.

— Não há mais nada para eu pensar. — Ela empurrou para fora de seus braços, caiu de joelhos e se livrou dos cobertores.

Ela ficou de pé, quase quebrando a cabeça no teto baixo da caverna, e começou a andar de um lado para o outro, curvando-se e respirando com dificuldade, precisando do espaço ou ela ia explodir. Ela queria se virar para ele e dar-lhe o inferno, assim como ela queria um milhão de vezes antes, mas assim como todas aquelas vezes, ela controlou sua raiva e esmagou a sua existência.

Porque ele era o alfa de seu orgulho.

Ela poderia odiá-lo tudo o que ela queria pelo que tinha acontecido, mas ela ainda tinha que respeitá-lo.

— Eloise. — Ele estendeu a mão para ela.

— Nem vem com Eloise. — ela retrucou e afastou-se dele, em direção à entrada da caverna, onde o ar estava frio e fresco. Ela respirou fundo,

usando-a para refrescar a cabeça antes de fazer algo que ela iria se arrepender ou dizer algo que ela não poderia ter de volta.

Ele baixou a mão sobre o saco de dormir, sobre o joelho e deu outro suspiro. — Eu saí por sua causa.— Seus lábios se separaram. Ele fez o que?

Ela fez uma careta para ele. — Não... você foi embora porque Stellan te derrotou e você queria ficar longe de ser o alfa do orgulho... você foi embora porque você odiava a vila... você...

— Sai porque eu não suportaria ver você se afastando de mim. — Ela balançou a cabeça, um frio patinando pela espinha, e cruzou os braços sobre o peito. Ela esfregou-os, tentando se impedir de sentir frio até os ossos. Não era possível. Ele não poderia ter saído por causa dela. Ele simplesmente não podia. Era demais. Como ele esperava que ela reagisse? Por que ele não a procurou e disse a ela por que ele estava indo embora? Ela poderia tê-lo parado.

Ela poderia ter ido com ele.

Ela balançou a cabeça novamente, lágrimas queimando seus olhos. Era cruel demais dizer essas coisas para ela agora, depois de tudo pelo que ela passara por causa dele.

— Não... por favor, Cavanaugh... não minta para mim. — Porque ela não aguentou. Foi derrubando suas defesas, mesmo quando não mudou nada. Ele totalmente devastou o que restava de suas barreiras quando ele se levantou, os sacos de dormir caindo para revelar seu corpo nu.

Sua boca ficou seca. Ela tentou desviar o olhar, mas seus olhos estavam ocupados demais com a oscilação de cada centímetro dele, reaparecendo-se com o quão magro e poderoso ele era, afiado e divino, o epítome de um macho forte.

— Eloise. — ele disse, queimando sua decisão de cinzas. — Eu saí porque eu queria você e eu não poderia ter você. — Ela soltou uma risada curta, um gosto amargo em sua língua enquanto ela olhava para ele. — Você poderia me ter. Você poderia ter me mandado para a sua cama.

Seus olhos escureceram e ela deu um passo para trás, uma onda de consciência viajando através dela. Ela tinha empurrado longe demais e muito duro, e ela o machucou com suas palavras insensíveis. Seu Cavanaugh nunca faria uma coisa dessas. Ela sabia disso em seu coração. Ele nunca usaria as regras do orgulho para forçá-la a dormir com ele.

Ela acabara de colocá-lo no mesmo nível desprezível que Stellan.

— Eu sinto muito. — Ela cobriu a boca e balançou a cabeça, odiando o quão fraco seu pedido de desculpas soou.

Sua mandíbula ficou tensa e ele desviou o olhar dela, seu olhar abatido. — Entendo. Então... você está me trazendo de volta ao orgulho para trocar um monstro por outro.

— Não, Cavanaugh, não é isso que eu... — Ele a silenciou com um clarão, os olhos brilhando prateados ao redor de suas largas pupilas.

— Você não deveria falar comigo com um pouco mais de respeito? — Ele latiu e ela deu outro passo para trás. Seu olhar se lançou para seus pés, mas não antes que ela percebesse o arrependimento que brilhava em seus olhos. — Eu preciso de um pouco de ar. — Ele tirou as calças da pilha de roupas perto de suas mochilas, puxou-as e caminhou na direção dela. Ela se abaixou para um lado e se apertou contra a parede enquanto ele passava, e fechou os olhos quando ele se arrastou pela entrada da caverna e desapareceu de vista.

Eloise escorregou pela parede e ficou no traseiro dela. Ela puxou os joelhos até o peito e olhou para a parede oposta, ouvindo Cavanaugh enquanto ele andava pela borda do lado de fora do abrigo. Ela queria se desculpar e explicar, mas ele irradiava fúria em um nível que ela podia sentir e seus instintos estavam gritando um aviso para ela. Ela os atendeu, desejando dar-lhe um momento para se refrescar porque sabia que ele não iria a lugar algum sem ela.

Ele estava zangado com ela, mas ele não a abandonaria.

Sua mente vagou por tudo que ele dissera. Ele não queria ser o alfa do orgulho. Ele não queria deixá-la.

Mas ele a deixou.

Ele a deixou sem uma palavra. Sem um adeus. Cimentara a sensação de que ele não se importava com ela, não da maneira como ela se importava com ele. E se ela estivesse errada todos esses anos?

Ela pensou em ir atrás dele quando ele partiu, mas estava escuro, uma noite sem lua, e Stellan tinha sido rápido para avisar a todos que ele mataria qualquer um que ele pegasse tentando sair. Ela nunca tivera tanto medo quanto naquela noite - tanto por sua própria vida como pela de Cavanaugh. Sua mãe a convencera a esperar até o amanhecer, e de alguma forma ela conseguiu, apenas para descobrir que nevava pesadamente. Mesmo que tivesse conseguido escapar despercebida da aldeia, não teria conseguido localizá-lo com o pó fresco que cobria sua trilha.

Sua mãe a consolou dizendo que Cavanaugh voltaria e Eloise acreditara nela. Ela percebera tarde demais que sua mãe havia dito o que quer que fosse necessário para mantê-la na aldeia e em segurança. Sua mãe havia confessado a ela em seu leito de morte e Eloise assegurou-lhe que não estava zangada com ela, mesmo quando parte dela tinha sido. O resto dela estava cheio da necessidade de encontrar Cavanaugh. Ela precisava tanto dele naqueles dias sombrios após a morte de sua mãe.

Ela não tinha sido corajosa o suficiente para passar por isso e deixar a aldeia, então ela se convenceu de que seria muito difícil localizá-lo.

Eloise se repreendeu por dar desculpas. Quando ela finalmente deixou o orgulho para trazê-lo de volta, levou dois anos, mas ela o encontrou. Ela fechou os olhos e pressionou a testa contra os joelhos nus. O pensamento de que ela poderia estar com ele por pelo menos os últimos três anos, vivendo em Londres e talvez trabalhando na mesma boate, repetia em sua mente.

Ela deveria ter ido atrás dele naquela manhã de neve e não ouvido a mãe.

Ela respirou lentamente, levantou a cabeça e exalou. Havia pouco sentido em saber o que poderia ter sido e jogar o jogo deveria ter. Cavanaugh deveria ter feito um monte de coisas de forma diferente se ele realmente tivesse sentimentos por ela também, mas ele não tinha. Os dois eram culpados pelo que havia acontecido, naquela época e até agora.

Ele havia lançado algo enorme nela, dizendo a ela que ele tinha ido embora porque não suportava vê-la se afastar dele.

Ela não reagiu da maneira mais suave.

Deus. Agora ele estava de pé em uma saliência a várias centenas de metros ao lado de uma montanha e sem dúvida amaldiçoando o nome dela.

Ela tinha que falar com ele.

Eloise se ajoelhou e se arrastou para a saída estreita da caverna. Ela diminuiu a velocidade quando seus pés descalços apareceram, seu coração começando a bater lentamente no peito dela. Ela tinha que fazer isso. Ela empurrou para frente e saiu para a borda atrás dele.

Ele girou para encará-la e franziu a testa. — Volte para dentro. Você vai congelar aqui. — Ela tinha esquecido que ela só estava vestida com roupa íntima, mas ela não ia deixar o frio dissuadi-la.

Mesmo que estivesse congelando.

O vento açoitava a parede de rocha, golpeando-a e soltando mechas de seu cabelo escuro. Também brincava com o de Cavanaugh, despenteando os tufos prateados e colando suas calças cinza-escuras nas pernas.

Eloise se ajoelhou e esfregou os braços. — Eu sinto muito. — Ele olhou para ela, a pergunta em seu olhar perguntando se ela tinha saído para o frio gelado apenas para se desculpar de novo ou se havia algo mais que ela tinha a dizer.

Ela olhou para o vale e tudo o que ela queria dizer para Cavanaugh fugiu de seus lábios. Normalmente, a vista era espetacular, um vale

verdejante que seguia o rio enquanto serpenteava pelas montanhas. Os topos daquelas montanhas eram de rocha cinzenta com uma neve branca deslumbrante. Hoje na=ão.

Hoje pesadas nuvens cinzentas escondiam seus picos e ela não conseguia distinguir o vale além de algumas centenas de metros abaixo dela.

A neve engolia.

Os primeiros flocos caíram e se fixaram na borda, e em sua pele nua, derretendo no contato.

Isso não era bom. Uma tempestade de neve os manteria presos no abrigo, incapazes de continuar sua escalada até que o vento tivesse varrido a neve e o gelo da face da rocha.

Cavanaugh olhou para a tempestade enquanto lentamente se aproximava deles. — Nós não conseguiríamos. — Ele estava lendo a mente dela? Ela estava à beira de dizer que eles tinham que sair agora.

Ela olhou para as nuvens grossas que já estavam no céu. — Temos que tentar... se não o fizermos...

— Eu sei o que acontece se não o fizermos. — disse ele, uma ponta afiada para sua voz profunda. — Eu sei o que acontece se o fizermos também. São mais de duzentos metros até o topo. Levaria muito tempo para subir tão longe. É melhor não sermos descobertos quando isso acontecer. — Ela sabia disso, mas não se importava. O orgulho estava confiando nela e ela estava tão perto de ter Cavanaugh de volta com eles.

A voz calma em seu coração disse que não se importava com isso ou com o orgulho. Ela se importava com Cavanaugh. Ela já havia estragado uma vez na escalada e ele de alguma forma a salvou. Se ela estragasse tudo de novo, no meio de uma tempestade de neve, ela poderia acabar matando os dois.

Flocos brancos giravam no vento, constantemente caindo na direção dela.

— De volta para dentro. — disse Cavanaugh e ela não discutiu com ele.

Eloise se virou e voltou para a caverna. Ele a seguiu e um rubor queimou suas bochechas quando ela percebeu que estava dando a ele um show gratuito, mostrando o traseiro para ele. Ela rapidamente se levantou do outro lado da parede, correndo para longe dele.

Ele atravessou a entrada, levantou-se e foi para sua mochila. Ele se agachou ao lado, tirou algumas barras de proteína, roupas e outros itens, e então se levantou e levou a mochila para a porta, junto com a dela. A neve já estava rastejando por dentro. Cavanaugh parou, colocando as mochilas na parte inferior da entrada, selando a metade inferior da abertura.

— Isso deve nos manter mais quentes. — Ele virou-se para ela e encontrou seus olhos antes de desviar para os pés descalços. — Podemos ter que compartilhar o calor do corpo de novo... se você puder se aproximar de um monstro.

— Cavanaugh. — Eloise estalou e seus olhos cinzentos saltaram para os dela. — Eu nunca disse que você era um monstro… apenas… doeu que você tenha se afastado. Doeu que um dia nós éramos melhores amigos e no próximo você estava agindo como um estranho.

— Deuses, Eloise... — Ele esfregou a mão esquerda sobre o cabelo branco prateado. — Eu não queria que fosse assim... mas o que eu deveria fazer? — Fale com ela. Ele deveria conversar com ela. Ela teria escutado ele e ela poderia não ter passado anos acreditando que não significava nada para ele.

Ela baixou o olhar para os pés. Estava frio e ela não tinha energia para pensar, muito menos discutir com ele. Ela se arrastou até as roupas que havia visto no chão e pegou suas calça bege. Ela estava úmida. Assim como o seu top.

— Aqui. — Cavanaugh a rodeou, inclinou-se e pegou o top térmico preto de manga comprida. Ele ofereceu a ela. — Eu pretendia colocar suas

roupas para secar, mas eu esqueci. — Porque ele estava focado em aquecê-la.

— Você poderia ter falado comigo. — ela sussurrou e tomou o topo dele, ignorando a ruga confusa de sua testa. Ele sabia muito bem que ela não estava falando sobre ontem, quando ela estava inconsciente. Ela estava falando sobre uma década atrás. Ela levantou o top até o nariz.

Cheirava a Cavanaugh.

Deuses, ela queria esfregar tudo sozinha.

Ela socou aquele desejo felino e o vestiu.

— O que eu poderia ter dito? — Cavanaugh entrou nela, suas mãos reclamando seus quadris, guiando-a para trás em direção aos sacos de dormir.

Ela olhou em seus olhos cinzentos, perdida neles, sentindo como se ele estivesse batendo em suas defesas novamente. Toda vez que ela os reconstruía, ele ia para a guerra novamente, derrubando-os. Seus olhos dispararam entre os dela e suas sobrancelhas prateadas franzidas.

— Diga-me, Eloise. — ele disse. — Se eu tivesse dito que queria você, o que você teria feito? — Ela arrastou os olhos para longe dos dele, deixando-os cair em seu peito nu. — Eu não sei.

— Você não sabe. — ele repetiu e ela engoliu em seco e assentiu. Ele suspirou. — Você não sabe porque não há resposta onde conseguimos o que queremos... está lá?

Ele a soltou e deu um passo para trás, seus olhos se abaixando enquanto os dela subiam para os dele.

Ele parecia vulnerável, um homem despojado de seu poder e força, um que estava quebrando por dentro. Ela não gostou. Isso a encheu de uma necessidade de dar um passo em direção a ele e deslizar os braços ao redor de seu pescoço, trazendo seus lábios para os dela para um beijo que transmitisse todos os seus sentimentos por ele e afugentasse sua dor.

— Não há como eu ter você... não do jeito que eu quero você. — Ele esfregou a mão em volta da nuca e fechou os olhos. — Se eu tivesse ido até você naquela época e dissesse que eu queria você, não teria mudado nada... assim como isso não muda nada agora. Não muda meu status nem as coisas que fiz. — Ela desejou que ele não tivesse dito a última parte. As coisas que ele fez. Um breve flash das fêmeas do orgulho explodiu em seus olhos e ela os fechou, desejando poder também fechar as imagens. Eles se recusaram a ir embora.

— Eu nunca quis isso. — ele sussurrou.

Eloise abriu os olhos e olhou para ele. — O que você queria? — Ele ergueu o olhar para o dela, prateado brilhando ao redor de suas pupilas escuras.

— Você.

CAPITULO DEZ

Deuses a ajudem, mas quando Cavanaugh a olhou assim, com o desejo escurecendo seus olhos cinzentos, mas fazendo-os queimarem ao mesmo tempo, ela perdeu toda sua vontade para resistir a ele.

Eloise pegou em seus braços, agarrou seus ombros e o puxou para baixo antes que ela pudesse considerar o que estava fazendo. Ela fundiu sua boca com a dele em um beijo duro, um nascido da necessidade que ardia através dela, a fome que estava crescendo desde o momento em que ela pusera os olhos nele em Londres. Ela não podia mais negar isso. Ela ficou surpresa por ter chegado tão longe sem se render a isso.

O vento uivou pela montanha e o cheiro de neve ficou mais denso, mas ela não se importava. Ela não sentiu o frio quando as mãos de Cavanaugh apertaram seus quadris e ele lentamente a puxou contra ele. Ela sentiu apenas o calor escaldante do desejo que queimava dentro de seu coração e seu corpo, uma necessidade e fome que só ele poderia satisfazer.

Ontem foi por arrependimentos.

Hoje foi para viver.

Sua língua acariciou a costura de seus lábios e ela se abriu para ele, ganhando um grunhido baixo e rouco como recompensa por cumprir suas exigências. Ela inclinou a cabeça e enredou a língua na dele, o gosto dele a levando de volta àquela noite há uma década, quando ela se entregou a ele e ele se entregou a ela. Ela gemeu e agarrou seus ombros, apertando as unhas enquanto se agarrava a ele, montando a tempestade que girava em suas veias e explodia através dela, paixão que ardia mais quente do que na época.

Isso a consumiu e ela só podia se entregar a isso, à pressão inebriante de seus dedos contra seus quadris nus e a demanda feroz de seus lábios nos dela. Ele gemeu e deslizou uma mão ao redor de suas costas, prendendo-a contra ele. Não foi o suficiente para ela. Ela se libertou, ignorou

seu rosnado enquanto ecoava em torno da pequena caverna pouco iluminada, e cortou quando ela puxou o top de volta sobre a cabeça e jogou para longe dela. Seu sutiã o seguiu e ele gemeu, seu olhar caiu para devorar o que ela ofereceu.

— Eloise. — ele murmurou e agarrou o braço dela, arrastando-a de volta para ele. Sua boca reivindicou a dela novamente, uma borda selvagem para seu beijo que lhe disse que ela não era a única perdida no momento, não mais no controle de si mesmos.

Ela precisava mais do que o beijo dele.

Ela precisava de tudo dele.

Eloise acariciou seus dedos pelo peito e estômago, gemendo em sua boca enquanto seus músculos se esticavam, enviando um arrepio de fogo através dela e todo o fogo em suas veias correndo para sua barriga. Ela fez o trabalho rápido dos botões de sua calça quando seus lábios se chocaram com os dele, suas línguas duelando. Quando o último botão cedeu, seu pênis se soltou e ela gemeu de novo enquanto esfregava a palma da mão no comprimento dele, da coroa até as bolas dele.

Cavanaugh estremeceu e gemeu, seu corpo grande tremendo contra o dela. Seu eixo empurrou em sua mão e ela acariciou novamente, provocando-o com a carícia leve e despreocupada. Ele agarrou seus quadris e guiou-a para trás, mas ela o deteve em suas pegadas, pegando suas bolas, rolando-as em seus dedos. Seus lábios congelaram contra os dela, sua respiração entrecortada enquanto ela o acariciava novamente, circulando seu comprimento com os dedos e deslizando lentamente para cima e para baixo. Ele era maior do que ela lembrava, quente e pesado em sua mão. Ela esfregou o polegar sobre a coroa, manchando a pérola de umidade em sua pele macia.

Ele gemeu e seus dedos ficaram tensos contra seus quadris. Ele gostava disso.

Ela sorriu e o beijou enquanto o acariciava, provocando-o alternando entre a luz e a lenta, e dura e rápida. Ele respirou com força contra os lábios

dela entre beijos, o cheiro de sua excitação pesado no ar frio. Ela gemeu ao mesmo tempo que ele fez quando ele começou a caminhar com ela novamente, avançando de volta para os sacos de dormir.

Eloise o deteve desta vez, virando-se com ele, e pareceu surpreendê-lo, apoiando-o na direção dos cobertores quentes, porque ele gemeu baixo e longo, um olhar de dor no rosto.

Ela pressionou os ombros dele e ele obedeceu, sentando nos sacos de dormir e olhando para ela, seu pênis empurrando contra seu estômago. Ela enfiou os dedos nas laterais da calcinha e lentamente os desceu pelas coxas, seus olhos nunca deixando os dele.

— Eloise. — ele sussurrou, sua respiração ficando mais rápida e suas pupilas devorando suas íris prateadas.

Ele espalmou seu comprimento, a visão tão sensual e perversa que rasgou um gemido dela. Ele fez isso de novo, sua grande mão envolvendo-o desta vez, acariciando-se enquanto ela se despia para ele. Ela esfregou as coxas juntas e gemeu quando percebeu como estava escorregadia, faminta por ele. Seus olhos escureceram e ele respirou fundo, seu olhar se tornando encapotado. Ele podia sentir o cheiro do desejo dela assim como ela podia sentir o cheiro dele. Não havia como negar que ela queria isso e ele também.

E não haveria como negar a ela também.

Ele ia fazer as coisas do jeito dela ou não.

Ela chutou a calcinha de lado e caminhou em direção a ele. Sua garganta trabalhando em um duro gole, seu sexy pomo de Adão mergulhando sob a fina camada de barba prateada que revestia sua mandíbula e pescoço. Ela se ajoelhou quando alcançou o cobertor, colocando uma perna em cada lado da dele e as montando.

Ele estendeu a mão para ela.

Ela negou e passou as mãos pelas coxas, até o topo da calça cinza. Ela puxou-a para baixo, não parando até que estava em seus joelhos, e

então correu as mãos de volta até as pernas, sobre os músculos tonificados de suas coxas. Eles tremeram sob o toque dela.

Eloise se aproximou dele e se acomodou em suas coxas. Ela pressionou as mãos contra o peito dele, prendendo-o contra a parede de pedra e beijou-o novamente. Ele rosnou em sua boca, tomando o controle do beijo em um instante, suas mãos procurando por suas coxas. Ela esperava que ele as mudasse para seu traseiro e a puxasse contra ele.

Ele fez o oposto.

Ele deslizou as mãos entre as pernas dela e continuou viajando para cima, para o seu ápice, onde ele varreu sobre o topo de suas coxas. Ela gemeu e beijou-o com mais força, desejando que ele tocasse em seu lugar mais privado. Ela precisava de suas mãos sobre ela. Ela flexionou seus quadris, provocando um gemido baixo dele, e seus polegares roçaram suas coxas novamente, acariciando os cachos limpos cobrindo seu monte.

— Cavanaugh. — ela sussurrou, disposta a dar-lhe o que ele queria se ele lhe desse o que ela precisava.

Ele sorriu contra sua boca e a beijou quando ele mergulhou as mãos entre suas coxas e acariciou suas dobras molhadas. Ela gemeu ao mesmo tempo que ele, a sensação de seus dedos frios contra sua carne superaquecida enviando estrelas através dela.

Ele inclinou a mão e esfregou-a com as almofadas de dois dedos, rasgando seus lábios e gemendo enquanto ela tentava resistir balançando seus quadris. Ela tensionou seus músculos e estremeceu ao se aproximar perigosamente do limite da felicidade. Era difícil se forçar a relaxar novamente, mas ela conseguiu quando ela o beijou, usando toda a sua força de vontade para se impedir de encontrar a liberação. Ela o queria dentro dela quando acontecesse.

Ela precisava dele dentro dela novamente.

Ela agarrou as mãos dele e as prendeu na parede de cada lado da cabeça dele. Ele gemeu, o som baixo e perverso, enviando calor através

dela. Ela nunca foi assertiva nos tempos em que estiveram juntos. Ela tinha estado muito apanhada em seu calor primitivo para fazer qualquer coisa, mas se submeter a ele.

Agora ele se submeteria a ela.

Eloise recuou e ele olhou para ela, seu olhar cinza encapuzado, seus lábios sensuais rosados de seu beijo. Ele parecia mais satisfeito agora do que ela já havia visto naquela época, e ela ainda não o levara ao clímax. Ela poderia mudar isso.

Ela se levantou de joelhos e pressionou mais forte contra os pulsos dele quando ele tentou movê-los. Seus olhos se arregalaram e depois se estreitaram, deixando-a em chamas. Ele aprovou esse lado dela. Ele queria se submeter a ela. Deuses, apenas o pensamento de Cavanaugh à sua mercê a tinha à beira de encontrar liberação.

Ele gemeu quando ela os colocou em contato, esfregando seu calor escorregadio para cima e para baixo em seu comprimento rígido, e inclinou a cabeça para trás na parede, um olhar de agonia cruzando seu rosto bonito. Ela iria colocá-lo fora de sua miséria, porque ela não poderia levar a provocação também, não desta vez.

Ela balançou os quadris para cima, subindo mais alto em seus joelhos ao mesmo tempo, até que a cabeça de seu pênis pressionou em seu cerne despertado. Ela inclinou seu corpo contra o dele, pegou a coroa de seu comprimento e pressionou para baixo, de modo que escorregou para onde ela precisava dele.

Um gemido escapou quando ele cutucou contra sua entrada.

Eloise passou as mãos entre as dele, interligando os dedos, mas mantendo as mãos presas na parede. Ela apertou o rosto, pressionando a testa contra a de Cavanaugh, a respiração ofegante se misturando enquanto ela lentamente se abaixava em seu pênis, levando-o centímetro por centímetro delicioso em seu calor úmido. Ele meio gemeu meio rosnando quando a ponta dele atingiu seu ponto mais profundo e ela girou os quadris, certificando-se de que ele estava o mais longe que ele podia ir.

— Eloise. — ele sussurrou e ela deu a ele o que ele queria.

Ela apertou as mãos dele e o beijou enquanto o cavalgava, impulsos longos e rápidos que não deixavam nenhuma parte dela intocada por ele. Ele balançou os quadris, contrariando-a, empurrando cada vez que ela dirigia para baixo e afastando-se sempre que ela se levantava novamente. Ela gemeu em sua boca, perdida na felicidade tropeçando através dela enquanto seu pênis a enchia, esticando e completando-a. Deuses, nunca tinha sido assim.

Ela nunca sonhou que poderia ser assim.

Ele pressionou os dedos nas costas de suas mãos e grunhiu quando a beijou, empurrando profundamente dentro dela, enviando-a para fora de sua mente. Ela acelerou seu ritmo, respirando com dificuldade entre cada choque frenético de seus lábios e feroz encontro de seus corpos. Cada pincelada de seu corpo através de sua parte sensivel enviava ondas de formigamento que se espalhavam através dela, para cima, para sua barriga, onde elas giravam juntas, crescendo firmemente em direção a um climax.

Ela soltou as mãos dele, agarrou seus ombros e gemeu enquanto o cavalgava desesperadamente em busca de soltura. Ele agarrou seu traseiro e tomou controle, ajudando-a a manter um ritmo feroz enquanto dirigia cada centímetro de seu pênis dentro dela, levando-a mais forte.

— Eloise. — ele resmungou e ela pressionou sua bochecha contra a dele, incapaz de fazer qualquer coisa, mas gemer quando ela subiu mais alto, em espiral para cima, quase ao alcance de seu clímax.

Ele empurrou mais e mais rápido e ela gritou quando seu corpo bateu contra o dele e ela se despedaçou em mil pedaços, fogo ardendo através de seus ossos e brilhando sobre suas coxas e até sua barriga. Ela agarrou seus ombros e gemeu com cada duro encontro de seus quadris enquanto ele empurrava mais freneticamente, sua testa pressionada contra sua bochecha e sua respiração quente em seu pescoço.

— Deuses. — ele gemeu e depois rosnou. Ele rolou em um rugido quando ele a empurrou para baixo, prendendo-a sobre ele enquanto ele se

derramava dentro dela, latejando e enviando tremores de prazer ondulando através dela.

Seu aperto sobre ela lentamente se soltou quando ele respirou com dificuldade, fora de sincronia com seus próprios suspiros ofegantes por ar.

Eloise caiu contra ele, lutando para se recompor. Seus ossos se transformaram em borracha e seu corpo parecia pesado demais para se mover. Ele passou os braços ao redor dela e ela pressionou a bochecha contra o ombro dele, cansada demais para sair do colo dele ou desembaraçar seus corpos. Ela gostava da sensação dele dentro dela enquanto pequenos tremores percorriam-no e ele lentamente relaxava, gasto com o amor que fizeram.

O vento uivou pela boca da caverna novamente.

Eloise ainda não se importava.

Ela poderia se arrepender de tudo amanhã.

Hoje ela ia viver.

Ela ia aproveitar esse momento com Cavanaugh.

Mesmo quando ela sabia em seu coração que ele estava certo.

Não havia como conseguir o que queriam.

Não haveria eternidade para eles.

CAPITULO ONZE

Cavanaugh estava deitado em seu cotovelo direito com Eloise enfiada contra ele, observando-a enquanto ela cochilava sob o cobertor com ele. Sua linda e surpreendente mulher predestinada. Ele queria que ela iniciasse as coisas entre eles, mas ele não havia previsto o que se seguiria. Sua Eloise ficou mais forte e mais corajosa. Ele queria se orgulhar dela por causa disso, mas em seu coração ele temia que sua nova coragem e força fosse o resultado de toda a dor e sofrimento que ela suportara.

Ele gentilmente acariciou uma mecha de cabelo escuro ondulado da testa dela, alisando-a no resto, e suspirou quando ele olhou para ela.

Ele não queria discutir com ela, mas ele estava feliz por algumas coisas estarem abertas ao ar livre agora e eles poderiam encontrar uma maneira de passar por elas. Ele precisava encontrar o caminho para dizer-lhe tudo o que ele queria dizer também. Sua coragem falhou, porém, e ele só conseguiu que ela soubesse que ele a queria e essa era a razão pela qual ele havia partido. Ela tinha todo o direito de estar zangada com ele pela forma como ele lidara com tudo, mas ele esperava que ela pudesse perdoá-lo.

Ela poderia?

Se ele lhe dissesse que ela era sua companheira, o que ela diria?

Ela seria feliz? Ou ela ficaria triste porque seu status estava entre eles e um vínculo especial e precioso?

A maioria dos leopardos das neves nunca encontravam seus companheiros.

Ao contrário de outras espécies de shifters, o companheiro predestinado de um leopardo das neves era sempre outro leopardo das neves. Com seus números diminuindo, sua longa vida e seus orgulhos espalhados pelo mundo, era difícil encontrar seu companheiro predestinado. A maioria de seu tipo encontrou o amor sem encontrar seu companheiro,

estabelecendo-se para produzir descendentes e garantir o futuro de sua raça. Outros vasculharam a Terra pelo seu predestinado, impulsionados por uma necessidade implacável de encontrar sua outra metade. Mesmo que um leopardo da neve viajasse para todos os orgulhos, não havia garantia de que seu companheiro estava com um. Havia uma grande chance de seu companheiro nascer muito depois da visita.

Mas Cavanaugh encontrou o seu.

Ela estava em seus braços.

E ela havia roubado seu coração muito antes de ele perceber que ela era sua companheira predestinada.

— Por que você está me encarando? — ela murmurou sonolenta e bocejou. — Eu posso sentir você olhando.

— Eu estava pensando. — Ele deixou cair um beijo na bochecha dela.

— Sobre o que? — Ela abriu os olhos e olhou para ele, o começo de um sorriso curvando seus lábios rosados.

— Como você é linda. — Ela empurrou-o em seu peito, fazendo-o empurrar para trás, e franziu o cenho. Ela achou que ele estava brincando. Nunca. No curto período em que estiveram juntos como mais do que amigos, nunca lhe dissera quantas vezes ela era bonita. Ele queria compensar isso agora. Ele queria compensar muitas coisas que fizera de errado.

— Eu sou? — Ele deixou que ela visse a verdade em seus olhos enquanto ele olhava para ela, pensando em como ela era linda, com seus olhos cor de mel, seus lábios em forma de coração doce, nariz de botão e cabelo despenteado de fazer amor com ele, e o corpo nu dela perto do dele.

— Não apenas sobre o quão bonita eu aparentemente sou. — Ela lançou um olhar pontudo para baixo entre eles e depois olhou de novo para os olhos dele.

Cavanaugh encolheu os ombros. — Chame de evidência de como sua beleza me afeta.

Ele pegou a mão direita dela e a derrubou entre eles, acomodando-a sobre seu eixo duro e dolorido.

Quando ele a soltou, ela afastou a mão e ele franziu a testa e fez beicinho. Ela rolou de costas, apoiou-se nos cotovelos e olhou para o comprimento de seus corpos, em direção à entrada da caverna, estreitando os olhos. Ele podia sentir seu foco afiado, seus sentidos ficando mais fortes enquanto ela os aperfeiçoava no mundo exterior.

Cavanaugh beijou seu ombro esquerdo nu. — Ainda está nevando. — Ela bufou e olhou para ele. — Seus sentidos sempre foram melhores que os meus. — Porque ele era do sexo masculino, e porque sempre que ele estava perto dela, ele estava em alerta máximo, tudo afiado e focado.

Então ele poderia protegê-la.

Mas ele não conseguiu fazer isso.

Ele colocou a mão esquerda sob a direita dela, tirou-a das cobertas e esfregou o polegar sobre as cicatrizes em seu pulso. Ela se acalmou e ele sentiu o fio de medo que a percorreu. Ela não queria que ele perguntasse sobre eles, mas ele precisava saber.

— O que aconteceu aqui? — Ele sussurrou, mantendo os olhos fixos no pulso dela, para que ela não se sentisse pressionada a dizer a ele imediatamente. Ele tinha todo o tempo do mundo.

Nenhum deles estava indo a lugar algum por um tempo, não até que a tempestade tivesse diminuído e os ventos tivessem clareado o caminho até a face do penhasco.

Eram apenas os dois, presos em uma pequena caverna, juntos de novo finalmente.

— Stellan pune qualquer um que ele acha que está trabalhando nas suas costas. — Sua voz era calma e distante, e ele podia sentir a dor nela, a dor que estava causando a ela, pedindo-lhe para lembrar as coisas terríveis que tinham acontecido com ela.

Coisas que ele deveria ter estado lá para parar de acontecer.

Ele deveria ter estado lá para protegê-la.

— Você estava trabalhando nas costas dele? — Cavanaugh passou o polegar pelas cicatrizes. Elzs haviam sido feitzs por cordas e pareciam não ter sido apenas uma ocasião em que ela foi amarrada e punida.

Ela balançou a cabeça.

— Então por que ele te puniu? — Pavor se acomodou em seu estômago no segundo em que terminou sua pergunta, agitando-a até que ela queimou e o fogo correu por suas veias, perseguindo o gelo que havia passado através deles. Ele fechou os olhos e segurou seu pulso esbelto. — Por minha causa. Ele te puniu por minha causa.

Ela não respondeu. Ela não precisava. O silêncio se estendeu entre eles, denso com as coisas que ela não se atrevia a expressar. Stellan sabia do relacionamento deles e ele a atacou por causa disso.

— Deuses, me desculpe, Eloise. — Cavanaugh sussurrou e levou a mão aos lábios e deu um beijo em seu pulso.

Ele descansou seus lábios contra sua pele quente, respirando-a, usando seu doce aroma para se acalmar e se assegurar de que o que quer que tenha acontecido com ela, ela estava a salvo agora. Ele nunca permitiria que nada acontecesse com ela, nunca mais.

— Não foi sua culpa. — Sua voz era tão quieta quanto a dele, áspera com as emoções que emanavam dela e penetravam nele, onde eles se tocavam e os fios que os uniam.

Ele sempre sentiu uma conexão profunda com ela, uma sensação de que eles estavam ligados de alguma forma, e ele não ficou surpreso quando seus instintos finalmente lhe disseram que ela era sua predestinada. A conexão que ele sentia com ela, e tinha certeza de que ela sentia por ele, era aquele vínculo não iniciado. Quando finalmente se acasalaram, ele despertou para o seu potencial máximo, ligando-os fisicamente e

emocionalmente, dando-lhes a capacidade de sentir um ao outro a grandes distâncias e de saber quando o outro estava ferido ou em perigo.

— Era… eu deveria estar lá, Eloise. Eu não posso me perdoar por ter falhado com você. — Ele respirou fundo novamente e então começou quando ela mudou sua mão direita na dele e segurou sua bochecha esquerda.

Ela era macia e quente contra ele, maravilhosa demais para ele suportar enquanto gentilmente segurava seu rosto, uma riqueza de emoções em sua leve carícia. Eles o desfizeram, rasgando a força a que ele estava se agarrando há anos, deixando-o fraco e vulnerável, e à sua mercê.

— Eu não estou dizendo que o que você fez foi certo, porque não há um minuto que passa onde eu não gostaria que você tivesse me levado com você, mas eu sei agora porque você fez isso. Eu entendo, Cavanaugh, e eu te perdoo por isso. — Ela sorriu quando ele abriu os olhos, buscando a verdade na dela. Eles brilhavam para ele, cheios do perdão de que ela havia falado e uma enorme quantidade de afeição. Ele apertou a mão dela em seu rosto e seu sorriso se alargou, suavizando ao mesmo tempo, dando-lhe o conforto que ele desejava.

Quando aquele sorriso começou a desvanecer, e seus sentimentos mudaram de rumo, uma necessidade feroz de impedi-la de falar brotou dentro dele, porque ele sabia que a direção que ela estava prestes a entrar na conversa e ele não queria que ela falasse sobre o que estava à frente deles.

Ele queria saborear este momento com ela e fingir que o resto do mundo não existia. Aqui nesta caverna, com ela, ele não era o alfa de um orgulho. Ele era apenas seu Cavanaugh, e isso era tudo o que ele sempre quis ser.

Cavanaugh envolveu seus dedos ao redor de seu pulso e moveu seu braço, trazendo o dela por cima do ombro esquerdo e puxando-a para mais perto dele. Seu olhar caiu para sua boca, para as tentadoras curvas sensuais

de seus lábios, e ele quase gemeu quando sua língua cutucou, varrendo-os, um convite que ele não recusaria.

Ele se inclinou para ela, rolou de costas e capturou seus lábios com os dele, provocando um gemido suave dela que o fez endurecer novamente e imediatamente com fome de mais. Ele conseguiu manter o beijo leve e lento, não querendo pressa dessa vez.

Ele queria que esse momento durasse para sempre.

Ele queria banhá-la com o amor que batia em seu coração por ela.

Cavanaugh soltou seu pulso e ela colocou os braços ao redor de seu pescoço, seu beijo tão suave quanto o dele, os movimentos de seus lábios nos dele. Eles formigaram em resposta, cada carícia fazendo-o sentir-se mais leve por dentro, até que ele tinha certeza de que eles estavam flutuando e o mundo ao redor deles sumiu. Seus seios pressionaram contra seu peito nu, seu corpo macio amortecendo o dele. Ele levantou a perna esquerda sobre ela, aninhando-a entre suas coxas. Ela gemeu quando a coxa dele se acomodou contra seu montículo e seu comprimento duro pressionou contra seu quadril.

O beijo dela tornou-se mais exigente e ele se rendeu, mas recusou-se a deixá-la virar selvagem como quando tinham feito amor pela última vez.

Ela deslizou as mãos sobre os ombros dele e apertou as unhas curtas enquanto ele beijava sua mandíbula, seguindo a linha até o pescoço. Ela inclinou a cabeça para um lado, dando-lhe acesso à sua garganta, e ele rosnou quando ele beijou e lambeu, uma necessidade primordial despertando dentro dele. Ele beijou a parte de trás do pescoço dela, puxando o cabelo para longe dele com a mão direita e expondo-o. Ela gemeu e arqueou contra ele enquanto ele lambia sua nuca, um escravo de sua necessidade de saboreá-la ali.

Para afundar suas presas naquela carne macia e prendê-la enquanto ele se acasalava com ela.

— Cavanaugh. — ela sussurrou sem fôlego, sua própria necessidade batendo através dele, levando-o a se render ao seu desejo de mordê-la.

Respirando com dificuldade, lutando contra aquilo, sem vontade de ceder quando tudo ainda estava no ar e ela não sabia que ele era seu companheiro. Ele não podia forçar um laço nela, não quando ela acreditava que ele voltaria a ser o alfa do orgulho, um papel que os veria separados novamente.

Ele lambeu a nuca uma última vez e relutantemente se arrastou para longe, beijando-a por cima do ombro em direção aos seios. Eles estavam tão longe quanto ele poderia ir com a boca, permanecendo dentro das cobertas. Por mais que quisesse se beijar entre suas coxas, sentindo a excitação que ele provocava dentro dela, ele tinha que se contentar em beijar e sugar seus seios. A noite chegou e a temperatura caiu drasticamente. Beijar entre as coxas significava abrir o duplo saco de dormir e ele não queria que ela sentisse um calafrio.

Também não faria muito por ele, não quando algumas partes da anatomia masculina não gostavam de temperaturas frias.

Seu pênis se sacudiu e ele gemeu quando beijou seus seios, girando a língua em torno de seu mamilo esquerdo. Ele teria em algum lugar quente e úmido em breve, agradável e quente.

Eloise gemeu quando ele dançou os dedos de sua mão esquerda para baixo sobre sua barriga, sentindo-a flutuar abaixo deles, e ele se juntou a ela com um gemido próprio quando ela afiou suas coxas separadas, convidando-o a entrar.

Ele colocou a palma da mão sobre o monte dela e deslizou dois dedos entre suas pétalas de pelúcia, e gemeu novamente quando sentiu o quão molhada ela já estava, ansiosa por ele. Seu pênis latejava novamente, cutucando contra sua perna, e ele chupou seu mamilo com mais força, puxando-o quando seu desejo levou a melhor sobre ele.

Ela inclinou a cabeça para trás e soltou um doce grito de prazer quando suas mãos se atrapalharam com os ombros e a cabeça dele. Ela

torceu os dedos em seus cabelos e agarrou-o a ela enquanto ofegava, sua respiração vindo mais rápida enquanto ele acariciava sua protuberância excitada, girando os dedos ao redor ao mesmo tempo em que ele sugava seu mamilo. O aroma de seu desejo encheu seus sentidos, despertando todo instinto masculino e primitivo. Eles exigiram que ele satisfizesse sua fêmea.

Ele obedeceu.

Ele deslizou a mão esquerda para baixo, procurando o centro dela, e ela gritou novamente quando ele colocou dois dedos em sua vagina. Ele gemeu contra o peito dela enquanto bombeava, sentindo o calor escorregadio dela. Deuses, ele queria estar lá, enterrado profundamente, enchendo-a e sentindo-a agarrando-o.

— Cavanaugh. — Seu nome caindo de seus lábios quando um apelo quebrou sua contenção.

Ele tirou os dedos dela e se enfiou entre as coxas dela. Ela gemeu e correu as mãos pelas costas dele, pressionando os dedos em sua espinha acima de seu traseiro e o derrubando contra ela. Ele estremeceu quando seu eixo duro pressionou contra sua umidade, seu calor escaldando-o.

— Eloise. — ele sussurrou e se preparou em suas mãos acima dela, um de cada lado da cabeça dela.

Seus olhos cor de mel encontraram os dele, desejo escurecendo-os, paixão e necessidade que ele pudesse satisfazer. Sua fêmea precisava.

Ela precisava dele.

Sua mão direita deslizou ao redor de seu quadril e ele seguiu seu comando silencioso, afastando-se e permitindo que ela envolvesse seus dedos ao redor dele. Ele grunhiu quando ela roçou o polegar sobre a coroa, provocando-o, e ela sorriu e lentamente o guiou para baixo.

Cavanaugh prendeu a respiração.

Ela aliviou a ponta de seu pênis dentro dela e ele gemeu no tempo com ela quando ele deslizou para frente, dirigindo-se em sua quente e apertada

bainha. Ela o agarrou com força, seu corpo apertando ao redor dele, arrancando um grunhido dele que ela sorriu de novo.

Ele moveu os braços para os lados das costelas, apoiou-se nos cotovelos e enxugou o sorriso do rosto dela, deslizando-se ainda mais fundo, enchendo-a completamente. Seus lábios se separaram e ele mergulhou neles, engolindo seu gemido quando começou a empurrar, longos golpes vagarosos que o tinham quase se libertando dela antes que ele voltasse para dentro.

Ela ergueu os quadris, permitindo que ele deslizasse ainda mais fundo, de modo que ele não deixou nenhuma parte dela intocada quando ele entrou nela.

Ele segurou o quadril dela com uma mão para apoiá-la e beijou-a enquanto ele lentamente bombeava nela, lutando contra sua necessidade e cada impulso que o comandava a ir mais rápido e mais forte.

Não dessa vez.

Desta vez ele ia fazer amor com ela pela primeira vez.

A primeira vez em sua vida.

Era muito mais do que ele imaginava que poderia ser. Cada experiência que ele teve, aconteceu com ela, e sempre foi frenético, um acoplamento apaixonado e selvagem.

Ele pensou que não poderia ficar melhor que isso.

Ele estava errado.

Movendo-se dentro dela assim, lento e sem pressa, sua boca fundida com a dela em um beijo carinhoso, balançou seu mundo e o sacudiu em seu núcleo. Mais do que seus corpos estavam ligados. Eles estavam unidos em todos os sentidos, desde seus corpos até seus corações e até suas almas.

Ela gemeu embaixo dele, seus dedos emaranhados em seu cabelo, seu beijo tão suave quanto o dele. Seus sentimentos fluíram para ele,

misturando-se com os dele, ecoando-os e aumentando o quão bom tudo parecia. Cada mergulho de seu pênis dentro dela e cada retirada, cada varredura de sua língua em seus lábios ou a fusão de suas bocas, tudo isso o sacudiu, até que ele teve certeza de que estava sonhando, experimentando uma fantasia vívida que não era realmente possível. Vida real.

— Cavanaugh. — ela murmurou contra seus lábios e ele sentiu a necessidade se construir dentro dela quando ela apertou-o, flexionando seu corpo ao redor do dele. Seu perfume e seus sentimentos falavam com seus instintos, avisando que ela estava perto.

Ele agarrou o quadril dela e dirigiu mais fundo enquanto a beijava com mais força, construindo-os firmemente em direção a um climax. Ela gemeu e se contorceu, sua necessidade martelando através dele. Ele deu a ela o que ela precisava, um escravo voluntário para ela, consumido por sua necessidade de satisfazer sua fêmea. Ela gritou quando ele bombeou com mais força, curvando seus quadris para atingir seu ponto mais profundo e seu ponto mais doce.

Ela se separou da boca dele e pressionou a testa contra a dele, agarrando-se a ele enquanto ele empurrava dentro dela. Seus gemidos sem fôlego eram música para seus ouvidos e ele fechou os olhos e grunhiu enquanto suas bolas se erguiam, seu pênis ficando mais grosso enquanto o lançamento se desenrolava em sua base.

Sua respiração se tornou irregular, suspiros instáveis que ela combinava quando ela flexionou seu corpo ao redor dele, buscando sua liberação. O corpo dela ficou tenso, ficando rígido debaixo dele, e ele baixou os lábios para os dela e engoliu seu choro em um beijo enquanto ela gozava, tremendo e tremendo ao redor dele, suas coxas balançando contra seus quadris.

Ele torceu o rosto e grunhiu quando sua própria liberação explodiu através dele e seu pênis pulsou e latejou forte, atirando jatos quentes de sua semente em seu corpo acolhedor. Ele desajeitadamente a beijou quando seu clímax varreu através dele, seu corpo inteiro tremendo com isso.

Eloise beijou-o suavemente, lentamente trazendo-o para baixo, atraindo-o de volta à Terra com ela. Ele se estabeleceu contra ela e rolou, trazendo-a em cima dele para que ele não a esmagasse com seu peso. Ela descansou a cabeça contra o peito dele. Ele podia sentir seu coração acelerado, trovejante como o dele, e ele podia senti-la tremendo também enquanto ele passava as mãos para cima e para baixo em sua espinha, saboreando como era bom estar com ela assim.

Ele fechou os olhos e soltou um suspiro quando passou os braços ao redor dela e a segurou contra o peito.

Ele teria isso para sempre.

Nada ficaria em seu caminho.

Eloise seria sua companheira.

CAPITULO DOZE

Cavanaugh encontrou um aperto na espessa neve e subiu no planalto acima do penhasco, rolou na neve e segurou a corda presa ao arreio. Apoiou as botas contra um pedregulho perto da borda do platô, certificou-se de que a corda passasse por cima de uma de suas botas para impedir que se espatifasse nas rochas e começasse a puxar. Ele facilmente tomou o peso esbelto de Eloise, firmemente puxando-a para cima do penhasco com a corda.

Suas mãos apareceram primeiro, vermelhas do frio, tateando na neve. Ele enrolou a corda em torno de seu braço esquerdo, certificando-se de que não escorregaria de seu aperto e mantendo-a firme, e então estendeu a mão com o braço direito, estendendo-se para ela. Ele agarrou seu pulso direito e ela torceu a mão e agarrou seu pulso, trancando-os juntos.

Ele se inclinou para trás e puxou-a para cima, puxando-a sobre a borda e no platô com ele. Ela caiu de cara na neve, respirando com dificuldade, e ele a puxou para mais perto. A neve acumulou-se em volta dos ombros e contra o rosto e ela franziu o cenho para ele. Ela poderia estar com raiva do frio que ela queria. Tudo o que ele se importava era ter certeza de que ela estava longe da borda e segura antes de relaxar e dar um tempo.

A subida tinha sido difícil, as temperaturas congelantes transformando o que restava da neve em gelo, dificultando uma boa aderência nas rochas e nas pegadas.

Ele chegou perto de escorregar em um ponto, a bota esquerda derrapou em uma pequena saliência que ele pensou que seria uma base segura. Eloise atacou-o, repreendendo-o por quase cinco minutos depois que ele conseguiu se salvar e parar de despencar para uma morte terrível com ela.

Ele sorriu com carinho para a memória.

Ela não estava zangada com ele. Ela estava preocupada e saíra na forma de repreendê-lo.

— O que há com esse sorriso estúpido? — Ela bufou e ficou de quatro e então se sentou, esfregando as mãos e soprando sobre elas.

Ele sorriu e se sentou. — Nada. Só de pensar em como me preocupava você lá atrás.

Ela brincou socando-o no braço. — Eu tinha todo o direito de estar preocupada. Você quase nos matou.

Cavanaugh pegou seu punho quando ela foi bater nele novamente e beijou-o antes de alisar seus dedos sobre ele, preocupação crescendo dentro dele quando viu o quão vermelho seus dedos estavam.

— Vamos lá, você precisa se aquecer. — Ele empurrou seus pés e a puxou para o dela, e a segurou enquanto ele a guiava alguns metros atrás da borda, para um lugar mais seguro.

Ele a soltou e respirou fundo, diminuindo o ritmo do coração enquanto ele se esforçava para subir. As montanhas erguiam-se acima deles, altos cumes escarpados e proibitivos. Estavam a apenas dois terços do caminho, com a floresta no vale e as montanhas menores estendendo-se abaixo dele como uma bela pintura, mais fantasia do que realidade.

Ele tinha esquecido como este lugar era deslumbrante. A terra do seu povo.

Nenhum homem se aventurou aqui. Apenas seus parentes shifters e os verdadeiros leopardos da neve. Mesmo os tigres que tinham feito uma casa na altitude não subiram tão alto. O ar estava rarefeito e frio, queimando seus pulmões. Sua cabeça doía já. Levaria pelo menos um dia para se aclimatar à altitude mais alta e ao ar mais rarefeito. Até que isso acontecesse, ele precisava se manter longe da aldeia. Ele não estava em posição de lutar. Ele ficaria sem fôlego em segundos, e tonto em poucos minutos, e passível de desmaiar do esforço em seu corpo.

Ele soltou o cinto em volta da cintura e saiu, deixando-o na neve acumulada e tirou a mochila.

Eloise tirou a mochila e abriu-a. Enfiou o arnês nela, junto com o dele e a corda, e tirou o velo grosso que usara na floresta e uma jaqueta branca e leve à prova de vento e água. Ele pretendia tirar o equipamento também, mas só podia olhar para ela quando ela rapidamente tirou o top térmico molhado, piscando seu sutiã preto, e substituiu-o por um seco. Quando ela colocou o velo de pedra, Cavanaugh começou a mudar.

Ele tirou a sua camisa térmica sobre a cabeça e diminuiu a velocidade quando a sentiu observá-lo, o olhar dela percorrendo seu corpo, aquecendo-o onde quer que tocasse. Ele lançou-lhe um sorriso quando ele despejou a camisa úmida em sua mochila. Ela desviou o olhar, mas seu olhar se voltou para ele quando ele tirou um top térmico preto de manga comprida e se endireitou para vesti-lo. Ele deixou que ela desse outra boa olhada em seu corpo enquanto ele deslizava os braços para o topo e depois o puxava para baixo.

O velo cinzento-escuro o seguiu e, em seguida, o casaco cinza mais leve e impermeável. Com sua metade superior já se aquecendo, ele começou a lidar com sua metade inferior. Tirou um par de calças brancas à prova d'água para Eloise e uma para si mesmo. Ela pegou a pequena bolsa que continha as calças dele e colocou-a na mochila, uma expressão triste no rosto.

Ele também não gostava nem um pouco de pensar em usar o equipamento em temperaturas muito baixas, mas não fazia sentido colocar as calças à prova de intempéries em cima de roupas molhadas.

Ela espalhou seu top térmico molhado na neve, tirou as botas e pisou no top. Ele fez o mesmo com o seu, usando-o como uma barreira para manter a neve longe de sua nova roupa seca. Tirou as botas e rapidamente trocou as calças cinza-escuras por um par de cinza mais claro, puxou as calças à prova de intempéries por cima delas e depois trocou as meias uma por vez, trocando-as por grossas lã térmicas e colocando cada uma. calçou as botas imediatamente para que não se molhassem.

Ele jogou um par de meias para Eloise. Ela assentiu em agradecimento e vestiu as calças brancas à prova de intempéries por cima das outras, trocou rapidamente as meias e meteu os pés nas botas.

Cavanaugh inclinou-se e enfiou as calças cinza nas botas antes de amarrá-las. Ele alisou a calça à prova de intempéries por cima e puxou o elástico que corria ao redor de sua camada interna, empurrando a alavanca para baixo para se certificar de que eles estavam confortáveis contra o topo de suas botas. Nenhuma neve ficando assim.

Eloise endireitou-se e esfregou as mãos entre as bolsas e a blusa molhada. Ele enfiou o kit de volta na bolsa e tirou as luvas térmicas do bolso da frente. Ele entregou o par menor para Eloise.

Ela olhou para eles e depois para ele.

Ele deu de ombros e sorriu. — Você sempre fica com as mãos frias. — E ela sempre esquecia suas luvas.

— Obrigada. — Ela sorriu de volta para ele e puxou-os, um breve lampejo de felicidade cruzando seu rosto bonito enquanto ela flexionava os dedos.

Aquela cintilação se transformou numa explosão completa que brilhou em um sorriso que o atingiu diretamente no coração quando ele estendeu um chapéu de lã branco para ela.

Ela arrancou-o dele, ronronou amorosamente enquanto acariciava o forro branco e fofo dentro do chapéu, e então o vestiu e sorriu para ele. Ele nunca a tinha visto tão feliz. Se ele soubesse o caminho para o coração dela, era simples, mas presentes pensativos como luvas e chapéus, ele teria enchido-a com eles todos aqueles anos atrás.

— Onde está o seu? — Ela franziu a testa enquanto acariciava o chapéu sobre as têmporas.

— Pelo que me lembro, não sou eu que sempre reclamei sobre como os ouvidos iam congelar e cair. — Isso lhe valeu um olhar brincalhão.

Deuses, ele realmente sentia falta dela.

Ele a tinha de volta agora, mas temia que não durasse. Cada passo mais próximo que eles davam para a aldeia era um que lentamente aumentava a distância entre eles novamente, mesmo quando ele não queria que isso acontecesse. Ele não queria perdê-la novamente. Ele queria que ela ficasse assim, cheia de sorrisos, cada encontro de seus olhos dizendo que ela sentia algo por ele.

Ele terminou com a mochila e colocou-a, apertando as correias sobre os ombros. — Nós devemos ir embora. É uma longa jornada até o próximo abrigo e eu quero estar lá ao anoitecer.

Eles haviam concordado que descansariam durante a noite em outra pequena caverna na base de uma das montanhas a meio caminho entre o penhasco e a aldeia, e continuariam pela manhã. Era muito perigoso partir desse ponto naquela noite porque teriam que atravessar os campos de neve para o outro lado do vale. Cruzar na escuridão seria suicídio.

Eles precisavam da parada noturna por outro motivo também. Isso lhes daria tempo para se aclimatar e se preparar.

Eloise deu a ele um olhar que dizia que ela ainda queria que ele fosse direto para a aldeia, mas felizmente não expressou esse desejo. Ele sabia que ela não queria que ele lutasse novamente e essa era a única razão pela qual ela queria que ele alcançasse a vila antes que ele perdesse seu título de alfa.

Eles discutiram sobre isso na caverna até a subida antes de sair e ela confessou para ele. Ela confessou outra coisa também, mas sem palavras. Ele tinha visto em seus olhos e sentiu nela que levá-lo de volta para o orgulho estava machucando-a. Parte dela não queria trazê-lo de volta. Ele estava feliz com isso. Isso lhe dizia como ela se sentia a respeito dele e lhe dava coragem e esperança de que ele pudesse ter feito o suficiente para conquistar seu coração e ela como sua companheira.

Ele tinha assegurado a ela que faria tudo ao seu alcance para evitar uma briga, mas Stellan poderia não ser tão complacente. Stellan gostaria de defender sua reivindicação ao orgulho.

Ela estava longe da montanha agora. Ela sabia o quanto a mudança de altitude poderia afetar seus corpos porque estava afetando-a assim como ele.

Ela sabia que ele estaria em perigo se ele tivesse que lutar.

Foi o suficiente para conseguir que ela concordasse em parar durante a noite para descansar e se aclimatar.

Eloise colocou sua mochila e ele olhou através do vale à frente deles. O vento soprou, mexendo a neve. O vale serpenteava entre duas das maiores montanhas, imensos picos perigosos que atravessavam o céu. Tudo o que tinham que fazer era seguir aquele vale e chegariam à aldeia, mas o caminho através da bacia era traiçoeiro, cheio de fendas. Eles poderiam facilmente colocar um pé errado e escorregar em um.

— Nós vamos tomar o caminho mais alto. — disse Cavanaugh e ela olhou para ele. Ele não olhou para ela. Seu olhar permaneceu fixo em traçar o caminho que seguia o lado da montanha a sua esquerda, ou onde deveria estar sob a neve. Se tivessem sorte, os leopardos da neve locais teriam usado isso recentemente, delineando-os para eles.

Se não, seria difícil, mas ainda era melhor do que percorrer o caminho pelo vale.

Ele não tinha passado por isso em cinco anos, e Eloise não tinha atravessado em dois. Naquela época, as fendas poderiam ter se desviado de onde eles sabiam que eram e poderiam andar diretamente para uma que não estivesse lá antes. Mesmo que atravessassem a bacia do vale, ainda precisariam fazer uma segunda travessia para chegar à aldeia. Outro vale cruzava as montanhas do lado direito deste.

Era melhor que eles permanecessem no caminho mais elevado até o ponto em que desciam para o vale e atravessavam os campos de neve ali. Eles eram mais estáveis e era um cruzamento muito mais curto.

Ele olhou para Eloise e ela assentiu.

Cavanaugh segurou a mão direita, deslizou os dedos entre os dela e começou a andar em direção à base da montanha. Ele manteve o olhar no caminho à sua frente, vasculhando a neve branca que entorpecia os olhos, em busca de sinais de que o chão poderia não ser sólido.

Não demorou muito para que eles se deparassem com uma trilha. Ele se agachou e tocou a pegada larga. Leopardos da neve tinham caminhado em ambas as direções ao longo dela. Seus olhos seguiram o caminho quando ele se curvou para a direita e ele sorriu ao vê-lo enrolado e indo em direção à montanha à sua frente.

Levantou-se e seguiu o rastro de animais, os olhos ainda fixos na neve e procurando sinais de perigo.

Quando o caminho os levou para o lado da montanha, ele soltou Eloise para que ela pudesse andar atrás dele e começou a relaxar novamente e observar o ambiente ao redor. O vale e as montanhas pareciam bonitos contra o céu azul brilhante, um contraste agudo que lhe tirou o fôlego.

Eloise caiu atrás dele, seu perfume girando em torno dele junto com o forte cheiro de neve. Ele a queria ao lado dele, mas o caminho era estreito, serpenteando para cima e para baixo enquanto seguia o lado da montanha acima do chão do vale.

Cavanaugh ficou olhando para a frente, seguindo o caminho a princípio e depois olhando para o outro lado da montanha. A aldeia ficava ali, a quilômetros de distância, mas se aproximando cada vez mais. Ele respirou fundo para acalmar seus nervos. Ele ainda não tinha certeza do que estava indo e já era hora de descobrir.

— Quantos homens Stellan tem do seu lado? — ele disse, mantendo a voz baixa para não perturbar a neve espessa acima dele na montanha. A

última coisa que ele precisava era de uma avalanche. Eles eram comuns, particularmente nesta época do ano, quando o tempo estava se aquecendo durante o dia.

— Cinco machos que estão sempre com ele. Pelo menos mais seis que podem lutar ao seu lado.

Cavanaugh bufou. Essa era a maioria dos homens na aldeia então. Stellan deve tê-los vencido através da força bruta, mostrando-lhes o quão poderoso ele era, para que pensassem duas vezes em se levantar contra ele.

— E quanto a August? — Ele olhou para Eloise, precisando ver em seus olhos se seu primo havia se comprometido com Stellan.

Ela balançou a cabeça. — Ele não está com Stellan... mas Stellan fica de olho nele. — Cavanaugh esperava muito. August era o próximo na linhagem de Cavanaugh, o filho do irmão de seu pai. O pai de Cavanaugh só conseguiu produzir dois herdeiros masculinos em seu tempo como alfa. Normalmente, se Cavanaugh morresse como as coisas estavam, fora de uma luta contra um desafiante e enquanto ele ainda era o alfa, mas sem herdeiros próprios, o orgulho passaria para seu irmão mais novo, Harbin.

Mas Harbin foi exilado por seu pai há vinte anos.

Harbin tinha sido cabeça quente e nunca tinha visto olho no olho com seu pai. Tudo tinha chegado ao fim quando seu irmão tinha se encontrado com uma mulher em um bar sujo, derramando merda para ela que ele deveria ter guardado para si mesmo.

Harbin tentou impressioná-la dizendo que seu pai ocupava uma posição de poder, mas que estava fora do outro lado do mundo em uma reunião e ele estava no comando do império enquanto ele estava fora.

A mulher dormiu com o irmão e o drogou. Quando Harbin apareceu, percebeu o erro e voltou correndo para a aldeia. Já era tarde demais. O Arcanjo, uma organização de caçadores, já havia lançado um ataque ao orgulho. Cavanaugh havia lutado tão duro quanto podia com August e os

outros machos, mas, embora tivessem lidado com vários dos caçadores, também haviam perdido muitos de seus parentes.

Sua mãe e irmã incluídas.

Harbin havia retornado logo depois que os caçadores restantes haviam fugido. Ele tinha perdido a cabeça ao ver a mãe e a irmã mais nova deitadas na neve, cercadas de vermelho. Cavanaugh tentou detê-lo, mas ele foi atrás dos caçadores.

Harbin havia retornado vários dias depois, nu e ensanguentado, com os olhos frios como o gelo.

Cavanaugh fizera o que podia para consolar seu irmão, mas até hoje não sabia se suas palavras haviam chegado a Harbin. Seu irmão havia mudado, toda a luz e o fogo se foram, deixando apenas a escuridão e o gelo para trás.

No segundo em que o pai deles pisou na aldeia, ele anunciara a sentença de Harbin. Ele o havia exilado sem sequer olhar para ele e tê-lo expulsado da vila sem sequer lhe dar a chance de reunir suas coisas.

Cavanaugh quisera ir atrás dele, mas o pai deixara claro que, se tentasse, seria banido também.

Ele então olhou para Eloise, vendo uma mulher por quem ele estava se apaixonando, uma que ele não poderia viver sem, e tomou a difícil decisão de ficar onde estava e deixar Harbin ir.

Cavanaugh não o tinha visto desde que ele deixou o orgulho e todas as suas tentativas de localizá-lo nos últimos cinco anos terminaram em nada.

Se Cavanaugh morresse como o alfa agora, o orgulho passaria para August.

— August deveria ter feito alguma coisa. — ele murmurou e rangeu os dentes. Seu primo era mais jovem do que ele, mas forte, mais do que capaz de reunir os outros homens.

— Ele tentou. — Aquelas duas palavras o pararam e ele olhou por cima do ombro para Eloise.

Ela fechou os olhos, respirou fundo e depois os abriu novamente. — August lutou com Stellan, mas com seus lacaios, Stellan era forte demais para ele.

— Ele deveria ter convencido os outros machos a lutar com ele.

Piedade encheu seus olhos. — Os outros machos não lutarão, Cavanaugh. Qualquer um que se atreveu a levantar a voz contra Stellan foi tratado.

— Ele os matou? — O pensamento de seu orgulho perdendo tantos homens o abalou, mas o modo como os olhos castanho-dourados de Eloise brilhavam com lágrimas dizia que o que acontecera era infinitamente pior do que ele imaginara.

— Ele matou suas fêmeas... e então ele ameaçou matar seus filhotes se eles saíssem da linha novamente. — Os joelhos de Cavanaugh enfraqueceram-se. Não. Ele balançou a cabeça, não querendo acreditar no que ela estava dizendo, porque no final ele era responsável por tudo o que havia acontecido. Seu coração não aguentou.

— Eu sinto muito. — Ela colocou a mão no braço dele e apertou-o, baixando o olhar para lá. — Isso não é culpa sua, Cavanaugh.

— Isto é. — Ele colocou a mão sobre a dela e fechou os olhos. — É minha culpa. Tudo isso. Tudo o que aconteceu com você... tudo o que aquele desgraçado vil fez para os membros do nosso orgulho... toda morte está sangue em minhas mãos, Eloise.

Ela se aproximou dele e colocou os braços ao redor de seus ombros, puxando-o para baixo contra ela. Ele colocou a cabeça no ombro dela, deslizou os braços ao redor de sua cintura e a abraçou, odiando o quão fraco ele se sentia. Ele queria estar na aldeia agora, derramando o sangue de Stellan como retribuição pelas coisas que ele tinha feito, mas seria suicídio.

Ele não estava em condições de lutar, não contra um homem que o superara antes e chegara perto de matá-lo.

Ele nunca tinha ficado tão feliz que seus instintos animais o tivessem forçado a sobreviver, a fugir com sua vida de uma briga que deveria tê-lo reivindicado.

Porque ele ia fazer Stellan sofrer por cada vida que ele roubou, toda punição que ele ordenou e executou, e todas as mulheres que ele tomou contra a vontade dela.

Cavanaugh ia despedaçá-lo.

— Cavanaugh? — Eloise murmurou suavemente e acariciou seu cabelo, alisando seus dedos através dele e alisando seus sentimentos ao mesmo tempo, trazendo sua raiva para baixo de uma fervura furiosa para uma constante ferver em suas veias. Ela apertou um beijo em sua bochecha e suspirou contra sua pele, o calor de sua respiração instantaneamente dando lugar ao frio.

— Eu estou bem. — Ele colocou as mãos nos quadris dela, puxou um último suspiro profundo para conter sua necessidade de derramar sangue, e afastou-se dela. Ele levantou os olhos para encontrar os dela, encontrando-os cheios de calor e preocupação. — Sinto muito por tudo.

— Não há necessidade de continuar dizendo isso. — Ela passou as costas de seus dedos pela bochecha dele e sorriu.

— Há... há toda a necessidade de eu continuar dizendo... porque não importa quantas vezes eu diga, não é suficiente. Não será suficiente até eu acabar com isso.

— Eu sei. — Ela baixou o olhar e seu sorriso sumiu.

Ele a amaldiçoou. Ele não pretendia trazer à tona o que aconteceria quando voltassem para a aldeia, fazendo-a acreditar que ele tomaria seu lugar como alfa novamente, deixando-a sozinha novamente. O que ela lhe

dissera sobre a mãe desabou sobre os ombros dele, pesando-lhe fortemente o coração, e suspirou ao pensar nisso.

Ele deveria estar lá por Eloise. Ela estava perto de sua mãe, e ele também. Ele sempre sentiu que ela havia aprovado a faísca deles, e ele sabia que ela desaprovara quando ele assumira a posição de alfa e não conseguira ver Eloise. Ele esperava encontrá-la viva e bem no orgulho, porque ele queria mostrar a ela que estava tentando fazer a coisa certa.

Cavanaugh olhou para Eloise, dividido entre fazer a pergunta que ardia na ponta da língua e permanecer em silêncio. Ele não queria machucá-la, mas ele precisava saber.

— Eloise. — ele começou e depois vacilou quando ela olhou para ele, diretamente em seus olhos. Ele exalou com força e soltou sua cintura. — Sua mãe... fez Stellan... — Ele não conseguiu terminar essa pergunta e o olhar em seus olhos disse que ele não precisava para que ela entendesse.

Ela balançou a cabeça e alívio bateu através dele, rápida e suave.

— Foram causas naturais. — disse ela e ele enviou um silencioso agradecimento aos deuses por conceder-lhe essa pequena misericórdia.

Ele não sabia o que teria feito se ela tivesse dito que Stellan havia matado sua mãe, mas teria rasgado seu coração em pedaços.

— Eu deveria ter estado lá. — Ele olhou por cima do ombro esquerdo, na distância em direção à aldeia.

— Ela teria gostado disso. — As palavras suaves de Eloise atraíram o olhar dele para ela. Não havia raiva nelas, nenhum dano, não como quando ela lhe dissera que sua mãe havia morrido. Ela estendeu a mão e pegou a mão dele, pressionando o polegar na palma da mão dele, e olhou para ela. — Ela ainda amava você. — Isso não o fez se sentir melhor.

— Ela foi para o túmulo dela decepcionada comigo e acreditando que eu te deixei sozinha no mundo para sempre. — Ele suspirou e balançou a cabeça, depois torceu a mão dela e brincou com os dedos dela. Suas luvas

térmicas negras se misturaram com as dele. — Eu falhei com tantas pessoas. — Você não falhou comigo. — Ela colocou a mão livre contra o rosto dele, inclinou a cabeça para cima e encontrou seu olhar. — Você queria estar livre de um papel que odiava e aproveitou a chance que os deuses lhe deram. Você não sabia o que aconteceria. Não foi sua culpa que Stellan tenha se voltado contra seu próprio povo.

— Eu estava pensando apenas em mim mesmo. — Ele bufou e recuou, quebrando o contato entre eles. — Eu deveria ter pensado nos outros. Eu era seu alfa, droga, e eu deveria ter agido assim. Em vez disso, pensei apenas em mim e no que queria.

— Não. — Ela agarrou a mão dele novamente e segurou-a com força, os dedos esmagando os dele juntos, e franziu a testa para ele, seus olhos cor de mel cintilando fogo. — Você não pensava apenas em si mesmo e no que queria. Você também pensou em mim... você pensou em nós... você pensou no que queríamos.

Sua voz sumiu num sussurro no final, a força desaparecendo de seus olhos ao mesmo tempo, e ela o soltou e olhou para o vale, virando seu perfil para ele.

Cavanaugh soltou um suspiro.

Talvez ele estivesse pensando em ambos, mas eles eram apenas dois entre muitos, e ele ainda deveria ter colocado seu orgulho antes de seus próprios desejos. Ele tinha sido rápido demais para aproveitar sua chance de escapar de uma vida que odiava e voltar para aquela que amava.

Aquela onde eles estavam juntos.

O que ele teria com ela.

Ele precisava dizer a ela que ela era sua companheira e que ele não tinha intenção de reprisar seu papel como alfa. Ele precisava contar tudo a ela agora, antes de voltarem para a aldeia.

— Eloise.

Um rugido o interrompeu e ele girou nos calcanhares, olhando ao longo do caminho atrás dele, o que levava à aldeia. Nada. A neve caia sobre a pista. Seu olhar foi para a esquerda e seu coração congelou em seu peito antes de explodir em ação.

Um homem grande, vestido com roupas brancas de inverno, deslizou pelo lado inclinado da montanha em direção a ele, perturbando a neve e enviando-a rolando à sua frente. Mais dois homens seguiram atrás dele. Uma equipe de patrulha da aldeia.

— Eloise, corra. — Empurrou-a assim que o primeiro macho os alcançou, fazendo-a cambalear para trás ao longo da trilha, em direção à borda do platô. — Desça a montanha. — Ela balançou a cabeça e ele a cortou com um grunhido, mostrando suas presas para ela, ordenando que ela obedecesse. Ela lançou-lhe um olhar ferido e então se virou e correu, seu pacote escuro saltando a cada passo.

O macho moreno bateu nele, derrubando-o para trás e mandando ambos caírem pela encosta em direção ao vale abaixo. Cavanaugh agarrou-se ao macho enquanto eles caíam, lutando para acertar os golpes e fugir dos que o macho lançava contra ele enquanto rolavam, saltando de pedregulhos sob a neve. Ele bateu forte e grunhiu quando o ar saiu de seus pulmões e sua cabeça girou.

Ele não estava em condições de lutar, não contra três homens acostumados ao ar mais rarefeito, mas precisava detê-los, pelo menos por um tempo.

Seu olhar procurou Eloise enquanto o mundo se contorcia e girava em torno dele, e ele a avistou perto do final da trilha, onde terminava o platô. Um dos machos estava indo atrás dela. O outro descia a encosta, seguindo Cavanaugh e seu amigo.

Cavanaugh atingiu o fundo do vale com força. O macho pousou em cima dele e Cavanaugh grunhiu enquanto seu peso pressionava seu estômago e pulmões. Ele rosnou e enfiou a palma da mão no rosto do macho de cabelos escuros, virando a cabeça para trás. Antes que o macho pudesse

se recuperar, ele acertou um segundo golpe, esmagando seu punho em sua bochecha e fazendo-o cair de lado na neve profunda.

Cavanaugh ficou de pé quando o segundo macho entrou nele, derrubando-o novamente. Sua mochila apertou suas costas, dobrando-o em um ângulo doloroso sob o macho. Ele agarrou o braço do loiro e o empurrou para cima enquanto ele rolava, ganhando a mão superior e prendendo o macho debaixo dele.

Ele sorriu e deu um soco no loiro com força, um após o outro, estalando a cabeça e depois indo embora. O cheiro de sangue se juntou ao odor metálico da neve quando ele bateu com o punho no nariz do macho.

Talvez ele tivesse uma chance afinal.

O moreno agarrou o cabelo de Cavanaugh quando ele deu outro soco no macho abaixo dele e puxou-o para trás, fazendo-o sentir falta do alvo. Ele rosnou e estendeu a mão atrás dele, agarrando o pulso do macho, e foi jogá-lo sobre sua cabeça.

Eloise gritou.

A cabeça de Cavanaugh se virou para ela a tempo de vê-la cair na neve.

Ele rugiu para o macho que se aproximava atrás dela, o braço ainda estendido do golpe que ele havia feito, e jogou o que estava atrás dele sobre a cabeça, mandando-o cair em cima de seu companheiro.

Cavanaugh se levantou e correu o mais rápido que pôde pela neve, determinado a alcançar Eloise. Ela não estava se movendo. Ele rosnou através de suas presas emergentes e correu mais forte, sua cabeça girando enquanto seus pulmões queimavam e seu coração trabalhava.

Seu pé esquerdo aterrissou com força no chão embaixo dele e seu joelho se dobrou, jogando-o de cara na neve. Ele rosnou e lutou para se levantar, forçando-se a continuar. Ele seguiu em frente, o mundo girando em torno dele.

— Eloise. — ele sussurrou e estendeu a mão para ela. Ele estava perto.

O homem em pé sobre ela se virou para encará-lo. Uma corda grossa pendia do punho direito dele.

Cavanaugh rugiu ao vê-la.

Ele não deixaria o macho colocar suas mãos imundas em sua fêmea.

Sua Eloise.

Ele cambaleou para a frente e deu um golpe violento no macho, que facilmente se esquivou de sua tentativa desajeitada, e desabou na neve ao lado dela. Respirou com força, olhando para o rosto pálido dela e o sangue escorrendo por sua bochecha esquerda sob o chapéu.

Ele estendeu a mão para ela.

A dor explodiu na parte de trás de seu crânio.

O mundo ficou negro.

CAPITULO TREZE

A dor queimava o corpo de Cavanaugh, mais feroz em sua cabeça e em seus braços. Ele tentou movê-los na frente dele, mas eles não se mexeram. Consciência lentamente voltou, entendendo que seus pulsos estavam algemados atrás dele. O metal frio mordendo sua pele nua.

Gelado úmido, congelodo em seu lado esquerdo, de seu ombro até seus pés. Eles estavam nus também. A única peça de roupa deixada nele eram suas calças e a umidade delas dizia que alguém havia removido a camada à prova de intempéries, deixando-o apenas com suas calças cinza-claras. Seu inimigo pretendia mantê-lo frio, drenando a força dele e tornando difícil para ele se mover, seus músculos rapidamente se tensionavam e ficavam fatigados.

Ele respirou lentamente, estabelecendo seu coração e verificando sua condição. Baseado no fato de que ele podia respirar mais facilmente e não mais se sentir fraco pelo ar mais rarefeito, ele ficara pagado por um tempo, tempo suficiente para que ele se aclimatasse à altitude. Várias horas, se não mais. Quanto tempo ele esteve na aldeia? Ele precisava saber. Os três homens não poderiam levar ele e Eloise para a aldeia antes do anoitecer. Não era possível.

Ele concentrou seus sentidos, trazendo-os devagar on-line, usando-os para verificar o ambiente sem abrir os olhos. Um certo número de pessoas o cercava, alguns de seus aromas familiares. Eloise estava lá. Ele queria abrir os olhos e vê-la, mas se forçou a esperar. Seus captores não estavam cientes de que ele estava consciente e ele teve que usar isso para sua vantagem.

Ele podia sentir o cheiro dos três que o atacaram e Eloise.

E ele podia sentir o cheiro de Stellan.

Ele não podia pegar o cheiro de August. Stellan tinha feito alguma coisa para ele para mantê-lo longe?

Cavanaugh suspeitou que ele estivesse na praça no meio da aldeia. Se as barras de metal pressionadas contra o seu lado fossem o bastante, ele estava enjaulado e algemado. Não é bom.

Ele colocou os três que o atacaram diretamente à frente dele com Stellan. Mais dois estavam lá com eles. Os cinco lacaios que Eloise lhe contara. Os dois que ele lutou eram fortes, mas nada comparado com Stellan. Cavanaugh podia facilmente lidar com eles agora que se aclimara, mesmo com o frio drenando sua força e diminuindo sua velocidade.

Ele manobrou lentamente de joelhos, fazendo uma careta quando as algemas de metal que seguravam seus pulsos atrás dele pousaram na parte inferior das costas, gelando e queimando sua pele nua ao mesmo tempo.

Um murmúrio percorreu a multidão.

Cavanaugh abriu os olhos, fixando-os diretamente em Stellan, onde ele estava na beira da plataforma de pedra escura de um metro e meio de altura, a uma curta distância dele, céu azul e montanhas como pano de fundo. A posição do sol dizia a Cavanaugh que era fim da manhã, mas não respondeu à pergunta sobre quanto tempo ele estivera na aldeia.

Os olhos verdes do macho de cabelo preto estavam em outra pessoa.

Ele rastreou o olhar de Stellan e seu estômago despencou quando viu Eloise.

Ela estava encostada a um espesso poste de madeira a poucos metros dele no centro da praça, uma corda firmemente amarrada ao redor de seus pulsos, prendendo-os acima de sua cabeça. Ela estremecia constantemente, seus dentes batendo, seus lábios quase azuis e sua pele vermelha e crua enquanto descansava na neve comprimida em sua roupa íntima. Sangue seguia pelo seu rosto e espalhava em seu pescoço, formando uma marca de mão. Alguém a estrangulou.

— Seu maldito bastardo. — Cavanaugh lançou-se às grades de sua apertada gaiola de um metro e oitenta de altura, batendo com força o ombro

nas hastes de metal, fazendo com que toda a gaiola se movesse vários centímetros à frente.

Seu sangue ferveu quando ele atacou as barras grossas, chutando-as, cada golpe enviando uma dor aguda nos ossos da perna. Ele se virou para pegar duas barras em suas mãos e apoiou os pés descalços contra o fundo da gaiola enquanto se levantava, tentando quebrá-las.

Stellan riu.

Cavanaugh virou-se para ele com um rugido que sacudiu as montanhas, ecoando ao redor deles por muito tempo depois de ter terminado. Ele respirou com dificuldade, seu olhar constantemente saltando entre Stellan e Eloise.

Ele precisava escapar da maldita gaiola e alcançá-la. Seu tipo podia resistir ao frio extremo, mas não por muito tempo, e definitivamente não quando estavam nus e ajoelhados na neve.

— Eloise. — Ele pressionou a testa contra as barras mais próximas a ela e se ajoelhou, desejando que ela o ouvisse. — Eloise.

Ela gemeu e uma careta brilhou em sua testa.

— Vamos lá, Eloise, Baby. — ele murmurou, com o coração batendo contra as costelas. — Deixe-me ver que você está bem.

Ela fez uma careta e tentou levantar a cabeça, os fios emaranhados do cabelo escuro e úmido caindo longe de seu rosto quando ela o ergueu. Seus lábios se separaram, reabrindo o corte que atravessou seu inferior. Seus olhos se abriram e ele amaldiçoou quando encontraram os dele. Eles foram assombrados novamente, não mais brilhantes e brilhantes como haviam sido durante toda a jornada.

— Deixe-a ir. — ele retrucou em Stellan. — Ela não fez nada. Deixe ela ir. — Stellan não se mexeu. Seus frios olhos verdes permaneciam impassíveis.

— Foda-se você. — Cavanaugh mostrou as presas ao macho e depois virou as pessoas reunidas em volta da praça, formando um círculo.

Não fazendo nada além de olhar para ela.

— Ajudem ela. — Ele prendeu cada um que se atreveu a olhar para ele com um olhar. — Façam alguma coisa. Ela vai morrer se vocês não fizerem, caramba. Ela arriscou sua vida para me trazer de volta por vocês e vocês não fazem nada quando ela precisa de você?

Todos olharam para longe, baixando os olhares para a neve, e alguns até se viraram, parecendo que poderiam sair e voltar para um dos muitos prédios de dois andares que formavam a aldeia ao redor da praça.

Quantas vezes ele e Eloise caminharam juntos por essa praça, rindo ao sol, admirando a beleza da aldeia e das montanhas que a protegiam do mundo exterior?

Os prédios elaborados, com o piso térreo de pedra clara e o andar superior, com seus painéis brancos cercados por madeira escura esculpida e encimados por um telhado baixo e anguloso, não eram mais bonitos para ele. As montanhas que se erguiam além delas não eram mais impressionantes. O lugar inteiro parecia frio e desolado, algo que havia perdido seu encanto para ele anos atrás. Tinha sumido mais a cada dia que ele tinha que ficar longe de Eloise, observando-a de longe.

Não havia beleza neste mundo sem ela ao seu lado.

Sem o sorriso dela.

Sem o riso dela.

Sem o jeito que ela olharia para ele com um traço de timidez misturada com carinho em seus olhos cor de mel.

Cavanaugh rugiu e atacou a gaiola novamente, sacudindo-a e arrancando alguns suspiros do grupo.

— Façam alguma coisa! — Ele enfiou o ombro direito contra as barras da gaiola e respirou fundo, encarando seus parentes, silenciosamente implorando que fizessem o que ele pedia porque ele nunca pedira que fizessem nada antes, e agora ele pedia que salvassem sua Eloise. — Por favor.

Alguns trocaram olhares e logo desviaram o olhar quando Stellan grunhiu. Eles estavam com medo, ele podia entender que depois de tudo que eles tinham passado, mas havia muitos deles e apenas alguns que estavam com Stellan. Se ele pudesse reuni-los, dar-lhes coragem para se levantar contra Stellan, eles poderiam ganhar sem a ajuda dele.

— Eu estou te implorando. — ele sussurrou e olhou para Eloise, dolorido com a necessidade de puxá-la em seus braços e abraçá-la enquanto ela olhava fixamente para ele através dos olhos sem vida. — Salve-a. Vocês não precisam de um alfa para levá-lo... juntos, vocês são forte... vocês podem ajudá-la.

Ele olhou de volta para eles. Um murmúrio silencioso percorreu a multidão, mais deles trocando olhares agora, e ele sabia que a maré estava girando. Ele poderia inspirá-los a pegar em armas e lutar por seu orgulho.

— Eu deveria ter silenciado você quando vi meus homens na borda da aldeia esta manhã e eles estavam arrastando seu corpo inconsciente sem valor através da neve, junto com sua cadela. — Stellan desceu da plataforma e caminhou em direção à gaiola, a neve esmagando as grossas botas de couro. Ele estava totalmente negro contra o branco puro enquanto estava diante de Cavanaugh, seu lábio superior se curvando para revelar uma presa curta. — Eu queria fazer um exemplo de você embora. Você vai morrer hoje, aqui, na frente de todas essas pessoas... e quando eles virem seu macho mais forte morrer como qualquer outro macho que tentou ficar contra mim... eles obedecerão a todos os meus mandamentos sem questionar, para sempre.

Cavanaugh reprimiu o rugido que retumbou em sua garganta.

Ele estava errado. Seus parentes não se reuniram por escolha. Eles foram forçados a vir e testemunhar sua execução.

Stellan deu um passo para trás e os machos loiros e morenos que haviam lutado contra Cavanaugh saltaram da plataforma, aterrissando perto dele. Passaram pelo alfa, o loiro pegou uma chave e parou na porta da jaula de Cavanaugh.

Eles iam libertá-lo.

O loiro destrancou a porta da jaula e o de cabelos escuros entrou, agarrou Cavanaugh pelos cabelos e puxou-o para fora, empurrando-o de joelhos sobre a neve em frente a Stellan. Eles ficaram sentinela sobre ele e ele respirou lentamente, acalmando-se. Por mais que ele quisesse se jogar em Stellan e morder o bastardo, ele tinha que ser paciente.

Ele não podia arriscar ficar inconsciente novamente. Ele estava mais forte agora que se aclimatara, mas ainda estava em desvantagem com as mãos amarradas às costas. Quando chegasse o momento, ele lançaria seu ataque. Ele só tinha que esperar e então ele usaria o ás que ele tinha na manga.

Stellan tinha esquecido algo crítico e Cavanaugh estava mais do que feliz em explorá-lo, a fim de colocar o bastardo para baixo.

Com o canto do olho direito, Cavanaugh viu August entre as pessoas reunidas daquele lado da praça. O gorro preto que ele usava escondia seu cabelo ruivo selvagem, mas Cavanaugh reconheceria seus olhos prateados em qualquer lugar. Ele ficou na parte de trás do grupo, outro macho ao lado dele. O instinto dizia a Cavanaugh que seu primo lutaria no momento em que ele fizesse seu movimento, unindo-se a ele em sua batalha contra Stellan.

Cavanaugh só podia esperar que todos os outros seguissem sua liderança.

Ele esperava que o que ele estava prestes a fazer iria inspirá-los a se levantar contra Stellan também.

Stellan tirou uma pequena lâmina de prata de uma bainha na cintura.

Ele deu um passo em direção a Cavanaugh.

Cavanaugh soltou cada gota da fúria que ele acumulara durante toda a jornada, cada centímetro de raiva que sentiu quando olhou para sua companheira, vendo-a espancada e à beira do congelamento até a morte. Ele derramou através de seus músculos e veias como ácido, queimou seus ossos e o incendiou.

Ele rugiu quando ele puxou seus pulsos separados, seus ombros e peito se esforçando enquanto ele lutava contra o metal.

Os elos de aço entre os dois punhos grossos quebraram e ele caiu para frente com a repentina liberação de seus pulsos, pressionando as mãos na neve.

Os olhos verdes de Stellan se arregalaram e ele soltou seu próprio rugido quando se recuperou do choque de ver Cavanaugh quebrar metal sólido com apenas sua força natural.

Cavanaugh sorriu, revelando suas presas, e deu o pontapé inicial, se lançando em Stellan. Quebrar a corrente entre os grilhões tinha sido a parte fácil, seu ás que ele conhecia pegaria Stellan desprevenido, deixando-o aberto para atacar. A temperatura estava bem abaixo de zero graus, o frio enfraquecendo significativamente o metal fino e tornando-o quebradiço.

O que veio depois foi a parte difícil.

Stellan deu um golpe violento com a faca e Cavanaugh derrapou por baixo, deslizando pela neve compacta. Ele chutou com a perna direita quando alcançou o macho de cabelos negros, pegando-o na parte de trás do joelho esquerdo e o lançando no chão. Ele passou por Stellan, parando apenas quando seus pés descalços atingiram a plataforma de pedra. Ele virou a frente e deu um pontapé, se lançando para frente, em direção a Stellan.

O macho levantou a mão em um comando. Os três machos que haviam permanecido na plataforma saltaram para fora da mesma maneira que Cavanaugh se conectou com força às costas de Stellan, batendo o rosto dele primeiro no chão gelado. Os três machos correram em Cavanaugh e ele rolou, evitando o golpe que sentia chegando. O macho mal conseguiu evitar golpear Stellan e derrapou na neve, perdendo o equilíbrio.

Antes que os outros dois tentassem atacá-lo, August e seus companheiros estavam lá, levando-os.

Assim que os outros viram August lutando, os machos mais jovens entre eles irromperam da multidão e lançaram um ataque aos machos morenos e loiros que estavam vindo para ajudar Stellan.

Cavanaugh olhou para Eloise e o calor varreu-o, queimando seu medo, ao ver um grupo de jovens pulando para salvá-la.

Agora ele poderia dar a Stellan sua atenção total.

O homem de cabelos negros estava de pé de novo, seus olhos verdes escurecendo perigosamente quando ele se virou para Cavanaugh.

Cavanaugh mostrou suas presas em um grunhido e correu na direção dele. Stellan perdeu sua única vantagem. A lâmina. Ficava perto da gaiola na neve revolvida. Se Cavanaugh pudesse colocar as mãos nele, ele poderia acabar com essa luta antes que alguém se machucasse. Os lacaios de Stellan eram o tipo de homens que se renderiam rapidamente se vissem seu líder cair.

Stellan o encontrou no meio do caminho, jogando um gancho de esquerda rígido. Cavanaugh se esquivou, mas não do rápido golpe que se seguiu. Conectou-se com a mandíbula, estalando a cabeça para cima, e ele grunhiu enquanto seu crânio doía da força do golpe. Ele baixou a cabeça e girou o punho direito, seguindo-o com um golpe baixo à esquerda. Como previsto, Stellan se moveu para a direita para desviar do primeiro soco de Cavanaugh, colocando-se diretamente no caminho de seu segundo.

Cavanaugh rosnou quando ele bateu com o punho esquerdo no rim de Stellan, levantando os machos ao chão com o duro golpe. Stellan grunhiu e Cavanaugh juntou as mãos e as girou para cima em um arco rápido quando Stellan tropeçou para trás. As algemas ao redor dos pulsos de Cavanaugh se chocaram contra o lado da cabeça de Stellan e o cheiro de sangue encheu o ar quando o macho caiu com força. O grilhão em torno do pulso direito de Cavanaugh se quebrou e ele puxou-o enquanto se afastava de Stellan, ganhando algum espaço.

Mais uma algema e então ele poderia mudar. Agora, o metal apertado estava o impedindo. Se ele mudasse, ele machucaria a perna da frente, colocando-se em desvantagem.

Stellan se lançou para ele e Cavanaugh grunhiu quando o macho entrou nele com força, seu ombro batendo forte em seu estômago e tirando o ar dele. Ele lutou com os ombros do macho e levantou o joelho, batendo no peito de Stellan. O macho ofegou, mas não o soltou. Cavanaugh uniu as mãos novamente, levantou-as acima da cabeça enquanto deslizava para trás com Stellan o conduzindo e as puxava para baixo em um arco rápido, usando cada gota de força disponível para ele.

Seus punhos golpearam duramente no centro das costas de Stellan, empurrando o macho para baixo. Stellan perdeu o controle e Cavanaugh não hesitou. Ele trouxe o joelho para cima novamente, esmagando-o no rosto de Stellan. O cheiro de sangue ficou mais forte e Stellan se afastou dele, movendo-se para longe, a mão cobrindo o rosto. Sangue escorria de seu queixo e sobre a neve branca.

Cavanaugh respirava com dificuldade. Algo brilhou nos olhos de Stellan.

Os próprios olhos de Cavanaugh se arregalaram quando ele sentiu alguém atrás dele e começou a se virar. O macho loiro estava muito rápido, enlaçando os braços por trás de Cavanaugh antes que ele pudesse se afastar dele e trazê-los por cima dos ombros. O macho trancou as mãos atrás da cabeça de Cavanaugh e ele rosnou enquanto lutava contra o loiro.

Stellan olhou para a lâmina.

O loiro riu.

August jogou para Cavanaugh um olhar preocupado enquanto lutava com o macho de cabelos escuros.

Seu primo não precisava se preocupar.

Ele tinha isso.

Cavanaugh rugiu quando se inclinou para frente, arremessando o macho sobre sua cabeça e fazendo-o cair na neve. No segundo em que o macho o soltou, ele levou o punho direito para baixo com força, esmagando-o em seu rosto. O loiro grunhiu e sangue vomitou de seu nariz. Stellan rosnou e Cavanaugh sentiu sua aproximação.

Ele se virou rapidamente e levantou a perna, bloqueando o chute que Stellan havia lançado para ele, suas canelas se conectando com força e enviando dor para seus ossos. Ele rosnou, puxou a perna para trás e chutou novamente, enviando seu pé voando no quadril de Stellan. Atingiu o sua cintura e Cavanaugh grunhiu enquanto se forçava a seguir, enviando Stellan voando pela praça.

Stellan atingiu a gaiola, derrubando-a vários metros e caiu sobre a neve onde estava.

Bem ao lado da faca.

Não exatamente o que Cavanaugh planejara.

Ele chutou, seu olhar se fixou na lâmina e seu coração batendo. Ele tinha que alcançá-lo antes que Stellan recuperasse seus sentidos e percebesse o quão perto da vitória ele estava.

O pé descalço de Cavanaugh escorregou no chão gelado e ele bateu de cara nele, grunhindo quando seus pulmões sofreram o impacto.

Stellan estava de pé no momento em que Cavanaugh se recuperou, derrapando enquanto tentava se levantar, e tinha a lâmina na mão antes que Cavanaugh pudesse alcançá-lo. O homem de cabelos negros virou-se para ele com um sorriso malicioso e Cavanaugh recuou, examinando a luta por algo que ele pudesse usar como arma.

Ele precisava de algo, ou ele precisava de uma maneira de distrair Stellan por tempo suficiente para que ele pudesse alcançá-lo e tirar a arma dele.

August rugiu.

O olhar de Cavanaugh virou-se para onde o vira pela última vez, observando-o no momento em que ele mudava, tornando-se um enorme leopardo da neve. August grunhiu e saltou, pulando alto no ar e navegando em direção a Stellan.

Stellan se virou para ele.

Cavanaugh amaldiçoou August por fazer um movimento tão imprudente e correu em direção a Stellan, com o coração trovejando enquanto tentava fechar a distância entre eles antes que Stellan pudesse cortar seu primo.

Stellan girou a lâmina, cortando o ar com ela, diretamente onde o peito de August estaria a qualquer momento. Cavanaugh rugiu quando se atirou em Stellan. Não rápido o suficiente. Ele bateu em Stellan, derrubando-o, mas não antes que a ponta da lâmina cortasse o ombro direito de August.

Cavanaugh aterrissou com força em cima de Stellan. A lâmina deslizou para longe de ambos, em direção ao poste onde Eloise estava amarrada. August caiu no chão, choramingando quando ele se transformou de volta, a dor de sua lesão forçando-o a mudar.

O macho com quem August estava estava ao lado dele em um instante, cobrindo-o enquanto lutava contra o loiro e outro macho do lado de Stellan.

Cavanaugh precisava ajudá-lo.

Ele agarrou a cabeça de Stellan e bateu com força contra o chão congelado, esperando que fosse o suficiente para mantê-lo para baixo por alguns segundos enquanto checava seu primo.

Ele empurrou Stellan e correu pela briga até August, abaixando-se sob os golpes enquanto os homens de Stellan tentavam detê-lo. Quando chegou a August, ele se ajoelhou e o examinou. O corte em seu ombro era profundo, mas não era uma ameaça à vida. Ele deu um suspiro de alívio quando August abriu os olhos prateados, olhando para ele.

— Idiota. — Cavanaugh murmurou e ajudou-o a se levantar. Ele se virou para o companheiro, que ainda estava se afastando dos dois homens, as costas largas para Cavanaugh. — Levá-lo para a segurança.

— Não. Eu ainda posso lutar.

Cavanaugh não queria ouvir aquelas palavras deixando os lábios de August. Ele virou uma careta para seu primo e o homem ruivo não recuou. Ele ficou mais forte no tempo em que estiveram separados, e Cavanaugh ficou feliz em vê-lo. August tinha se tornado um macho poderoso, e o orgulho precisaria dele agora mais do que nunca.

— Bem. Mas se você se matar, é sua própria maldita culpa. — Cavanaugh bateu com a mão no ombro bom de August e então se virou e formou uma frente aliada com ele, enfrentando três dos machos do grupo de Stellan. Os outros dois jazem frios na neve.

Três contra três soavam bem para ele, mas ele tinha um encontro com outro homem.

— Você pode lidar com isso? — ele disse a August e o viu acenar com o canto do olho. — Seja cuidadoso. — Cavanaugh não esperou que ele respondesse antes de se jogar no homem loiro diretamente em frente a ele. Abaixou-se por baixo do primeiro golpe do macho, recuou para evitar o segundo e saltou para a frente para entregar um dos seus, aterrissando com força no maxilar do macho e virando a cabeça para a direita. O macho

perdeu o equilíbrio e quase caiu. Cavanaugh se esquivou dele, deixando seu primo para lidar com ele e foi atrás de Stellan.

Ele viu o bastardo de cabelo preto atirando para a faca novamente.

Cavanaugh grunhiu e enfiou com força o punho direito na algema que permanecia ao redor de seu pulso esquerdo, golpeando-o. Não se mexia. Ele precisava tirá-la. Ele olhou para a plataforma de pedra à sua direita e sorriu quando ele mudou de direção, indo em direção a ela.

No segundo em que ele estava ao alcance, ele cerrou os dentes contra a dor que estava chegando e balançou o pulso para baixo sobre a pedra cinza escura. O grilhão estilhaçou-se e ele recuou, fechando os olhos enquanto pedaços de metal espalhavam-se por toda parte.

Cavanaugh rugiu.

Stellan parou de procurar pela faca e se virou para encará-lo.

As pessoas entre eles mandaram a mensagem de Cavanaugh alto e claro também e saíram da linha de fogo. O espaço se formou entre ele e Stellan.

Os olhos verdes de Stellan brilharam e ele estendeu a mão por cima da cabeça, segurando as costas do suéter preto.

Ele não seria rápido o suficiente.

Cavanaugh rugiu novamente quando a transformação veio sobre ele, seus membros rapidamente mudaram para baixo de sua pele quando ele chutou, se lançando em direção a Stellan quando o macho jogou seu suéter e se atrapalhou com sua camisa.

Pêlo prateado varreu o corpo de Cavanaugh. Sua cauda brotou da base de sua espinha quando ele se soltou das calças e seu rosto se transformou, suas orelhas se movendo para cima e arredondando, e seus olhos ficando maiores. O mundo se iluminou. Os cheiros ficaram mais claros. O ar estava mais seco.

Ele abriu a mandíbula quando completou sua transformação e soltou um rugido mais longo enquanto suas patas batiam contra a neve, sua largura e suas garras lhe dando apoio na superfície escorregadia. Ele pulou em Stellan assim que o macho conseguiu tirar a blusa. Seus olhos verdes se arregalaram e Cavanaugh rosnou quando suas patas dianteiras atingiram o peito do macho, a força de seu golpe derrubando-o para trás. Stellan derrapou no chão e caiu.

As patas traseiras de Cavanaugh atingiram as pernas de Stellan e ele pousou em cima dele na neve. Antes que Stellan pudesse até mesmo resmungar pelo impacto, Cavanaugh atacou. Ele inclinou a cabeça, apertou as mandíbulas na garganta do macho e rosnou quando o sangue inundou sua boca.

Stellan gritou em agonia e levantou a mão, prata brilhando e chamando a atenção de Cavanaugh.

A faca.

Ele se aproximou dele, apontado diretamente para o pescoço.

Cavanaugh não queria recorrer a métodos tão vil de despachar seu inimigo, mas Stellan não lhe deu escolha.

Ele apertou com mais força com suas mandíbulas e puxou a cabeça para trás, arrancando a garganta de Stellan.

A lâmina diminuiu quando Stellan gorgolejou, o sangue bombeando da ferida feroz e se espalhando pela neve branca, espalhando-se para fora de baixo dele.

Cavanaugh rosnou quando o braço de Stellan caiu e a faca prateada o roçou, cortando seu ombro esquerdo. Ele cuspiu o conteúdo de sua boca no peito imóvel de Stellan e recuou, bufando enquanto respirava com dificuldade. O cheiro de seu próprio sangue se juntando ao de seu inimigo.

O mundo ao redor dele parou, ficando em silêncio enquanto todos os olhos giravam em sua direção.

Ele fechou os olhos e se concentrou, voltando à sua forma humana. Sangue derramando da ferida em seu ombro quando seus ossos voltaram ao lugar e sua pele varria seu corpo, revelando a pele rosada. Ele grunhiu e apertou a mão sobre o corte longo, interrompendo o fluxo de sangue em seu peito, e se ajoelhou na neve, respirando com dificuldade.

Alguém colocou um cobertor em volta dos ombros dele.

Outros se aproximaram, olhando para Stellan onde ele estava deitado com o olhar verde fixo no céu, cercado por uma poça de sangue vermelha.

Cavanaugh desviou o olhar, procurando a única pessoa que ele precisava ver agora, aquela que lhe dera forças para lutar.

Seus olhos percorreram todas as pessoas e depois para além delas, pelas vielas entre os prédios. Ele viu o que precisava ver lá, duas fêmeas carregando-a pelos degraus de madeira de sua pequena casa de dois andares perto da parte de trás da aldeia.

— Cavanaugh? — August agachou-se ao lado dele e ele olhou para seu primo, um olhar antes de se levantar, envolvendo o cobertor em volta dele e segurando-o com uma mão, ainda segurando o ombro com a outra.

Ele passou pela vila, inconsciente de todos enquanto tentavam falar com ele e seu primo enquanto tentava chamar sua atenção. A tagarelice de seus parentes desapareceu quando seu foco se estreitou para uma pessoa.

Quando ele chegou a sua pequena casa, as duas fêmeas estavam saindo. Elas inclinaram a cabeça, mas ele não prestou atenção. Ele subiu os degraus de madeira e entrou em sua casa, seguindo seus sentidos através da área de estar aberta até as escadas para o andar superior contra a parede de trás. Ele subiu lentamente e olhou para a direita, enquanto o andar seguinte e o único outro cômodo da casa apareciam. Ela estava envolta em cobertas coloridas em sua pequena cama que ficava diretamente na frente da curva no topo das escadas, contra a parede esquerda da sala.

Ele chegou ao topo da escada e olhou para a janela à direita da cama, olhando para os outros prédios e a vista para a praça. Seus parentes e sua

aldeia, tudo isso não significavam nada para ele agora. Eles podiam cuidar de si mesmos, porque ele precisava estar aqui, cuidando de Eloise.

Ele cuidaria da mulher que amava.

Ele se ajoelhou ao lado da cabeceira da cama perto da janela, de costas para a lareira enquanto a encarava, e soltou seu cobertor, deixando-o cair de seu corpo enquanto ele dedicava todo seu foco a ela. Ele acariciou seu cabelo emaranhado e molhado de sua testa fria.

Sua linda mulher.

Ela era a única no mundo para ele, e ela se tornaria sua companheira.

Ele engoliu em uma tentativa de acalmar seus nervos quando eles se levantaram novamente, um lembrete de que tanta coisa tinha acontecido nos dez anos que tinham sido forçados a se separar, e muito do que acontecera tinha sido culpa dele.

Tudo o que ele podia fazer agora era cuidar dela de volta à saúde e depois falar de seu coração, confessando tudo e esperando que ela ouvisse.

Tudo o que ele podia fazer era esperar que, quando tudo estivesse dito e feito, ela o tiraria de sua miséria.

Ela consentiria em ser sua companheira.

Ele havia derrotado Stellan e libertado seu orgulho, mas no fundo de seu coração ele sabia que sua maior luta ainda estava por vir.

Se ele pudesse ganhar isto, ele poderia ganhar a eternidade que ele queria com ela.

CAPITULO CATORZE

Eloise acordou com o som distante de alegria. Ele passava pelas paredes de sua casa. Uma celebração. Seu coração não se levantou com esse pensamento. Ele caiu em seu estômago e ela teve que lutar para puxá-lo de volta do poço do desespero.

Ela lentamente abriu os olhos e franziu a testa para o seu quarto. Um fogo queimava na lareira à sua esquerda, espalhando calor sobre ela, e ela olhou para ele enquanto reunia suas forças. Ela tocou as ataduras em torno de seus pulsos sob as grossas camadas de cobertas. Alguém havia tomado conta dela. Sua memória era irregular. Ela se lembrava de ter sido despida e amarrada. Ela se lembrava de ter visto Cavanaugh em uma jaula e ele chamando seu nome. Ela sabia que ele havia lutado.

Ela não tinha certeza do resultado dessa luta.

Suas lembranças ficaram embaçadas, uma mistura de ser libertada, vê-la em casa e, em seguida, a mais leve sensação de que alguém a colocara em um banho quente e cuidara dela.

A última parte deve ter sido uma das fêmeas que a libertaram do poste e a afastou da batalha.

Eloise empurrou as cobertas para trás, seus músculos doendo com a tensão. Ela amaldiçoou o quão fraca ela se sentia e lutou, não querendo deixar isso levar a melhor sobre ela. Ela era mais forte que isso. Ela tinha que ver o que aconteceu.

Ela balançou as pernas sobre a borda da cama, pressionou as mãos no colchão e, lentamente, empurrou em seus pés. Seus joelhos ameaçaram se dobrar, mas seguraram firme quando ela os trancou. Ela usou os móveis em seu quarto para se mover para o guarda-roupa e abriu o armário de madeira. Ela tirou suas calças térmicas grossas e um top térmico branco, e lentamente as vestiu, ganhando equilíbrio e força a cada segundo que ela

conseguia permanecer em pé. Ela os seguiu com um par de meias de lã e botas, e depois vestiu o suéter de lã branca.

As escadas até o nível do solo se mostraram mais um problema do que se mover em torno de seu pequeno quarto e ela quase caiu em um ponto, salvando-se segurando o corrimão de madeira. Ela bufou, deu-se um momento para se recuperar e depois continuou, passando por sua fadiga. Ela precisava chegar ao centro da aldeia.

Ela tinha que ver o que estava acontecendo.

Ela caminhou cuidadosamente pelo andar térreo, manobrando lentamente em torno de seu sofá e poltrona, e abriu a porta de madeira. O frio bateu forte apesar de todas as suas camadas e ela estremeceu, desejando que ainda tivesse as luvas e o chapéu que Cavanaugh lhe dera.

Seu coração caiu novamente ao som do nome dele.

Seus olhos procuraram a fonte do barulho na aldeia.

Uma enorme fogueira ardia no centro da praça à sua frente, parcialmente escondida pelos outros edifícios entre ela.

Ela fechou os olhos e agarrou-se ao batente da porta de madeira em busca de apoio quando seus joelhos enfraqueceram novamente. Era uma celebração.

Cavanaugh vencera.

Lágrimas queimavam as costas de seus olhos.

Ele era o alfa deles novamente.

Eloise respirou fundo, esperando que isso a firmasse. Seu coração lhe disse para voltar para dentro, trancar a porta e voltar para sua cama. Ela não precisava ver isso. Ela não precisava ouvir a alegria da aldeia.

Ela balançou a cabeça e rosnou através dos dentes cerrados. Ela era mais forte que isso. Ela tinha que vê-lo, mesmo sabendo que isso só iria

machucá-la. Ela precisava ver que ele estava bem, e então ela voltaria e faria o que seu coração queria, se afastando do mundo por um tempo.

Eloise desceu os degraus de madeira até a neve e vagou lentamente em direção à celebração. Todo o orgulho estava lá, conversando e rindo enquanto cercavam o fogo. Queimava brilhantemente, perseguindo de volta a escuridão da noite. Ela olhou para as nuvens espessas que obscureciam as estrelas.

Mais neve estava chegando.

Ela podia sentir o cheiro no ar fresco.

Ela tentou ocupar sua mente com tudo que precisaria fazer para se preparar para a tempestade, mas continuava voltando aos pensamentos de Cavanaugh quando se aproximou da celebração barulhenta. Ela se aproximou da avenida principal entre as casas, bem em frente à grande plataforma de pedra do outro lado da praça.

Cavanaugh estava ali, vestido com roupas escuras de inverno que abraçavam sua figura alta e larga, seu cabelo branco prateado contra a escuridão além dele, e a luz da fogueira cintilando em seus olhos enquanto ele ria com alguém.

Seu primo estava ao lado dele, parecendo um deus do fogo com seu cabelo ruivo vívido e seus puros olhos prateados. O macho levantou uma caneca fumegante e Cavanaugh fez o mesmo, batendo-as juntas. A cerveja local. Sempre foi muito forte para ela.

Cavanaugh havia rido do lado de trás da vez em que ela tentara e caíra bêbada quase instantaneamente, e então ele cuidaria dela.

O sorriso que florescia em seus lábios morreu quando ela viu as fêmeas ao redor da base da plataforma, e algumas das que estavam na plataforma, estavam olhando para Cavanaugh.

Seu coração fraturou, tão frágil quanto o gelo em seu peito.

Eloise cerrou os punhos e se forçou a olhar para o orgulho, para o quão felizes eles estavam agora, livres do governo de Stellan. Ela estava feliz por eles estarem seguros.

Mas também doía.

Ela sentiu como se tivesse acabado de destruir toda a sua esperança e sacrificasse sua única chance de estar com Cavanaugh.

A celebração era mais do que a derrota de um tirano. Era uma celebração de Cavanaugh se tornando seu alfa.

A mesma celebração que ela foi forçada a suportar uma década atrás.

Ele tinha quebrado o coração dela naquela época, assim como quebrou seu coração agora.

Eloise fungou de volta as lágrimas que tentavam encher os olhos e se afastou da comemoração.

— Eloise. — gritou Cavanaugh, sua voz profunda inconfundível quando se elevou acima do ruído, cortando-a com seu calor. Ela não podia olhar para ele. Não suportava ver como ele estaria sorrindo, como se nada estivesse errado. Como se não sentisse dor naquele momento, apenas felicidade. — Você está de pé… estou feliz em ver isso. Onde você vai? — Ela sentiu os olhos de todos virem repousar sobre ela e o amaldiçoou por chamá-la para fora quando só queria silenciosamente voltar para a escuridão.

A tempestade não duraria por um dia.

Ela teve tempo de fugir e estar longe deste lugar que só lhe trouxe dor antes de chegar a eles.

— Eloise. — O tom de voz dele era mais agudo, exigindo que ela olhasse para ele e respondesse sua pergunta.

Ela não podia negar a ele. Ele era o alfa de seu orgulho depois de tudo.

Ela se voltou para ele e sua respiração engatou em sua garganta quando o encontrou de pé perto da borda da plataforma do outro lado da praça, banhada pela luz do fogo. Deuses, ele era tão bonito. A visão dele só aumentou a dor que queimava dentro dela, um terrível lembrete do que ela havia sacrificado por causa de seu orgulho.

Ela inclinou a cabeça, incapaz de olhar para ele por mais tempo. — Longe.

— Longe? — Ela assentiu.

— Longe onde? — Eloise segurou as mãos na frente de seus quadris e considerou o que estava prestes a dizer. Ela não podia dizer a verdade, mas também não mentiria para ele.

— Em qualquer lugar, menos aqui. — disse ela.

Seu tom endureceu. — Por quê? — Ela franziu a testa, fechando os olhos com força. Ela não queria fazer isso na frente de todos, mas tinha que obedecer às regras do orgulho e responder a ele.

Eloise aspirou outro sopro de ar frio que limpou seus pulmões e sua mente, e encontrou forças para erguer a cabeça e olhar diretamente para ele. — Eu não posso ficar aqui. — O rosto de Cavanaugh escureceu, os cortes de prata de suas sobrancelhas caindo abaixo de seus olhos cinzentos. — Por que não? — Ela queria desviar o olhar, quase cedendo a essa necessidade, mas conseguiu continuar olhando para ele. — Porque... eu não posso suportar isso. — Ele se moveu para a beira da plataforma de pedra e a multidão entre eles se separou, deixando-a sentindo como se houvesse apenas ela e Cavanaugh.

— Você não pode suportar isso? — Ele franziu a testa para ela, uma ponta confusa ao seu olhar. — Você não tem motivos para sair quando não estará mais em perigo de ser forçada a um harém. — Ela o amaldiçoou por ver através de suas palavras a verdade embaixo, que ela queria deixar este lugar inteiramente e nunca mais voltar, e ela o amaldiçoou por mencionar o harém. Isso a fez olhar para as fêmeas que o cercavam, encarando-o com

uma mistura de adoração e surpresa. Mulheres de status. Mulheres que ele seria esperado para cama agora que ele era seu alfa novamente.

O coração de Eloise pegou fogo.

Ela deu um passo duro para a frente, para ele, cerrou os punhos trêmulos ao lado e olhou nos olhos dele. — Eu me recuso a ficar. Eu preciso sair. — Cavanaugh sacudiu a cabeça. — Eu me recuso a deixar você sair. — Ela tropeçou para trás um passo, as sobrancelhas franzidas enquanto procurava seu olhar, vendo que ele queria dizer o que ele tinha dito. Choque rolou através dela, raiva de que ele faria tal coisa com ela seguindo seu rastro.

Eloise fez uma careta para ele e disse: — Por quê? — Um suspiro coletivo percorreu os que estavam em volta dela. Eles murmuraram, sem dúvida falando sobre ela e o que ela acabara de fazer. Ela pegou uma pessoa chamando-a de desrespeitosa.

Cavanaugh sorriu, como se sua audácia tivesse divertido em vez de irritá-lo. Ou talvez gostasse que ela tivesse falado com ele, tratando-o da mesma maneira que quando eram mais jovens, antes de se tornar um alfa.

Ele colocou sua caneca ao lado de suas botas e se endireitou, fixando seu olhar cinza de volta nela. — Por quê? Você me trouxe de volta aqui e agora você está indo embora. Sou eu quem deveria estar perguntando por quê.

Eloise quase abaixou os olhos e disse resolutamente: — Não há razão para eu permanecer. Eu deixei este lugar para trazê-lo de volta por causa do nosso orgulho. Eu fiz isso e agora vou sair.

Ele não parecia estar ouvindo uma palavra que ela tinha a dizer sobre o que queria. — Você tem todos os motivos para permanecer. Esta é a sua casa.

— Eu ainda estou saindo. — Ela ignorou como todos murmuravam novamente, lançando uma carranca em sua direção.

Eles não podiam impedi-la e nem Cavanaugh conseguia. Ela havia decidido.

— Eu não posso deixar você fazer isso. — Ele franziu a testa para ela, sua expressão escurecendo novamente. — Você pertence aqui.

Eloise deu mais um passo e olhou para ele, sua raiva queimando em suas veias e se misturando com sua dor, formando uma combinação explosiva e perigosa que ameaçava tê-la esquecendo tudo sobre regras de orgulho e política, e dando-lhe um pedaço de sua mente.

Ela quase não conteve o grunhido que queria estremecer sua garganta e expirou com força, tentando expelir sua fúria para que ela pudesse falar razoavelmente com ele e fazê-lo ouvi-la.

Se ele sentisse alguma coisa por ela, se o que eles tinham compartilhado significasse alguma coisa para ele, ele a ouviria e a deixaria fazer o que ela achava que era certo para ela.

Ele pouparia a dor de que ficar só a causaria.

Ela sussurrou: — Deixe-me sair. — Suas sobrancelhas franzidas, seus olhos saltando entre os dela, e ela temeu que ele não lhe dissesse não novamente.

Ele ergueu a mão direita em direção a ela. — Há lágrimas em seus olhos. — Ela abaixou a cabeça e correu para longe, amaldiçoando-se por não perceber e deixá-lo vê-los e quanto isso estava machucando-a.

— Você realmente não quer ficar aqui comigo? — ele levantou e ela ergueu o olhar para ele e balançou a cabeça.

Ela jurou que ele parecia ferido no instante antes de sorrir.

— E se eu pedisse para você ficar? — ele disse.

Isso não mudaria nada. Ela desejava que isso acontecesse, mas não o faria, e ela não queria viver assim de novo, doendo toda vez que o via.

Ela fechou os olhos, atraiu forças e olhou para ele novamente, esperando ver nos olhos dela tudo o que sentia em seu coração. Havia apenas uma maneira de fazê-lo deixá-la ir, e isso era dizer as coisas corretamente e deixar seus sentimentos claros. Doeria como o inferno, e isso poderia machucá-lo também, mas era melhor do que ficar e suportar anos de dor. Ela daria uma rápida punhalada em seu coração por causa de uma longa tortura.

— Não. Eu não posso suportar isso. Eu não poderia naquela época e não posso agora. Eu não sou forte o suficiente. Por favor, Cavanaugh, deixe-me sair.

Sua expressão não mudou. Ele permaneceu impassível. — Eu não posso.

— Por que não? — ela gritou, sua voz ecoando pelas montanhas escuras.

Ele não respondeu a ela.

Lágrimas encheram seus olhos e ela tentou segurá-los, mas ela não tinha mais a força, não quando uma percepção terrível passou por ela.

Ele a forçaria a ficar. Ele a forçaria a vê-lo com outras mulheres, nunca com ela. Ela apertou o peito, puxando o suéter branco em seu punho.

— Eu não posso estar aqui, Cavanaugh. Por favor, não me faça ficar. Por favor, não me faça ver você de novo... com as outras. — Seus olhos procuraram os dele, uma selvageria a consumindo, impulsionada pelo pânico e pela dor esmagadora.

— Outras? — Confusão cintilou em seu rosto bonito.

Eloise fechou os olhos e engoliu em seco. — Compreendo. Eu conheço meu lugar.

— Eu não acho que você faz. — A dureza em sua voz profunda a fez olhar para ele.

Ele saltou da plataforma e caminhou na direção dela, a neve esmagando as botas. Ela recuou um passo, certa de que ele pretendia colocá-la em seu lugar.

Sua mão direita levantou.

Seu rosto suavizou e surpresa a reivindicou quando ele cuidadosamente enxugou as lágrimas com as pontas de seus polegares e, em seguida, segurou suas bochechas, inclinando a cabeça para cima. Seus olhos encontraram os dele.

— Eu não posso deixar você sair. — ele sussurrou.

Eloise fechou os olhos e se inclinou em seu toque, tremendo quando seu calor se infiltrou nela e seu perfume se curvou ao redor dela, acalmando sua dor.

— Eu não posso deixar você sair sem mim. — Seus olhos se abriram, saltando para os dele.

Ele sorriu e bateu forte, batendo a respiração dela. — Não há outras, Eloise, e nunca houve. Só existiu você.

Seus olhos se arregalaram.

Seu sorriso seguiu o exemplo, curvando-se mais, iluminando seus olhos. — O que você acha que viu, nunca aconteceu. Há apenas uma mulher para mim... há apenas uma que eu sempre desejei... e apenas uma que me deu forças para fazer o que eu queria. Você.

Ela abriu a boca para falar, mas ele balançou a cabeça, silenciando-a.

— Deixei o orgulho porque não poderia ter você, Eloise. Eu saí porque queria você e odiava as malditas regras que significavam que eu nunca poderia ter você.

Ela olhou para ele, cambaleando e lutando para absorver tudo. Ele disse a ela de volta na caverna que ela tinha sido a razão pela qual ele tinha

saído, mas ela não tinha percebido a verdadeira profundidade do que ele estava tentando dizer a ela.

Ela sabia disso agora.

Bateu dentro dela, uma bateria em seu sangue. Ele fluiu através de suas veias e deu-lhe força e coragem como tudo o que ela sentiu durante o curso de sua vida inteira de repente fez sentido.

— Você não conhece o seu lugar. — sussurrou Cavanaugh sério e bonito ao olhar nos olhos dela, os cinzentos suaves e cheios de afeição. — Porque você claramente não percebeu que seu lugar é comigo. Nada pode me afastar de você, você não consegue ver isso? Nada. Eu saí porque eu queria você e nada mais. Eu queria que a única coisa que pudesse me fazer feliz... me deixasse forte... e me fizesse sentir como o rei dessas montanhas.

Ele abaixou a cabeça em direção a dela, estreitando seu foco apenas para ele.

— Eu queria minha companheira. — Arrepios desceram por seus braços e coxas, espalhando-se sobre o couro cabeludo quando um sorriso surgiu em seus lábios e todos os seus medos e sua dor desapareceram.

— Eu sei que você também sente agora. — ele murmurou e acariciou suas bochechas com os polegares, seu olhar procurando o dela. — No fundo você sabe que fomos feitos um para o outro. Nós estávamos destinados a sermos companheiros.

Ela assentiu e ele sorriu para ela, uma luz enchendo seus olhos que a aqueceu. Seu Cavanaugh. Ela pensou que o tinha perdido de novo, mas ele estava bem aqui na frente dela, segurando-a e falando seu coração para ela.

Seu companheiro.

— Quando você percebeu? — ela disse, precisando saber porque só tinha acabado de amanhecer nela. Ela tinha acabado de juntar tudo e fez a descoberta que ele claramente tinha percebido por muito mais tempo.

Ele alisou os polegares sobre as bochechas dela novamente. — A noite antes de meu pai morrer, quando nós... — Eloise colocou a mão sobre a boca e corou enquanto ele murmurava o resto em sua palma. Ela não precisava que ele contasse a todo o orgulho sobre seus assuntos pessoais e como eles tinham sido os primeiros, e apenas um do outro.

Cavanaugh soltou sua bochecha esquerda, enrolou os dedos em volta do pulso e afastou a mão da boca. Ele deu um beijo nos nós dos dedos dela, os olhos dele fixos nos dela.

— Mas eu me apaixonei por você antes disso. — Aquelas palavras e o olhar de menino nos olhos dele roubaram o coração dela novamente. Ela só podia sorrir para ele enquanto olhava nos olhos dele, deixando tudo cair sobre ela e varrê-la para longe.

— Você estava apaixonada por mim também, não estava? — ele desmaiou e pressionou outro beijo em seus dedos.

Eloise virou a mão, capturando a dele e levou-a aos lábios.

Ela deu um beijo na palma da mão dele. — Eu ainda estou apaixonado por você. — Ela podia sentir o alívio dele quando passou por ele, mas a mesma emoção não passou por ela.

Ele a amava e ela o amava, mas era um momento agridoce porque ela sabia que não podia ser.

As regras que ele tinha falado ainda os separavam, e agora isso a machucaria mais do que nunca, porque agora ela sabia o quanto isso iria machucá-lo também.

Ela foi soltar a mão dele, mas ele segurou seu pulso, impedindo-a de se afastar.

— Você pode sair. — disse ele e seu coração caiu antes de levantá-lo novamente. — Mas você está saindo comigo. — Eloise sacudiu a cabeça. Ele tinha perdido a cabeça?

— Você não pode sair. — ela retrucou e olhou em volta para todos. — O orgulho... você é o alfa. — Cavanaugh alisou a palma da mão na bochecha dela e lentamente trouxe os olhos de volta para os dele. Ele sorriu para eles.

— Eu não sou.

— Você o que? — Ela olhou profundamente nos olhos dele, convencida de que ele realmente havia perdido a cabeça ou que alguém o acertara com muita força na cabeça.

Seu sorriso se alargou e ele olhou para o céu. — Eu perdi o direito de ser o alfa. Tudo o que fiz foi matar um alfa e liberar um lugar para um novo.

Ela balançou a cabeça, certa de que o mundo de repente tomou um rumo estranho, e olhou para o céu, seguindo seu olhar. A lua espiou por uma fresta nas nuvens.

Ele havia passado seu ápice.

Já estava diminuindo. Não está mais cheio.

Eloise baixou o olhar para ele. — Mas eu contei os dias... — Seu sorriso ganhou uma vantagem maliciosa. — Você pode ter perdido um... na caverna... quando você estava inconsciente.

— O que? — Eloise não podia acreditar. Ela estava apagada há mais de um dia e ele não lhe contara. Ele sabia que ela contava os dias. Ele não disse a ela que ela havia perdido um.

Ela só podia olhar para ele quando isso afundou, mandando sua cabeça girar e seu coração disparar.

Ele pôs os pés na aldeia depois que a lua ficou cheia.

Ele não era o alfa deles.

Seu sangue gelou um grau.

Mas ele poderia ser.

— Você derrotou nosso alfa. Você o desafiou e você ganhou. Você vai aceitar o direito do vencedor? — Seu coração disparou enquanto ela esperava que ele a tirasse de sua miséria, um fio de medo a percorrendo, mesmo quando ela sabia no fundo do seu coração que ele não queria ser o alfa deles.

— Não. — Ele colocou as mãos na cintura dela, lentamente, puxando-a para ele. — Eu nunca quis essa posição. Eu posso ter eliminado uma ameaça ao nosso orgulho, mas as regras que não posso respeitar ainda existem. Se eu tivesse assumido o papel de alfa novamente, meu título ainda seria uma barreira entre nós.

Ele já havia deixado passar para outro. Ele dera o orgulho a August.

Cavanaugh a puxou para mais perto ainda, até que ela pudesse sentir seu calor e ela desejou entrar em seu abraço.

— Eu nunca tive qualquer intenção de me tornar o alfa do orgulho novamente, Eloise. — Seus olhos dispararam entre os dela e seu sorriso travesso retornou, dizendo-lhe que ele teria encontrado uma maneira de atrasá-la se ela não tivesse ficado inconsciente. Ele poderia tê-la distraído por dias naquela caverna e ela não se importaria, porque parecia bom demais estar com ele. — Eu não tinha intenção de deixar nada ficar entre nós novamente. Eu saí porque eu queria você como minha companheira, não porque Stellan me derrotou. Eu errei... Eu deveria ter feito algumas coisas de forma diferente... mas tudo o que eu conseguia pensar era em passar cinco anos longe do orgulho, então eu poderia estar livre para estar com você. Eu estou livre para estar com você... e tudo que eu quero é para sempre com você.

Ela queria tanto e sabia que ele também. Ele havia feito uma vida para si mesmo em Londres, na boate, e talvez pudessem viver ali juntos. Ela queria isso.

— Você me quer? — Ele sussurrou e ela quase riu de como ele parecia nervoso e do modo como suas mãos tremiam contra ela.

Como se ela fosse recusar a única coisa que ela sempre quis.

Cavanaugh como dela.

Ela entrou nele, colocou os braços ao redor de seu pescoço e puxou-o para um beijo suave.

Ela sussurrou contra seus lábios.

— Eu sempre quis você por mais tempo do que eu me lembro. — Ele a pegou em seus braços e beijou-a com força, e ela corou quando um aplauso subiu, lembrando-a de que eles não estavam sozinhos.

Ela não se importava.

Tudo o que ela se importava era o macho em seus braços, segurando-a presa contra seu corpo, seus lábios queimando os dela com um beijo que derreteu seu coração.

Seu Cavanaugh.

Seu companheiro predestinado.

Tudo o que ela sempre quis.

CAPITULO QUINZE

Cavanaugh estava sentado no alto dos degraus de madeira do lado de fora da casa de Eloise, as costas contra a porta e o olhar fixo na praça distante e a celebração acontecendo ali. August ficara feliz em receber o título de alfa, levantando o peso dos ombros de Cavanaugh. Seu primo provou ser um macho forte e ficou feliz em deixar o orgulho em suas mãos.

Eloise suspirou e recostou-se contra ele. Ela sentou-se entre as coxas dele, os braços apoiados sobre os dele enquanto circulavam sua cintura. Ele segurou-a gentilmente, embora ela tivesse se recuperado de seus ferimentos. Ela ficou surpresa quando ele disse a ela que ele tinha sido o único a cuidar dela e o recompensou com um doloroso beijo quando ele prometeu que sempre tomaria conta dela. Foi uma luta negar sua vontade de atraí-la para seus braços e aprofundar aquele beijo, levando as coisas adiante. Ele queria fazer amor com ela e reivindicá-la como sua companheira.

Ele vinha lutando contra essa necessidade desde a noite em que ela chegara à fogueira e ele lhe dissera que ela era sua fêmea predestinada.

Ela colocou a cabeça no ombro dele e cantarolou junto com a música que o orgulho cantava, uma música folclórica tradicional que dava as boas-vindas ao novo alfa.

Ele apertou sua mão sobre ela, pensando dez anos atrás, quando ele tinha suportado ouvir aquela música e odiado cada segundo dela. Ele tinha desprezado a celebração de uma semana de sua obtenção do título de alfa. Isso fez com que ele sentisse profundamente que tudo com que se importava tinha sido cruelmente arrancado dele, à medida que cada parte tradicional da celebração lentamente o empurrava para um papel que ele nunca desejara.

Eloise deu um tapinha no braço dele, como se ela estivesse ciente de seus pensamentos. Ele tomou o conforto que ela oferecia, mantendo-a mais

perto dele e assegurando-se de que seus dez longos anos de sofrimento terminaram agora. Tudo o que ele queria estava de volta em seus braços.

De volta ao seu alcance.

Deixou cair um beijo no ombro dela, o grosso e quente suéter contra os lábios dele e depois deu um beijo na suave inclinação do pescoço dela. Ela estremeceu e riu.

Ela sempre sentiu cócegas ali.

Isso não o impediu.

Ele pressionou beijos na curva e um atrás da orelha dela, e então caiu um pouco mais abaixo, mais perto da nuca. Ela estremeceu por um motivo diferente e inclinou a cabeça, inclinando-a para longe dele e dando-lhe o acesso que ele queria. Ele tirou uma mão da cintura dela e girou o cabelo ondulado escuro com ela, segurando-a contra a parte de trás de sua cabeça.

Cavanaugh baixou os lábios até a nuca e beijou-a antes de lambê-la, acariciando a língua sobre a carne sensível. Um gemido escorregou de seus lábios e ele não pôde resistir ao impulso que o atravessou.

Ele abriu a boca, inclinou a cabeça e mordeu levemente a parte de trás do pescoço dela com os dentes sem cortar.

— Cavanaugh! — ela gritou, sua voz ecoando pela aldeia.

O canto parou.

Ela lhe deu uma cotovelada nas costelas, mas ele se recusou a soltá-la, afundando os dentes mais profundamente, e cobriu a boca com uma das mãos, sufocando outro gemido.

Ele tentou não sorrir quando ouviu a voz de August alto e claro, dizendo-lhes para conseguir um quarto.

Eloise deu uma cotovelada nele novamente e ele a soltou. Ela ficou de pé, girando para encará-lo, suas bochechas vermelhas na luz fraca.

Cavanaugh sorria agora.

Ele se levantou e segurou a mão dela, abrindo a porta atrás de si. Sua carranca desapareceu quando ela olhou para a porta aberta e depois para ele, e o cheiro de seu desejo o atingiu com força, arrancando um rosnado dele.

Ele a puxou para a pequena casa, mal dando tempo para ela fechar a porta antes de puxá-la para as grossas peles espalhadas em frente à lareira da sala de estar. Ele a soltou e ela diminuiu a velocidade, seus olhos passando por ele, fazendo-o queimar por ela.

Ele esperou, olhando para ela, seu peito arfando sob seu saltador e coração trabalhando enquanto tentava ser paciente. Ele precisava reivindicá-la agora. Ele não podia esperar mais. Tinha sido uma luta para esperar por toda a noite passada e hoje, dando-lhe tempo para se recuperar completamente, mas ele não tinha forças para aguentar mais.

— Eloise. — ele disse e ela respondeu-lhe, tirando as botas e tirando o suéter.

Ele sorriu quando ela puxou sua blusa também e agarrou sua calça. Deuses, ele amava essa mulher. Ela era escrava da mesma intensa paixão e necessidade que ele, sempre preparada para ele, faminta por outro gosto.

Ela franziu a testa quando estava em pé apenas de calcinha e ele ainda estava completamente vestido.

Ele se retirou e puxou seu sueter. Quando a cabeça dele se soltou do pescoço, Eloise estava bem à sua frente, seus dedos fazendo o trabalho rápido em sua calça. Ele gemeu quando ela empurrou-a para baixo e espalmou-o através de sua cueca preta, fazendo-o esquecer o que ele estava fazendo. Ele permaneceu com os braços ainda no ar, emaranhados em seu suéter, e a calça em torno dos joelhos, perdidos em quão bom era ter a mão sobre ele, mesmo que fosse através de uma barreira.

Sua mão subiu sob sua camiseta de manga comprida e ele voltou para o mundo. Ele deveria estar se despindo. Ele terminou com o suéter, pegou a bainha de sua camiseta e puxou-a para cima. Eloise ronronou.

Seus joelhos enfraqueceram.

Deuses, ele queria que ela ronronasse assim quando ele estivesse dentro dela.

Ele puxou a blusa e jogou-a de lado, e então parou de novo quando ela passou as mãos sobre o peito, explorando-a lentamente. Ele gemeu e inclinou a cabeça para trás, esquecendo tudo novamente quando ela trouxe seus lábios em jogo, beijando e lambendo o peito dele até o estômago.

Ela girou a língua em torno do umbigo e ele rosnou quando ela se ajoelhou sobre as peles, seu rosto nivelado com seu eixo dolorido.

Um brilho perverso entrou em seus olhos castanho-dourados.

Cavanaugh flexionou os dedos e pegou os troncos.

Eloise baixou a cabeça e começou a desamarrar as botas. Que diabos? Cavanaugh rosnou novamente e ela riu. Sirigaita. Ela queria levá-lo à loucura, e ele já estava no meio do caminho, enlouquecendo de necessidade.

Tirou com cuidado cada uma das botas e obrigou-o a tirar as calças, chegando até a tirar as meias dele.

Ele rosnou e estendeu a mão para ela, com a intenção de puxá-la para ele e beijá-la até que ela se derretesse nele. Ela estendeu a mão também, deslizou os dedos na cintura de sua calcinha, e ele só podia olhar fixamente para ela enquanto ela puxava para baixo de suas coxas, liberando seu pênis.

Ficou instantaneamente mais duro, sólido como aço e latejando de necessidade.

Ele diligentemente saiu de seus troncos, seu olhar colado a ela, esperando para ver o que ela faria em seguida.

Ela se levantou de joelhos, envolveu a mão em torno de seu comprimento e então envolveu sua boca ao redor também. Ele gemeu e engoliu em seco quando ela acariciou sua língua sobre a cabeça sensível, girando ao redor e enviando arrepios quentes para suas bolas.

— Eloise. — ele murmurou, fechando os olhos e se rendendo a ela.

Ela lentamente levou-o em sua boca, seu calor úmido rasgou outro gemido baixo dele e sugou-o quando ela se retirou.

Ele apertou a cabeça dela em uma mão e a guiou sobre ele, respirando com dificuldade enquanto lutava para manter algum controle. Ele precisava sentir seus lábios sobre ele, sentir seu pênis deslizando em sua boca quente e úmida, mas ele tinha que ficar no controle e parar de se render ao seu desejo de empurrar, mergulhando mais fundo, tomando cada gota de prazer que ela queria dar para ele.

Ele precisava estar dentro dela quando encontrasse a liberação desta vez, seu pênis enterrado em seu corpo e suas presas na parte de trás de seu pescoço.

Suas bolas apertaram apenas no pensamento e ele a empurrou para longe, respirando com dificuldade para se acalmar.

Ela sorriu e levantou-se, arrastando os dedos até o peito dele. Ele rosnou e mergulhou em sua boca quando ela estava perto o suficiente, reivindicando e deslizando a língua entre os lábios antes que ela pudesse protestar. Ele a beijou com força e a alcançou ao mesmo tempo. Ela engasgou em sua boca quando ele tirou o fecho de seu sutiã e o arrancou dela. O cheiro de sua excitação cresceu mais forte e ele gemeu, baixou as mãos para o traseiro e arrastou-a contra ele, empurrando seu pênis contra sua barriga.

— Cavanaugh. — ela sussurrou contra seus lábios e ele queria ceder a ela, fazendo o que ela silenciosamente pediu a ele, mas ele precisava fazer outra coisa primeiro.

Ela gritou quando ele a ergueu e se virou com ela. Ele se ajoelhou nas peles e a deitou, e se separou dos lábios dela. Ele arrastou a garganta até o peito e chupou o mamilo esquerdo, girando a língua em torno dele, e depois a direita enquanto as mãos dele iam para o trabalho, empurrando sua calcinha pelas coxas. Ela se contorceu, levantando os joelhos, sentou-se e puxou a calcinha pelo resto do caminho.

Eloise colocou os pés em suas coxas e sorriu ao abrir as pernas lentamente, com as mãos sobre os seios ao mesmo tempo, os olhos encobertos e cheios de fome que ele queria satisfazer.

Ele rosnou, agarrou seus quadris e empurrou-a pelas peles, dando-lhe espaço. Ela fechou os olhos e jogou a cabeça para trás enquanto ele mergulhava entre suas coxas, passando a língua sobre seu cerne, provando seu desejo por ele.

Ele gemeu e agarrou o traseiro dela, levantando-o das peles, e devorou-a, alternando entre sugar seu doce mel e sacudir com a língua.

Eloise arqueou as costas, empurrando os seios para o alto, e ele olhou para eles, seu pênis pulsando enquanto ele passava sua língua sobre ela, do seu núcleo ao seu cerne, provando tudo dela. Deuses, ele precisava estar dentro dela.

Ele caiu mais baixo, sondando sua entrada com a língua, imaginando alimentar seu eixo dentro dela e enchê-la. Seu pênis latejava, chutando contra seu estômago, e ele resistiu a esfregar contra as peles para obter alguma satisfação. Ela gemeu quando ele subiu de volta para o seu cerne e o lavou, pressionou seus pés no chão, e se contorceu, balançando contra o rosto dele. Ela estava perto, seu corpo flexionando enquanto procurava a liberação.

Cavanaugh não podia esperar mais.

Ele a virou de frente, puxou os quadris para cima de modo que ela estava de quatro e entrou nela em um golpe suave, arrancando um grito de seus lábios. Ele grunhiu e se moveu para frente, mergulhando ainda mais fundo, e pressionou as mãos nos ombros dela, prendendo-a às peles. Ela

gemeu com o primeiro impulso profundo de seu pênis e mordeu o lábio com o segundo, acendendo uma necessidade dentro dele que ele estava lutando. Queimava através dele, mais poderosa do que antes, devastando sua contenção.

Ele deslizou as mãos por baixo dela, puxou-a para que as costas dela pressionassem contra o peito dele, e segurou seus seios enquanto afundava suas presas na parte de trás do pescoço dela.

Ela gritou novamente, um latido agudo de prazer que o fez rosnar contra seu pescoço. Apertou-a mais, mantendo suas presas em cheque da melhor maneira possível, impedindo-as de se tornarem grandes demais e danificá-la. Ela gemeu e mudou as pernas mais largas, afundando-se mais nele.

Ele gemeu com ela e começou a empurrar, os golpes curtos e rasos, tanto quanto ele conseguia, enquanto mantinha seu controle sobre ela. Ele não podia deixá-la ir. Ele precisava segurar sua fêmea até que ela encontrasse a liberação e ele também a encontrasse, juntando-se a eles e despertando o vínculo entre eles.

Eloise balançou sobre ele, alternando entre girar seus quadris e empurrando, sua respiração vindo mais rápida. Ele grunhiu e bombeou com mais força, empurrando mais fundo nela enquanto segurava o pescoço dela, seus instintos despertando e começando a tomar conta dele. Eloise jogou uma mão sobre a cabeça e passou as unhas na nuca dele, arrancando um resmungo feroz dele quando o prazer desceu por sua espinha até suas bolas. Ele dirigiu com mais força para dentro dela e deixou cair uma mão em seu monte, deslizando os dedos entre as dobras para brincar com seu feixe de nervos enquanto ela se arqueava para frente, dando-lhe melhor acesso ao seu corpo.

Ele agarrou o seio direito com a outra mão, beliscando o mamilo enquanto mergulhava nela. Seu sangue cobria sua língua, o doce sabor dela o drogava, fazendo-o empurrar mais e mais fundo, um escravo de seu desejo de satisfazer sua companheira. Ela gemia e se movia com ele, empurrando contra ele, suas garras arranhando a parte de trás de seu pescoço enquanto

cresciam. Ele estremeceu e balançou mais profundo, grunhindo cada vez que ele deslizava em sua bainha quente, seus quadris bombeando furiosamente.

Seus dedos dançaram entre suas coxas e ela se agitou ao redor dele, ofegando quando ela agarrou a nuca dele e inclinou a cabeça para trás, pressionando-a contra a dele.

Cavanaugh mordeu com mais força.

Eloise gritou.

Seu corpo estremeceu ao redor dele quando ela ficou tensa, agarrando-o com força dentro e ao redor de sua nuca. Sua liberação o escaldou, quente e escorregadio enquanto ele dirigia nela, empurrando descontroladamente, empurrando-a para encontrar outro com ele. Ela empurrou para frente e gritou novamente quando ele gozou, derramando-se dentro dela, todo o seu corpo tremendo com a sua libertação.

Cavanaugh respirou com força contra sua garganta, agarrando-a a ele, seus dentes ainda enterrados em seu pescoço. Ela gemeu quando afundou de volta nele, suas costas grudadas contra sua frente, e lentamente soltou seu pescoço. Deixou cair uma mão no colo e uma no seio, pegando as duas e deslizando os dedos entre as dele, ligando-as.

Ele conseguiu se convencer a soltá-la e cuidadosamente removeu suas presas da parte de trás de sua garganta. Ele lambeu as marcas que tinha deixado nela, limpando o sangue.

— Sinto muito. — ele sussurrou e passou os braços em volta dela, arrastando os braços com ele. — Machucou? — Ela balançou a cabeça e ele lambeu suas feridas novamente antes de acariciar seu ombro. Ela levou as mãos ao rosto e beijou-as.

Cavanaugh fechou os olhos e saboreou as sensações que se formavam dentro dele, ficando mais fortes a cada segundo que passava. Seu vínculo. Ele podia sentir isso tecendo-os juntos.

— Deuses, eu te amo, Eloise. — ele sussurrou contra sua pele e ela se moveu.

Ele sentiu sua necessidade e a soltou, permitindo que ela se libertasse dele e viesse a encará-lo. Ela se acomodou no colo dele, as pernas ao redor da cintura dele e procurou nos olhos dele. Ele podia sentir todas as suas emoções, toda a sua felicidade, toda a sua esperança.

Todo o amor dela.

Ele a beijou antes que ela pudesse dizer as palavras que ele estava esperando a vida inteira para ouvir, já capaz de ouvi-las em seu coração e em sua alma através de sua ligação.

Ela colocou os braços ao redor de seu pescoço e devolveu o beijo antes de lentamente se afastar e sorrir para ele, seus olhos cor de mel transbordando com as emoções que ele podia sentir nela.

— Eu também te amo, Cavanaugh.

Ele não conseguia parar de beijá-la novamente.

Eloise era finalmente dele. Parecia um sonho, um que ele pensou que nunca se tornaria realidade.

Ele tinha muito a compensar, perdido tempo e mil erros incluídos.

Ele passaria o resto da vida mostrando o quanto a amava e compensando tudo o que fizera de errado e a cada segundo que eles se separavam.

Porque ele se sentia o mais sortudo filho da puta vivo quando beijou Eloise, ciente do incrível presente que ela lhe dera.

Ela lhe dera tudo o que ele sempre quis.

Ela havia lhe dado para sempre.

Para sempre com ela.